Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Pitelra Santos**

Ano 63.° N.° 21 276
Outubro 1983
Ssegunda-feira

10 20$00

Um êxito pessoal e uma vitória de Abril

Não nos propomos traçar um balanço da visita a Portugal do presidente da República Popular de Moçambique. A visita não terminou. Mas, não será necessário aguardar o seu termo para se poder afirmar que raras vezes uma «visita de Estado» terá dado lugar a manifestações populares tão calorosas e significativas. Não foi só a amizade entre dois povos que, perante a História, ficou consagrada não como uma evocação passadista, mas como uma perspectiva de futuro cooperante e fraterno. Foi a evolução política e psicolgica do Portugal de Abril, do Portugal livre e democrático, que foi demonstrada de maneira inequívoca.

Não pretendemos minorizar o que no êxito da visita é fruto da acção dos homens que, em Moçambique e em Portugal, a prepararam; nem poderíamos ignorar o que para esse grande êxito contribuíram a consciente decisão política de Ramalho Eanes e o talento político, a imaginação, a espontaneidade, o calor humano de Samora Moisés Machel.

Seria, todavia, injusto, não valorizar, de parte do povo de Portugal, a atitude anticolonialista sincera, o sincero rompimento com a mentalidade tacanha dos «saudosistas do Império», dos «revanchistas colonialistas». Se é fácil à mesa de negociações, ou nas tribunas políticas, repudiar a intenção neocolonialista e afirmar que o passado colonial está enterrado e esquecido, não é igualmente

Continua na pág. 24

Esta manhã em Tancos

Samora presta homenagem aos pára-quedistas

Batalha, Coimbra, Porto e Guimarães constituíram verdadeiro "banho de multidão"

Dois momentos de um domingo triunfal: saudando a multidão, na Batalha e com a capa de estudantes, em Coimbra

Depois das sucessivas homenagens ao povo português, uma homenagem especial aos militares. Foi esta manhã, em Tancos, base de pára-quedistas que há dez anos ainda partiam para a guerra colonial. A cerimónia, que se revestiu de alto significado, decorreu cerca das 11 horas, tendo o presidente moçambicano viajado de helicóptero desde Guimarães, onde pernoitara.

Continua na pág. 24

Reportagem nas págs. 4, 5 e 6

Vidreiros marcham sobre Lisboa

Pág. 11

ENVIE JÁ AS SUAS COLECÇÕES

VIDA DL 83

Leia instruções na pág. 2

Luz: explosão de Diamantino aproveita gazúa de Chalana

Chalana (sempre estorvado) funcionando como gazua e Diamantino disparando o «tiro de raiva» que deu a vitória ao Benfica sobre o Porto ajudaram a colocar a águia no topo do campeonato nacional de futebol, num espectáculo entre moldura impressionante que ficou marcado pela persistência defensiva dos portistas e pela bela exibição de Álvaro Shéu, Manniche e Stromberg, já para não falar que todo o «show» foi correctíssimo esteve impecável arbitragem. Um modelo para a história do futebol-83.

Pág. 15 e 17

A visita de Eanes aos Açores

Custos da insularidade ou da incompetência?

A visita de Eanes aos Açores estava a chegar ao fim. Decorria, não a última ceia, mas o último almoço, perto de Rabo de Peixe, em S. Miguel. E decorria animado, quando o chefe da Polícia se dirigiu a um jovem impecavelmente vestido, elegante, íntimo colaborador de Mota Amaral, assim uma espécie de chefe de protocolo. Disse-lhe.

Sr. Cabral, isto está muito atrasado. É preciso apressar.

Seráfico, discreto, o jovem retorquiu:

Não tem importância. Convém que se atrase mais.

É um pequeno episódio, este. Talvez sem importância, dirão. Mas significativo: Eanes, depois de almoço, iria encontrar-se com representantes dos partidos políticos com assento na Assembleia Regional, teria um breve encontro com os jornalistas que haviam ficado retidos durante dias nas Flores e, antes de ir para o aeroporto tomar o avião de regresso, ainda queria visitar o seu mandatário na região aquando das presidenciais. Convinha, pois, atrasar. Mota Amaral já tinha «mostrado» Eanes aos açorianos e era preciso que ele tivesse o mínimo de contactos, especialmente os que poderiam levantar problemas e criar distorções na imagem tão laboriosamente fabricada.

Pontapé de saída?

A visita de Eanes aos Açores foi isso mesmo: programa apertado, a saltitar de ilha para ilha, Mota Amaral a fazer marcação cerrada, sempre, sempre ao lado do Presidente, sorrindo, mostrando, exibindo, seguido de perto por membros do executivo regional e de uma corte luzidia de figuras locais.

Uma preocupação evidente: afastar os autarcas, nomeadamente os que, à partida, se sabia poderiam vir a contestar a governação. Daí a preparação um tanto sigilosa da deslocação presidencial, sem convites atempados e divulgação pública dos locais e horas de passagem da comitiva presidencial. Pompa e circunstância apenas em três locais, onde, era certo, tudo estaria bem: aeroporto no Corvo, Assembleia Regional na Horta e imposição de condecorações em Ponta Delgada.

A oposição – do PS ao PCP, passando pelo CDS – protestou, adiantando razões diversas, tendo, no ar, ficado a sensação nítida de que Mota Amaral pretendeu sofregamente chamar a si os louros da visita do homem mais popular nos Açores.

Porém, nem só a oposição protestou: gente do próprio PPD comentava à boca cheia o que se estava a passar e a Assembleia Municipal de Santa Cruz das Flores aprovou mesmo uma moção, por unanimidade, manifestando o seu desagrado pela forma como a visita fora programada.

Que Mota Amaral, com esta visita de Eanes, quisera dar o pontapé de saída na campanha para a Assembleia Regional – disseram uns; que Mota Amaral, com esta colagem, pretendera dar o sinal para voos mais altos – disseram outros.

De qualquer maneira, lembro o sorriso irónico de Eanes ao falar com jornalistas: fora apenas mais uma das muitas deslocações que tem feito por esse país fora. Evidentemente, com características específicas: dera só para conhecer superficial e apressadamente algumas realidades insulares.

Incompetência ou má fé

Esta visita de Eanes ficaria ainda marcada por um insólito e inacreditável episódio que envolveu os jornalistas que, era suposto, e deveriam cobrir a par e passo.

Como é do domínio público, ficámos retidos cinco dias na bela ilha das Flores. Porquê? A resposta é simples: ou por incúria e incompetência de quem programou a viagem, ou por nitida má fé. Vejamos.

A Direcção Regional de Comunicação (DRCS), organismo estreitamento controlado pelo governo regional, organizou a viagem dos jornalistas, tendo, no caso dos profissionais de informação açorianos, pago até todas as deslocações e estadia.

Mas organizou como? À partida, e alegando que a Força Aérea não havia posto à disposição meios para tranposrtar jornalistas, afastava-os de três ilhas – Terceira S. Jorge e Graciosa, por acaso as mais afectadas pelo sismo de 81 e onde são mais visíveis os sinais de incapacidade (dizem) até que de corrupção) dos responsáveis pelas obras de reconstrução

(Fontes próximas do ministro da República para os Açores deram, no entanto, outra versão: nunca o governo regional pedira meios à Força Aérea para transportar jornalistas. Pelo contrário, desde a primeira hora a DRCS informou ter um esquema paralelo para os profissionais da comunicação social)

Fosse como fosse uma coisa é indiscutível: não faz sentido que se tenha querido programar a cobertura informativa da visita presidencial metendo os jornalistas em carreiras comerciais, voando em dias diferentes da comitiva presidencial... Que diabo: com a «influência» que o governo regional tem na SATA (Companhia Aérea dos Açores), não teria sido possível programar voos especiais para as Flores e S. Jorge nos dias em que o Presidente Eanes lá iria? Claro que podia, a exemplo, de resto, do que aconteceu com o voo especial da SATA no sábado, dia 1, da Horta para Santa Martia e S. Miguel.

Escolham, portanto: ou incompetência, ou má-fé.

Os custos da insularidade...

Mas nesta história insular há mais: a DRCS não foi capaz de prever a eventualidade do mau tempo nas flores, frequente nesta época do ano. E isso «furou» os projectos do governo açoriano, que se viu a braços com um problema com que não contava e se mostrou incapaz (ou desinteressado?) de resolver.

Será curioso sublinhar, por exemplo, que nos dias em que estivemos «exilados» nas Flores apenas o Presidente da República deu sinais de estar preocupado com a situação que nos fora criada, chegando inclusivamente, através do seu porta-voz (que teve um comportamento exemplar no seu relacionamento com os profissionais da Comunicação Social) a entrar em contacto connosco, dando conta dos esforços desenvolvidos para que tudo se resolvesse.

Enquanto isso, o Governo Regional quedou-se por um silêncio olímpico. Já em S. Miguel soubemos que alguns dos governantes acharam muito bem que os jornalistas tivessem ficado retidos nas Flores, *«para saberem o que são os custos da insularidade»*... E a senhora de Monjardino (presidente da Assembleia Regional) chegou até a dizer alto e bom som que os jornalistas do continente eram uns intrometidos, que não tinham nada que se imiscuir nos assuntos da Região, congratulando-se pela sua retenção na pequena ilha, falando igualmente nos custos da insularidade (o conceito que esta senhora e muitos governantes regionais têm da informação é elucidativa: recentemente o casal Monjardino, que se deslocou aos EUA para proferir uma palestra, fez-se acompanhar de uma equipa da RTP Açores, para que os seus conterrâneos pudessem ver imagens de tão importante acontecimento... Mas sobre a dependência e sujeição da informação regional falaremos noutra altura. É arrepiante!)

Cedo ou tarde?

Claro que nesta história insular entra também a Força Aérea.

A sua má vontade foi evidente: apesar do PR ter insistido desde quinta-feira para que nos fossem buscar, os responsáveis alegando desfavoráveis condições atmosféricas só no sábado lá foram, com dois helicópteros. Isto quando, no sábado, estava mesmo mau tempo, o que não acontecera por exemplo durante toda a tarde de sexta-feira. Aliás, as informações prestadas ao PR ao longo de sexta-feira foram contraditórias e estranhas, obrigando Eanes, no sábado de manhã, a não querer saber de mais nada, ordenando secamente para tirarem os jornalistas das Flores «custasse o que custasse».

É evidente que se torna difícil saber exactamente o que é que se passou e que bizarras guerras de poder e influência se travaram nos bastidores. O que veio ao de cimo, isso sim, foi o mal estar existente entre a Força Aérea dos Açores e o Governo regional, envolvidos em conflitos de alecrim e manjerona que terão por epicentro uma «partida» pregada por Mota Amaral ao responsável máximo pela Força Aérea no arquipélago. Então não é que depois deste ter anunciado em conferência de Imprensa que a FA tinha adquirido o ilhéu do Topo (em S. Jorge) para campo de treino de tiro, a Assembleia Regional, no dia seguinte, aprovou uma proposta governamentap declarando o ilhéu «reserva natural»?

CLARO que se contam muitas histórias da guerra entre a FA e as autoridades regionais, que disputam as honras das inaugurações dos aeroportos que foram sendo construídos pelas ilhas. Histórias que até metem bidões estrategicamente colocados nas pistas por ordem do governo regional para que aviões não pudessem aterrar...

Mas, enfim, esse será outro aspecto dos custos da insularidade. Ou, para ser mais preciso, dos custos da incompetência que todos nós fomos suportando.

E por falar nisso: como Mota Amaral disse nos EUA, ainda será cedo para entrar, ou desistir, da corrida para Bélem?

Ribeiro Cardoso

Envie Já as suas colecções!

Com a repetição dos 30 cupões, terminou a primeira fase do nosso grande CONCURSO VERÃO 83, durante a qual os nossos leitores puderam reunir um verdadeiro Álbum sobre o grande artista que foi Carlos Botelho e a sua participação criativa no «Sempre Fixe». Resta agora a segunda fase, não menos interessante para os nossos leitores: trata-se da distribuição dos magníficos prémios «Nissan-Datsun» e «Philips» que temos para lhes entregar.

Mas é essencial que os nossos leitores enviem rapidamente as suas colecções, pois o prazo de entrega termina no próximo dia 25 de Outubro (data do carimbo do correio), estando o sorteio marcado para cerca de quinze dias depois desta data.

Por isso, amigo leitor,

ENVIE JÁ AS SUAS CO LECÇÕES.

Para:
DIÁRIO DE LISBOA-/CONCURSO
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

Lembramos que:

- **O LEITOR** deverá usar apenas um boletim por cada colecção, e enviar uma colecção em cada sobrescrito. (Se enviar mais de uma colecção no mesmo sobrescrito, elas serão numeradas com numeração seguida).
- **O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO** deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade), morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal.
- **O TALAO-RECIBO** deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado terá de juntar um selo de correio de 16$00. Coloque o selo visivelmente junto do Boletim, de forma a não o inutilizar (não use fita gomada, não agrafe e não cole).
- **O ENVIO PELO CORREIO** é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções.

★

O leitor pode adquirir os exemplares que lhe faltam (completando assim a sua colecção e, sobretudo, o seu «Álbum Sempre Fixe», este ano dedidado ao grande artista Carlos Botelho), ao preço normal nos nossos serviços na Rua Luz Soriano, 15 a 17, 1200 Lisboa.

Também mediante pagamento antecipado em cheque, vale de correio ou selos (20 escudos, acrescidos de 13 escudos de portes por exemplar), poderão os nossos serviços enviar através dos CTT os exemplares que desejar.

política de A a Z

A mensagem que vem do Brasil

LOGO na primeira página do livro, o autor diz assim: «Os problemas tratados nas páginas que seguem são de **política económica,** *portanto dizem respeito ao governo da coisa pública. O tom de denúncia que aflora em algumas páginas será compreendido por quem tem consciência da gravidade da situação a que foi conduzido o nosso País. Durante muitos anos fomos vítimas de políticas marcadamente anti-sociais que contribuíram para agravar malformações que nos vêm do passado. As desigualdades sociais se aprofudaram, a massa dos excluídos cresceu ao mesmo tempo que se instalava a classe média na ilusão de uma prosperidade sem limites. Agora descobrimos que também fomos vítimas de uma série de engodos, que o país foi hipotecado a banqueiros estrangeiros e que foram assinados acordos com instituições financeiras internacionais que implicam derrogações da nossa soberania.»*

Livro de autor português sobre a situação política e económica de Portugal? Não. Livro de autor brasileiro sobre a situação do Brasil. Escreveu a página transcrita Celso Furtado, antigo ministro do Planeamento do governo do presidente João Goulart, professor, economista de reputação internacional. O livro tem por título aquela breve palavra que um grande homem, que projecta a sua sombra na História de Portugal e na História do Brasil, o Padre António Vieira, considerava «terrível» – o título do livro é: «Não». No subtítulo: «Não à recessão e ao desemprego», o conteúdo e a força do «terrível» NÃO se esclarece.

O economista Celso Furtado vinha defendendo, nos seus livros «O Brasil pós-milagre» e «A Nova Dependência», que a situação económico-financeira do Brasil exigia «uma ampla renegociação da dívida externa brasileira», neste seu livro – «Não. Não à recessão e ao desemprego» – preconiza a «declaração unilateral» de uma moratória (relativa à dívida externa brasileira) e o «rompimento» com o FMI.

Para Celso Furtado, no caso do Brasil: «Não se trata de uma crise, circunscrita a certos sectores económicos, de desajustamentos criados por uma conjuntura internacional adversa. É o sistema económico como um todo que se encontra à deriva.» Consequentemente – seguimos o texto do economista brasileiro e à cada passo nos reencontramos a pensar no «caso de Portugal» – só as actividades especulativas prosperam, estão estancados os investimentos reprodutivos, agrava-se o subemprego, aumenta o desemprego ameaçando atingir níveis socialmente incomportáveis, compromete-se a política de luta contra o subdesenvolvimento, adopta-se uma política de recessão económica com a designação genérica e ilusória de «política de austeridade».

Reconhece Celso Furtado, no «caso do Brasil», que: «É verdade que hoje temos uma grande dívida externa cujo serviço reduz nossa capacidade de investimento e de importação. Mas isso não nos deve impedir de trabalhar e produzir, e de dirigir nosso próprio desenvolvimento.» Este parece ser também, o «caso de Portugal»; também, apesar da grande dívida externa portuguesa, a economia de Portugal não deverá ser condicionada por compromissos e servidões internacionais, nada «nos deve impedir de trabalhar e produzir, e de dirigir o nosso próprio desenvolvimento».

A economia portuguesa está ameaçada, na sua capacidade produtiva e na diversidade dos sectores de produção tanto pela política de integração na Europa, como pelos acordos com o FMI. Os acordos com as comunidades europeias sacrificarão sectores da produção nacional com consequências previsíveis, mas que o Governo ainda não concretizou em termos contabilísticos; os acordos com o FMI levam mais longe esses condicionamentos. Pensando no «caso do Brasil», o economista Celso Furtado questiona: «E o que é preciso para recuperar o controlo da economia?» E, de imediato, responde: «Em primeiro lugar, liberar-nos da tutela do Fundo Monetário Internacional (FMI) e, em segundo, definir soberanamente as condições em que o Brasil satisfará os seus compromissos financeiros externos no contexto da crise internacional. Os dois problemas estão ligados, pois o Brasil não aceitou a tutela do FMI de moto próprio...» Celso Furtado entende que «O FMI em si mesmo não tem importância, pois os recursos que aí se podem obter são modestos». O que dá importância aos acordos com o FMI, segundo o economista brasileiro, é a crcunstância dessa instituição ter sido transformada, mediante a prática de um regime de condicionamentos rígidos relativo ao sistema de crédito, «em instumento para impor aos países do Terceiro Mundo normas tendentes a aprofudar a internacionalização de suas economias, que deixam de ser sistemas autocontroláveis para tornarem-se extensões do mercado internacional».

Ou , se pensarmos na problemática da adesão de Portugal ao Mercado Comum, teremos uma situação paralela: deixaremos de ter um sistema económico autónomo, passaremos a ser uma «extensão do mercado europeu». Sofrendo, em consequência da eventual integração europeia, «condicionamentos sectoriais» que desfigurarão um sistema económico autónomo e autocontrolável, livre de fazer a sua própria política económica, livre de diversificar as suas relações económicas.

«Os acordos que o Brasil assinou em Janeiro com o FMI restringem consideravelmente – na opiniõ de Celso Furtado – a liberdade das autoridades nacionais no plano da política económica». E acrescenta: «Portanto, nada se pode fazer sem romper essas amarras. Trata-se de condição necessária para recuperar as prerrogativas do Estado soberano nas negociações com os credores privados. A simbiose do FMI com os grandes bancos criou uma situação ambígua que permite a instituições privadas estrangeiras influenciar os rumos da nossa política económica».

A adopção de medidas impostas por entidades estrangeiras, ou copiadas da prática de países estrangeiros, como sucedeu no caso dos «preços subsidiados», se reduz encargos financeiros, agrava os problemas económicos sectoriais (rações alimentares, adubos, combustíveis) com penosas repercussões económicas e sociais: a crise da agro-pecuária, a crescente dependência do estrangeiro quanto aos recursos alimentares, a escalada dos preços dos produtos agrícolas e pecuários.

Nem a desfavorável conjuntura internacional, nem a «crise do petróleo», nem a adaptação do País às liberdades democráticas poderão explicar, indefenidamente, a evidente ausência de uma estratégia económica que sirva e robusteça a independência nacional. Quando à diligência prioritária – a integração na Europa – se anunciam alternativas (Mário Soares, Antóno Marta), ou se formulam melindres (Jaime Gama), quando as «condições do FMI» se revelam gravosas e o próprio FMI se debate com os seus problemas, é tempo de escutar com ouvidos portugueses, de ler com olhos portugueses, o que escreveu um economista com a experiência política e técnica do criador da SUDENE.

Celso Furtado, do Brasil, envia-nos esta mensagem: **«NÃO. Não à recessão e ao desemprego».**

ponto a ponto

O escritor **Joaquim Namorado** foi homenageado pela cidade de Coimbra. Numa cerimónia que teve lugar nos paços do concelho, o presidente da Câmara Municipal de Coimbra entregou a Joaquim Namorado a Medalha de Ouro da cidade. Usaram da palavra Mendes da Silva e António Pedro Pita que valorizaram o contributo cultural e a acção do escritor, do professor, do antifascista Joaquim Namorado. O homenageado falou da vida social, cultural e política de Coimbra.

O veleiro «Pogoria» da Armada polaca chegou ontem de manhã a Lisboa, uma das primeiras etapas de um cruzeiro de dez meses.

Neste cruzeiro do «Pogoria», denominado «Escola sob Vela», participam 30 alunos (com idades compreendidas entre os 15 e os 16 anos) e 15 tripulantes-professores.

Trata-se de uma experiência educativa relacionada com a realização de um ano lectivo de uma turma sob o convés do veleiro, com um programa alargado às seguintes disciplinas: Religiões do Mundo, Filosofia, Elementos de Arqueologia e Etnografia, História da Cultura Geral e Navegação.

Segundo os seus promotores, este cruzeiro visa dar aos jovens um melhor conhecimento do «berço da civilização comtemporânea, doutras culturas e religiões e visitar os países que foram, durante séculos, potências marítimas».

A «Escola sob Vela» quer tornar-se «a escola do entendimento inter-humano, de amizade e respeito mútuo entre as diferentes raças, religiões e costumes», afirmam.

O vice-primeiro-ministro, Mota Pinto, interrompeu, ao fim da manhã de ontem, a sua viagem a Coimbra, onde se deslocou, para se avistar com o presidente da República Popular de Moçambique, Samora Machel, a fim de estar presente nas Meirinhas, Pombal, na inauguração de uma igreja.

Mota Pinto salientou todo o empenho da povoação na construção de diversos edifícios, nomeadamente um centro desportivo, um centro médico e a igreja, sem o auxílio estatal.

Sublinhou que a inauguração da igreja é uma obra comunitária, e referiu que visitou as Meirinhas para sentir as suas raízes, já que o seu avô nasceu nesta localidade.

Terceiro Mundo: atolado sem saída?

Carlos Alberto Chica / IPS

Os computadores, os bancos de dados e a telemática, constituem hoje uma espécie de mísseis silenciosos que perseguem o barco em que navegam as esperanças de progresso e desenvolvimento do Terceiro Mundo.

Caberá aos países em desenvolvimento desenhar, construir e disparar os contra-mísseis que possam deter os projécteis que estão prestes a torpedear o barco.

Não há dúvidas: o Terceiro Mundo está hoje num atoleiro mas ainda com saída, se se empenharem em procurá-la.

Este poderia ser um resumo figurado da exposição sobre «economia, novas tecnologias e comunicação» apresentada nesta cidade pela investigadora chilena, Raquel Salinas Bascur, perante a quinta assembleia geral de ASIN (Acção de Sistemas Informativos Nacionais).

A crescente proliferação de fluxos transfronteiriços de dados (FTD) e a digitalização da informação, são as duas características mais notáveis da revolução tecnológica experimentada no sector da Informação e da Comunicação.

Às desigualdades económicas e políticas do Terceiro Mundo em relação aos países industrializados, juntam-se agora às disparidades em matéria de acesso e controlo da Informação.

Como o delineou aqui o ministro das Comunicações da Colúmbia, Bernardo Ramirez, ao inaugurar a quinta assembleia da «ASIN», os países em desenvolvimento enfrentam hoje o desafio duma nova divisão internacional do trabalho.

«Enquanto estamos envoltos no falso problema daquilo a que frivolamente se chama 'má imprensa'»... a um local para nós desconhecido dos Estados Unidos, chegam anualmente cerca de 60 mil pedidos sobre as notícias básicas fornecidas pelo satélite «Landsat-4» acerca dos recursos naturais de todo o Mundo».

Os clientes – acrescentou o ministro – são agências governamentais e privadas, companhias mineiras e petrolíferas, Universidades. Enfim, toda a espécie de entidades, em certa parte dos países tecnicamente espiados».

«Quantos de nós vivemos em países que nem sequer têm uma mapa correcto, porque, como dizem os operadores dos satélites, os rios apareceram mudados de sítio, ou correndo na direcção errada?».

«O mais sério – sublinhou – é que essa invasão da soberania clássica realizada pelos satélites, quase revogando todos os livros de geopolítica, acaba por converter-se, de certa maneira, numa confusa vantagem... Porque fornecem informação, aparentemente barata, sobre os seus próprios recursos, a nações que não têm orçamento para levar a cabo onerosos estudos de superfície.»

Há já cerca de três dédcadas propalou-se a crença de que o atraso e a pobreza dos países do Terceiro Mundo, teriam os seus problemas resolvidos com o auge dos meios massivos de Informação. As novas tecnologias, especialmente devido à incursão dos satélites, foram apresentados como a panaceia para todos os males: analfabetismo, condutas alimentares inadequadas, baixo nível de instrução.

A situação de hoje é virtualmente a mesma de há três décadas.

Segundo Salinas, a diferença entre a ideia primitiva e a sociedade telmatizada de hoje, reside não no papel da informação, mas no facto de os processos de informação se terem institucionalizado.

Alguns autores sustentam que os novos progressos implicam o advento duma nova ordem, mas diferente da que solicitavam em princípio os países não alinhados e o Terceiro Mundo. A nova ordem não surge do desejo de superar a dependência, antes derivando dos beneficiários da actual ordem de dominação e expressa a sua intenção de manter tal dominação.

O acesso efectivo à informação e seu controlo é um factor importante em qualquer negociação.

A falta de informação tende a aumentar os custos actuais e futuros à parte mais vulnerável na negociação.

No contexto crescente das diferenças informativas, a questão do acesso à informação adquire a maior importância económica e política.

A Informação, tal como a tecnologia, alimenta-se a si mesma: «Se não tens informação para começar, ou para saber que informação precisas reunir, à inferioridade inicial aumentará e tornar-se-á perpétua.»

O centro das Nações Unidas para o estudo das corporações transnacionais afirma que se um país carece de dados sobre si mesmo, e sobre a situação internacional em que se encontra... pode dizer-se que lhe falta capacidade para decidir o seu próprio fututo.

Na nova divisão internacional do trabalho é, dado como certo que as indústrias de alta tecnologia, especialmente as do sector de informação, estarão predominantemente no norte.

Em 1972, os bancos transnacionais começaram a jogar uma etapa crucial nos empréstimos para os países em desenvolvimento.

Em 1976, cerca de 40 por cento da dívida total do Terceiro Mundo (75 biliões de dólares), deviam-se a bancos norte-americanos.

Um grande banco internacional gasta em média milhões de dólares por ano em equipamentos de telecomunicação e serviços informativos e gera cerca de 50 mil mensagens internacionais por dia.

O «City Bank» de Nova Iorque gasta cerca de40 milhões de dólares nas suas operações de telecomunicações internacionais que ligam as suas filiais em 100 países.

Em 1980, o Bank of América gastou 70 milhões de dólares em telecomunicações, 25 dos quais corresponderam à utilização de equipamento e serviços de comunicação internacional.

A «Society for Worldwife Interbank Financial Telecomunications» (SWIFT), por exemplo, liga mais de 700 bancos em 26 países e transmite mais de 250 mil mensagens por dia.

Em 1976, a «SWIFT» investiu um bilião de dólares nas suas redes e equipamentos. Os bancos vendem informação a utentes e clientes especiais.

Só este caso, o do sector financeiro, faz pensar que o apelo à criação duma nova ordem internacional terá de escolher como um dos seus alvos principais, o acesso à informação financeira.

Presidente da República Popular de Moçambique em Portugal

Machel no Estoril com empresários portugueses

Portas abertas para uma cooperação total

Numa perspectiva prática, focando a situação das economias de Portugal e de Moçambique o almoço do presidente moçambicano com cerca de duas centenas de empresários no Estoril-Sol constituiu um vector importante no cômputo da visita do presidente moçambicano.

Machel atraiu um número elevadíssimo de empresários. Digamos que fez esgotar a lotação. A expectativa era grande. Muitos desses empresários haviam formulado perguntas por escrito mas seria inviável num programa tão apertado dar respostas individuais. Assim o presidente moçambicano fez a síntese de todas essas questões e num discurso escrito mas em que, inevitavelmente introduziu os seus apartes, acabaria por responder de uma forma completa às dúvidas e interrogações de muitos dos homens de negócios que já trabalham com moçambique e de outros que desejam fazê-lo tão rapidamente quanto possível.

Samora Machel começou por traçar um quadro geral das potencialidades de Moçambique em cada área económica sublinhando as riquezas que estão ali por explorar. Tudo isto para concluir que aos empresários portugueses se abrem todas as portas para uma cooperação estreita, em todas as áreas. Em suma o que Machel propõe é juntemos os nossos recursos, as nossas capacidades e o nosso trabalho para uma cooperação em base de completa igualdade e reciprocidade de interesses e poderemos melhorar as condições de vida dos nossos povos.

O 'leader' moçambicano referiu que a Moçambique não interessa só planos a curto prazo, embora estes também sejam importantes. Salientou a necessidade de projectos e médio e longo prazo.

A capacidade do homem português

«O vosso empenho, a vossa determinação são bem vindos a Moçambique» – disse a certa altura Samora Machel que exaltou a inteligência, a capacidade e a criatividade do homem português.

Referiu-se também a casos concretos em que a cooperação económica com Portugal está a decorrer de uma forma exemplar e com plena satisfação para ambas as partes, como o caminho-de-ferro de Nacala.

Noutra passagem, o presidente de Moçambique salientou os frutos da visita que o Presidente da República, general Ramalho Eanes e mais tarde o então primeiro-ministro Pinto Balsemão haviam feito àquele país.

Mas com excluso de Jaime Gama os membros do governo presentes – Mário Soares, Mota Pinto – não pareceram muito atentos ao que estava a passar-se e para que a cooperação seja um facto é necessário uma sensibilidade histórica que este governo parece não possuir, como teremos oportunidade de explicar mais detalhadamente.

Samora Machel inventariou também as prioridades de Moçambique aparecendo à cabeça, como é natural, a agricultura. Aquele país necessita de aumentar as suas produções de milho, arroz, soja, trigo, café, algodão, vinho e tabaco.

Moçambique já está a produzir experimentalmente vinho mas Samora Machel quando se referiu a este produto fez uma pausa para dizer: «este é concorrente».

A cooperação tripatida foi focada pelo presidente moçambicano que sugeriu para Portugal um papel importante nas relações entre Moçambique e os países do Ocidente.

Mas a grande questão para os empresários era sem dúvida a da estabilidade, factor importante para qualquer investimento. Samora Machel revelou, conforme já tinha feito na Bélgica e na Holanda que a República Popular de Moçambique está a elaborar um código para o investimento estrangeiro que clarifique todas as situações. E sobre isso disse mais que eram bem recebidas todas as sugestões.

Que vai fazer o Governo

No final do encontro era visível a satisfação da maior parte dos empresários. Samora Machel inspirou-lhes confiança. Falta agora criar os instrumentos económicos para levar essa cooperação à prática.

O que esta visita representa para Portugal e as oportunidades que abre à economia portuguesa parece ser já uma questão que ninguém coloca. E mesmo os que ainda têm ilusões no folhetim da nossa entrada para a CEE reconhecem que devemos aproveitar ao máximo as oportunidades que agora nos são oferecidas, que representam o início de um novo ciclo histórico da presença de Portugal em África.

Entenderá assim o actual Governo? Há fortes razões para acreditar na sua pouca sensibilidade e num desejo sincero de fortalecer a nossa cooperação com os novos países africanos.

E são bem um sintoma disso as declarações que o vice-primeiro-ministro, Mota Pinto, fez ontem em Coimbra, no Palácio de S. Marcos, a alguns jornalistas.

Nelas quis deixar bem sublinhado que o instrumento, o executor da cooperação é o Governo. E que sem o Governo «que tem uma forte inserção é base de apoio (Mota Pinto ainda é dos que acreditam que o povo agradece as privações que passa) não existe cooperação. O que Mota Pinto queria dizer era que tudo dependia do Governo e que era o Governo quem podia pô-la em prática. As suas declarações tinham todo o ar de um recado para alguém.

Que resposta dará o Governo a esta oportunidade de tornar Portugal um parceiro privilegiado na África Austral?

Há rumores de que a sensibilidade é pouca e a recusa em abrir créditos que permitam fomentar uma cooperação alargada continuam e sendo certo que as dificuldades de Portugal são grandes a imaginação para dar um salto por cima dessas dificuldades parece ser pouca ou mesmo nenhuma.

É possível que haja no Governo, na área das Finanças, quem pense que Moçambique não tem outras alternativas, o que constitui um tremendo equívoco.

Moçambique vem fraternalmente propor uma cooperação vasta mas, como nos afirmava ontem um alto responsável, tem muitas alternativas, embora por todas as razões que já foram suficientemente desenvolvidas prefira entender-se privilegiadamente com Portugal.

Outros tomarão o nosso lugar se não soubermos aproveitar e compreender este momento. Ainda há poucos dias, discretamente a Espanha abria uma importante linha de crédito a Angola.

De qualquer modo todos saíram dali animados e viveram-se momentos de grande emoção.

Manuel Teles, que presidia à comissão que organizou aquele almoço ofereceu, no final, uma prenda ao presidente Samora Machel – um centro de mesa em prata – e uma medalha comemorativa. Os empresários ficaram impressionados com a vivacidade e a inteligência de Samora Machel que mostrou estar não só dentro de todas as questões como conhecia muitas delas até ao pormenor.

Um gesto de simpatia veio também da presidência da Câmara Municipal de Cascais, Helena Roseta, que trouxe um ramo de flores para oferecer ao presidente moçambicano.

Tal como acontecera à entrada, Samora Machel demorou-se longamente à saída do Estoril-Sol em confraternização com centenas de pessoas que o saudavam, abraçando muitas delas, recebendo recados para levar ao povo moçambicano.

Augusto Vilela

Empresários portugueses oferecem uma lembrança ao presidente moçambicano

Manuel Teles (Estoril-Sol), Samora Machel, Ramalho Eanes e Mário Soares: uma troca informal de impressões

Encontro com Miguel Torga

Um dia raro para Torga

Miguel Torga fez hoje duas coisas que exprimem a grande amizade que o liga a Ramalho Eanes e o apreço em que teve a visita de Samora Machel: foi a um banquete no Palácio de S. Marcos e viajou de helicóptero.

É conhecida a relutância do poeta em participar em manifestações públicas de carácter mais ou menos social e a sua tendência a um certo recolhimento e austeridade na maneira de viver.

A sua presença no almoço de Coimbra, onde se encontrou com o presidente Samora Machel esteve comprometida. Em princípio esteve para não comparecer mas um telefonema da dr.ª Manuela Eanes acabou por convencê-lo.

Depois foi de helicóptero com os dois presidentes até Pedras Rubras. Mas antes fizeram um desvio e sobrevoaram os socalcos do Douro e as terras onde o poeta mergulha as suas raízes.

Alguém, que o conhece suficientemente e que o viu desembarcar do helicóptero comentou que só uma grande amizade e uma razão muito forte o levaria àqueles dois sacrifícios: ir a um banquete e meter-se numa máquina daquelas.

O encontro entre Torga e Samora Machel foi, porém, um dos momentos de maior emoção, vividos nesta visita do presidente moçambicano.

A.V.

Soares convidado a visitar Moçambique

O Primeiro-Ministro Mário Soares aceitou um convite dirigido por Samora Machel para visitar oficialmente Moçambique.

A data da visita que Mário Soares efectuará a Moçambique, na sequência do convite que lhe foi endereçado, pelo presidente Machel, será decidida oportunamente através de canais diplomáticos.

Fontes do gabinete do Primeiro-Ministro português disseram à ANOP que o presidente moçambicano formulou o convite durante o encontro que manteve sábado no Palácio de Queluz com Mário Soares.

Em Junho de 1982, o então Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão, efectuou uma visita oficial à República Popular de Moçambique.

Até Deus comete erros...

Olhos brilhantes num rosto ainda bonito, uma muher de meia-idade, bem vestida, aproximou-se de Samora Machel no final do almoço com empresários no Estoril, à saída do hotel. Queria falar com o presidente moçambicano:

«Por causa do senhor tenho sofrido muito. Tive que sair de Moçambique» – desabafou, olhos cada vez mais brilhantes.

«Minha senhora, até Deus comete erros» – respondeu Samora, entendendo de imediato o drama vivido por aquela mulher, que, rompendo em lágrimas, se abraçou ao Presidente Eanes, mesmo ali ao lado.

Após um momento de hesitação, e ao ver os olhares atentos dos dois chefes de Estado, a mulher separa-se levemente de Eanes e diz limpando os olhos:

«Não tenham receio. Não quero criar problemas nem escândalos».

«Receios, podemos ter apenas dos seus fantasmas» – respondeu, amigo, Eanes.

E a mulher, chorando ainda, abraçou-se então a Samora Machel.

Presidente da República Popular de Moçambique em Portugal

Samora Machel está a conquistar Portugal

Como é que as senhoras são todas tão bonitas? São os vossos sorrisos que fazem brilhar tão forte aquele sol lá em cima, não é verdade? É o poeta a quem não escapa nenhuna manifestação da alma humana, como a lágrima no canto do olho ou a tristeza no olhar da criança, é o **homem puro** que se queda extasiado perante uma flor e que as mulheres do povo beijam e acariciam com as mãos bens abertas, é esse homem, **o grande Samora,** que está a conquistar este País com a sua franqueza, a sua frontalidade, o seu grande amor pelos portugueses. De Lisboa a Guimarães, sábado e domingo, foram dois dias grandes, inolvidáveis, para o presidente e para muitos dos que o acompanham e que não têm explicação racional para tão enorme sucesso. Discreto, satisfeito, magnífico anfitrião, sempre onde é preciso, Ramalho Eanes partilha com o seu convidado os louros desta grande vitória e os aplausos da multidão.

Depois da visita à Câmara Municipal de Lisboa, no sábado de manhã, o presidente Samora dirigiu-se para os Jerónimos, onde, aclamado por muitas centenas de pessoas, se deslocou para homenagear Camões. No interior, depois de passar por entre filas de cadetes das Academias Militares, depositou uma coroa de flores junto ao túmulo do poeta. Para os jornalistas diria a seguir que **Camões já não é apenas património dos portugueses, mas sim de todos os que falam a sua língua.**

Após uma breve visita à nave central da igreja seguiu para o Estoril, onde almoçou com um vasto grupo de empresários (ver notícia noutro local). Mas antes de chegar ao automóvel, Samora teve ainda um daqueles muitos momentos que marcam a sua visita e que deixam de boca aberta quantos o acompanham, designadamente os homens do protocolo.

Um jovem repórter fotográfico, a trabalhar em Portugal, dirigiu-se a ele e disse-lhe que era filho de um médico de Maputo, o dr. Almeida Franco. O presidente imediatamente estabelece diálogo com ele e durante largos minutos conversam sobre médicos portugueses que estiveram em Moçambique e que Samora deseja saber onde estão agora. Recorda-se de todos, pergunta como estão, o que fazem.

As flores de Josina

Já cá fora uma criança vestida de branco corre com um ramo de flores para o presidente. É branca, chama-se Josina Bernardes, tem seis anos e nasceu na República Popular de Moçambique, enquanto os seus pais lá trabalhavam como cooperantes.

Na Batalha: homenagem ao Soldado Desconhecido

Joaquim Chissano, Manuel Alegre, Samora Machel e Alçada Baptista: encontro na Fundação Gulbenkian

O protocolo não dá pela correria de Josina e o presidente parte antes que ela chegue. Mas as suas flores e a sua mensagem ficam nas mãos de um colaborador de Samora e seguem num outro carro da comitiva.

A meio da tarde é de novo o banho de multidão. São 16 h 40 quando o cortejo presidencial chega à Fundação Gulbenkian.

Um cravo vermelho erguido no braço estendido de uma jovem mulher aguarda há longos minutos. A segurança sustem a custo os populares.

Chega o cortejo e os gritos de «Samora», «Frelimo», «Viva Moçambique» sobrem de centenas se não milhares de gargantas. Samora não resiste e dirige-se aos seus amigos sem perguntar fosse o que fosse a quem o acompanha. As palmas constituem o fundo sonoro do encontro e o presidente, ladeado de Eanes, pega imediatamente ao colo uma criança mestiça.

As palavras e as palmas deixam de se ouvir. É a consagração da fraternidade.

«Dá vontade de o abraçar»

Samora fixa os seus olhos nos da criança, pouco mais que bebé, e esta precorre lentamente, com seu pequeno indicador, o nariz do presidente. Ele acaricia-lhe o nariz e ele afaga-lhe o rosto com o seu olhar brilhante, o seu sorriso terno.

É de ternura que se pode falar. A relação que se está a construir entre este homem que ainda há pouco, como sublinhava uma mulher, *diziam que nem sabia falar*, e o povo português, é uma relação de profunda ternura. *O homem inspira amor, dá vontade de o agarrar, de o abraçar*, dizia já ontem uma camponesa idosa na Batalha.

Frente à entrada da Gulbenkian vivem-se momentos altos de emoção, toda a gentes vibra e poucos sabem porquê, ou pelo menos poucos são capazes de objectivar os sentimentos que os impelem. *O que é que há naquele homem que produz esta reacção*, interrogam frequentemnte alguns dos que foram *só para ver um presidente como quem vai para ver um artista.*

Lá dentro, na visita à exposição sobre a Ilha de Moçambique, e no encontro com alguns intelectuais portugueses, tudo isto se vai repetir. Também a esse nível se poderia imaginar que nos ficaríamos pela cordialidade. Mas não, é o entusiasmo, uma enorme afectuosidade que se manifesta.

Lado a Samora Machel, uma mulher elegante e admirável. Graça Machel, a sua mulher, que é ministro da Educação e fina diplomata, presta-lhe uma colaboração valiosíssima. Sempre acomanhada de Manuela Eanes, frequentemente de braço dado com ela, as duas mulheres evidenciam uma grande amizade. Tratam-se por tu e são bem a tradução, a imagem, das relações que ligam o casal Eanes ao casal Machel.

«Oh glória de mandar»

Na sua visita à Gulbenkian Samora foi obsequiado com uma edição de luxo dos Lusíadas e com diversas outras publicações que lhe foram entregues pelo presidente da fundação, Azeredo Perdigão. Pouco depois, foi a vez de um grupo de escritores e outros intelectuais. Convidados pela Gulbenkian, Manuel Alegre, Fernando Lopes Graça, Hermano Saraiva, Manuel da Fonseca, Augusto Abelaira, Alçada Baptista e outros, conviveram durante algum tempo com o presidente.

Antes, frente aos «Lusíadas» e virando-se para os políticos presentes, entre os quais também se encontrava Jaime Gama e José Augusto Seabra, dissera em voz bem alta e com um dedo erguido *oh glória de mandar, oh vã cobiça*. E logo a seguir justificava-se rindo: *meus amigos é Camões que nos chama a atenção...*

Destes momentos entusiásticos, um diálogo apenas, Hermano Saraiva dizia para Samora junto a Eanes: *senhor presidente do futuro V. Ex.ª está a ser muito acarinhado por este povo do passado.* Na roda, entre risos, algumas vozes completam: *do passado e do presente* e Samora acrescenta *e também do futuro.* Finalmente Eanes sintetiza: *vá lá professor diga do passado e do futuro.* E Hermano Saraiva disse com Samora *do passado e do futuro.*

«Se não esperasse isto...»

Entre as pessoas que estão a acompanhar e a viver a deslocação presidencial algumas há, porém, que não se mostram surpreendidas com a forma por vezes apoteótica como as coisas se estão a passar.

Uma dessas pessoas é Ramalho Eanes que ontem disse em Coimbra respondendo a uma pergunta do «DL» *se não estivesse certo que a visita ia correr assim não teria arriscado convidar o presidente Samora.* Por outro lado também na comitiva do presidente moçambicano, onde a satisfação é evidente, parece não haver surpresa.

Um homem muito próximo de Samora disse-nos mesmo: *esperava por isto porque há muito que sei que o povo português é amigo do povo de Moçambique.*

À saída do centro de Arte Contemporânea onde o presidente também esteve, centenas de pessoas aguardavam de novo os dois presidentes e gritavam viva Samora, viva Eanes. Samora seguiu logo de automóvel e Eanes foi então envolvido pela multidão, distribuindo abraços e apertos de mão.

Vivam os nossos presidentes

Na Batalha, ontem de manhã, muitas centenas de pessoas esperavam também o presidente moçambicano. Logo que desceu do helicóptero da Força Aérea, frente à entrada do mosteiro, Samora não hesitou. Arrancou em direcção aos populares e durante mais de um quarto de hora confraternizou com toda aquela gente.

Eram crianças e crianças ao colo à esquerda e à direita, abraços, perguntas: *como estão vocês, meus amigos* e respostas *bem senhor presidente.* E aquela velhinha que lhe dizia: *senhor Samora tenha felicidade e boa viagem.* E aquele homem que lhe dizia: *senhor presidente um abraço e cumprimentos para o meu primo José Júlio Pereira de Andrade — Vou-lhe transmitir amigo, ele está comigo em Lisboa.*

Antigos residentes em Moçambique, nascidos lá ou cá, antigos adversários ou admiradores de sempre — todos —, muitos lá estavam para dizer aquilo que não sabem explicar. Uma mulherzinha a olhar para Eanes e Samora gritava: «vivam os nossos presidentes», e ele perguntava: *quando volta a Moçambique?*

Com um bebé ao colo, Samora pede--lhe a chucha: *dás-me a tua chucha meu amigo*, e a criança estendia-lha. *Isto é que é a verdadeira amizade dar aquilo que mais queremos, aquilo de que mais gostamos*, comentava o presidente.

E tu como é que te chamas, passaste o ano? perguntava a um rapaz já crescidinho. Perante a negativa Samora dizia-lhe *então garante-me aqui que vais estudar e não vais voltar a jogar ao berlinde em vez de ir para a escola. Garante lá que vais passar que eu quero dar a alegria aos teus pais de que tu me prometeste isso.*

Aqui eram sobretudo camponeses, gente humilde que aclamava Samora e um dizia-lhe *é com muita alegria que o saudamos senhor presidente, os portugueses e os moçambicanos sempre foram amigos.*

Homenagem aos mortos

Mas, simbolicamente, o ponto mais significativo do dia de ontem foi sem dúvida o momento em que o presidente da República Popular de Moçambique, o antigo guerrilheiro se recolheu frente ao túmulo do soldado desconhecido, na sala do Capítulo.

Com um cerimonial militar de grande rigor e de uma dignidade impressionante, Samora Machel depôs uma coroa de flores em cima da placa fúnebre. Os clarins soavam e os soldados perfilavam-se. Samora Machel, Eanes, Joaquim Chissano (ministro dos Negócios Estrangeiros) e Jaima Gama guardavam depois um minuto de silêncio antes que os hinos dos dois países tocados no claustro exterior ecoassem pelas pedras do mosteiro cobrissem o respeitoso silêncio geral. Ali, mortos homenageados, eram todos frisara o general português que descrevera previamente a cerimónia a Samora Machel. *O túmulo está ali em memória de todos os mortos pela pátria.* Dissera.

Coimbra é uma lição

Seguindo novamente de helicóptero para Coimbra, onde aterrou no estádio municipal, a visita do presidente moçambicano dava início a mais algumas horas que «muito hão-de marcar Samora Machel» como nos dizia uma fonte moçambicana.

Foi outra vez o entusiasmo popular, o calor das entidades autárquicas e universitárias, o carinho dos estudantes (que lhe ofereceram uma capa) a sedução da nossa maneira de receber os verdadeiros amigos.

Recebido na sala do Senado pelo reitor Rui Alarcão, Samora Machel percorreu depois a sala dos Capelos, à saída da qual foi recebido por estudantes e por habitantes da cidade. Do alto da escadaria com os braços abertos Samora gritou «Viva a amizade entre o povo português e o povo moçambicano». E m baixo os estudantes responderam em unisson e alguns cantaram a primeira estrofe da Internacional.

Eu pago a viagem, senhora

Pouco depois uma mulher de 45 anos, de cor ligeiramente escura avança a chorar direito ao presidente e a esposa. Graça Machel recebe-a nos braços e afaga-lhe lentamente os cabelos enquanto ela soluça e a comitiva fica presa daquele quadro. Samora consegue ouvi-la dizer que nasceu em Moçambique e que tem cinco irmãos e irmãs em Inhambane.

O presidente pergunta-lhe se quer voltar para Moçambique e ela diz que não «porque há lá guerra» e porque já não ´capaz de sofrer mais guerra (viveu em Angola de 70 a 75), mas que dava tudo para ir ver Inhambane e as irmãs.

Samora acaba por dizer: «anda eu pago o teu bilhete a Maputo e volta de Maputo a Inhanbane e volta. Não esqueças de telefonar[illegible] quando chegares. «A mulher fica a chorar agarrada a Graça Machel e o secretário particular do presidente anota a sua morada para que a promessa se concretize.

Entre alas de populares que vitoria Moçambique, Samora e a Frelimo, a comitiva dirige-se de carro para o Palácio de São Marcos, a 12 quilómetros de Coimbra. No trajecto Samora tem a oportunidade talvez única de ver de perto a paisagem rural portuguesa, passando por algumas aldeias.

Já em São Marcos Eanes diria aos jornalistas que o programa da visita obedeceu de certo modo a ideia de levar o presidente a locais onde as pedras mortas se tornam vivas e também falam (citando António Sérgio). Por isso Coimbra, por isso Guimarães, onde as pedras, a nós portugueses, dizem tanto.

O Alentejo não foi possível «assim como a Beira» disse Eanes. Ficará para uma altura em que Samora «cá venha de férias».

É que «Eanes, a propósito do Alentejo quer-lhe mostrar, o Alentejo, como o descreve Miguel Torga, «nos seus safões e nas sua samarra, com a dignidade de um diplomata».

No decurso do almoço que reuniu numerosos convidados, Samora teve um encontro a sós de mais de um quarto de hora. Depois Machel diria que «ele lhe manifestou também as suas preocupações relacionadas com a constituição da nação moçambicana».

Continua na pág. 19

José António Cerejo

«Homenagem do Presidente da República Popular de Moçambique», lia-se na coroa de flores que Samora Machel depositou no túmulo de Camões

Presidente da República Popular de Moçambique em Portugal

Milhares de pessoas saudaram Machel no Porto

O presidente moçambicano tem vindo a receber banhos de multidão cada vez maiores. Ontem foi no Porto. A recepção surpreendeu toda a g ente e foi sem dúvida a maior que até agora lhe foi prestada.

Acompanhado sempre por Ramalho Eanes, Samora Machel chegou de helicóptero ao Aeroporto de Pedras Rubras cerca das 17.30, seguindo de automóvel para Vila Nova de Gaia, pelo tabuleiro superior da Ponte D. Luís, para visitar as Caves Ferreirinha.

No trajecto desde Pedras Rubras muitos milhares de pessoas saudaram-no à passagem.

Na Rotunda da Boavista concentrava-se uma multidão compacta e para animar a festa um numeroso grupo de «marjorettes» que deram ao ambiente uma animação especial.

A maior concentração verificou-se nas ruas da baixa, especialmente na Praça da Liberdade e em frente à Estação de S. Bento onde o cortejo presidencial passou por entre alas compactas de pessoas. Mas nesse momento já muitas pessoas se encontravam junto ao Palácio da Bolsa onde o presidente moçambicano iria jantar, mas só cerca de três horas depois. Diga-se de passagem que a Direcção-Geral de Informação fez uma péssima divulgação do programa. O que foi distribuído aos meios de Comunicação Social era um pequeno resumo a que faltavam detalhes importantes.

Duas crianças «furam» as barreiras da segurança para beijarem Samora Machel. Foi no Porto, ontem, domingo

O público, esse, para ver o presidente Samora quase tinha de adivinhar. Mas o facto é que, muitos milhares de pessoas adivinharam e puderam aplaudi-lo espontânea e vibrantemente. E também de uma forma por vezes simplificada ao máximo para facilitar a comunicação como, por exemplo, em frente ao Palácio da Bolsa onde o público gritou uma só palavra: «Amigo, Amigo, Amigo».

Em Vila Nova de Gaia, junto às Caves do Vinho do Porto o cenário repetiu-se. A população ribeirinha veio para a rua aplaudi-lo. Nas escadas, nas varandas, na rua, tributaram-lhe uma recepção que mais uma vez o obrigou a abandonar a comitiva para abraçar pessoas, beijar crianças, conversar, agradecer emocionado.

Na verdade o povo português tem sabido retribuir na pessoa de Samora Machel a forma como há dois anos Ramalho Eanes foi recebido pelo povo moçambicano.

Samora Machel visitou depois as Caves do Vinho do Porto, ouviu uma longa exposição sobre a forma como este é preparado e naturalmente, pôde sasborear este produto dos vinhedos do Alto Douro.

Assistiu também à exibição de um rancho folclórico, sentiu-se em casa, como tem dito por diversas vezes. E de tal modo se sentiu bem que a comitiva atrasou-se consideravelmente.

À chegada ao Hotel Infante de Sagres, onde se demorou algum tempo antes de seguir para o jantar no Palácio da Bolsa, esperava-o também um público entusiasta. O presidente moçambicano não resistiu ao contacto directo e perdeu mais alguns minutos em convívio com os «amigos do Porto».

Foi um dia cheio, esgotante, mas que valeu a pena viver.

Para os jornalistas foi difícil. Eles tinham que, a viajar por terra, competir com o helicóptero. Mas ninguém quer perder nada deste homem desconcertante que transforma num amigo cada pessoa para quem olha. Voando baixo lá vamos chegando aos sítios a horas.

A. V.

Um brinde nas caves do vinho do Porto: Graça Machel e Manuela Eanes

No Porto, no Palácio da Bolsa, com empresários nortenhos

Com os empresários nortenhos

"Abram escritórios em Moçambique"

PORTO, 10 – «Abram escritórios em Moçambique», disse Samora Machel às muitas dezenas de empresários nortenhos que ontem jantaram com ele, a convite das Associações Comercial e Industrial, no Palácio da Bolsa do Porto. Samora dizia aquelas palavras acompanhando-as de um gesto largo como quem abre os braços e diz ao mesmo tempo: «Serão recebidos de braços abertos».

Este tom e estas palavras, a par da boa disposição habitual do chefe de Estado de Moçambique, fizeram com que o ambiente, ontem à noite, no Palácio da Bolsa, fosse de uma extrema comunicabilidade. Samora passeou pelas salas, sempre com Ramalho Eanes a seu lado, aqui para ser cumprimentado por um empresário que se aproximava (caso de Salvador Caetano), além para receber as prendas dos seus anfitriões, quer para si, quer para Graça Machel. Entretanto, o presidente moçambicano ia sendo abeirado por pessoas, mesmo para solicitar autógrafos, a que ele correspondia de modo sempre sorridente.

Foi com este pano de fundo, em ambiente de amizade (até com os jornalistas portugueses conversando com os seus colegas moçambicanos, alguns deles já conhecidos de outras andanças) que Samora Machel e Ramalho Eanes se dirigiram, antes do jantar no salão árabe, aos empresários. Samora pediu-lhes mesmo que fizessem perguntas, talvez porque os empresários, com certo retraimento, evidenciassem menos «agressividade» (falava-se de negócios) do que o próprio Samora Machel. Todavia, o engenheiro Almeida e Sousa, dirigente da Associação Industrial e ex-autarca na AM do Porto, pediu em voz alta: «Queremos um consulado de Moçambique no Porto». E acrescentou: «Temos consulados ingleses e americanos aqui e não somos mais amigos deles do que somos dos moçambicanos».

Samora Machel garantiu de imediato que «vamos nomear um cônsul». Pormessa saudada com palmas pelos empresários e Samora a rematar que «é justo, é justo». Mas ainda aqui a capacidade de diálogo e de decisão e o sentido prático do líder da Frelimo, igualmente se evidenciaram e com humor: «Digam onde é a residência do cônsul, façam a residência e nós pagamos com madeira, com chá, com algodão, com feijão...».

Ramalho Eanes repartiu com Samora Machel o diálogo com os empresários. O Presidente da República («tratamo-nos por tu porque os nossos povos devem também tratar-se por tu» – disse Eanes) salientou e vincou a sinceridade do presidente moçambicano quando convida os portugueses a abrir escritórios e a fazer negócios em Moçambique. Eanes disse aos empresários que abrissem delegações no Maputo e que, entretanto, canalizassem os contactos através das respectivas embaixadas.

«Venham para Moçambique, invistam em Moçambique», foram as últimas palavras de Samora e de Ramalho Eanes dirigidas aos empresários.

A chegada de Samora Machel ao Palácio da Bolsa verificou-se entre gritos de «Frelimo, Frelimo, Frelimo» e palmas por muitas centenas de pessoas concentradas no jardim da Praça do Infante D. Herique. Samora Machel saiu do carro sorridente, viu-se rodeado de jornalistas, a quem salientaria «este calor humano corresponde absolutamente à paisagem deste País». Subiu as escadas e parou no patamar da entrada do Palácio da Bolsa para levantar os braços em direcção ao povo que o aclamava. Foi vibrante de força e de entusiasmo aquele momento de comunicação entre o líder da libertação do povo de Moçambique e os populares que o ovacionaram, tendo esperado horas por esse momento. Era como se uma dívida estivesse ainda para ser paga por aqueles, sobretudo jovens, que hoje podem ir para Moçambique, mas para trabalhar e sem armas na mão.

Esperava igualmente Samora Machel essa figura do Porto ribeirinho e que toda a cidade conhece, o «Duque», salvador de náufragos no rio Douro e que o País já viu num programa televisivo de Joaquim Letria. O «Duque» levava consigo o seu famoso livro de autógrafos onde regista as assinaturas de toda a gente graúda que pisa os seus domínios na ribeira. A recompensa foi inesperada: o «Duque» foi mais tarde chamado por Ramalho Eanes, cumprimentou Samora Machel, viu o seu livro autografado e jantou com os dois presidentes.

José Gomes Bandeira

Banquete no Palácio da Ajuda

"Soubemos superar os traumas..."

O presidente Samora Machel declarou sábado à noite durante um banquete realizado no Palácio da Ajuda que Portugal e Moçambique souberam «superar os traumas de um processo difícil e doloroso para os dois povos».

Samora Machel explicando a razão da sua visita a Portugal salientaria no seu discurso: «viemos para consolidarmos a cooperação existente e identificarmos outras áreas de complementaridade e interesse mútuo, que permitam estendê-la a novos domínios».

E logo a seguir declararia: «possuímos um instrumento comum de trabalho, de pensamento e de comunicação – a língua portuguesa. Nas escolas, as crianças moçambicanas e as crianças portuguesas aprendem a designar as coisas, os sentimentos e os conceitos com as mesmas palavras. Escritores e poetas moçambicanos trabalham no idioma de Camões».

«A paz é um direito, uma exigência e a mais funda aspiração dos povos» – declarou a seguir o presidente de Moçambique, segundo o qual «permanece na África Austral um bastião do racismo e do colonialismo. Subsiste na zona um regime que se caracteriza por ser o nazismo da nossa época», disse Samora Machel.

Condenar o «apartheid»

A contribuição do antigo primeiro-ministro Sá Carneiro no estreitamento dos laços com Moçambique foi recordada pelo Presidente Ramalho Eanes no discurso que proferiu no Palácio da Ajuda, em resposta ao presidente Samora Machel.

Existe, uma convergência de posições dos diversos partidos quanto à estreita cooperação de Portugal com os estados africanos de língua oficial portuguesa, objectivo que corresponde a imperativos económicos e a «uma concepção bem definida de política externa» – disse o chefe do Estado português.

Ao falar das «muitas coisas» que importa ainda realizar entre Portugal e Moçambique, o Presidente português reconheceu as dificuldades financeiras que impõem fronteiras e obstáculos à «caminhada conjunta».

Disse que o bom entendimento estabelecido entre estes dois países deve constituir um modo de contribuição para «a resposta a alguns problemas preocupantes que se colocam no plano das relações internacionais».

«E com especial atenção que acompanhamos os acontecimentos na África Austral» – disse Ramalho Eanes. «É expressa e firme a nossa condenação do «apartheid» e a nossa rejeição das acções militares dirigidas contra estados independentes» – acrescentou.

Na última parte do dicurso, Ramalho Eanes declarou que Samora Machel «teve a coragem política de compreender a vontade do povo português de estabelecer fortes laços de amizade, de entendimento e de trabalho conjunto com o povo de Moçambique».

No banquete oficial, na Ajuda

Garcia dos Santos assistiu às manobras "Orion-83"

Reservas à redução do tempo de serviço

O chefe de Estado-Maior do Exército, general Garcia dos Santos, manifestou reservas à redução do tempo de serviço militar.

Falando ontem na sessão de apresentação das manobras militares Orion-83, que decorrem em Santa Margarida, Garcia dos Santos sublinhou que a redução do tempo de serviço militar é uma questão que terá de ser analisada com muito cuidado, sublinhando que a sofisticação do material aumenta e a redução do tempo de serviço reduz a possibilidade de formação técnica e implica o aumento dos efectivos permanentes.

O chefe de Estado-Maior do Exército lamentou que o ministro da Defesa, Mota Pinto, não pudesse estar presente nos exercícios devido a compromissos relacionados com a visita de Samora Machel a Portugal.

Garcia dos Santos salientou que é importante ter-se conhecimento da capacidade operacional do Exército.

Referiu que o exercício Orion-83 culmina a actividade de instrução do Exército no ano de 1983.

Nas manobras Orion-83 participam unidades de todas as regiões e zonas militares do País, num total de cerca de 10 mil homens e 1800 viaturas, 250 das quais blindadas.

O exercício iniciou-se a 7 de Outubro com a concentração de tropas oriundas de todas as regiões militares e termina amanhã.

Aos exercícios de fogos reais de ontem assistiu o chefe de Estado-Maior do Exército, diversos responsáveis por aquele ramo das Forças Armadas, deputados à Assembleia da República de diversos partidos e adidos militares estrangeiros.

As manobras Orion-83 simulam uma situação de desembarque no Sul de Espanha, seguido de ataque ao território português e a contra-ofensiva do Exército para libertar o território nacional. Destinam-se a treinar as forças militares e testar o grau de prontidão e a capacidade operacional dos comandos e das tropas do Exército Português e a fazer actuar algumas novas estruturas no âmbito da reestruturação do Exército.

Os exercícios de fogos reais efectuados pela Brigada Mista Independente e pelo Centro de Instrução de Artilharia Antiaérea de Cascais (CIAAC) incluíram fogo de artilharia antiaérea, artilharia de campanha, morteiros e canhões sem recuo e ainda a apresentação de carros de combate M-47 e M-48-A-5.

No final dos fogos reais os convidados visitaram uma exposição de material do Exército de fabrico português, com alta incorporação nacional.

Na ocasião, o general Quartel-Mestre-General salientou que principalmente desde 1980 o Exército tem cooperação com a indústria portuguesa na procura de soluções técnicas para o fabrico pela indústria nacional de material de que necessita.

MDP analisa situação política

PS tem "proposta de direita"

O MDP/CDE denunciou, ontem, no final da reunião da sua Comissão Nacional, que existe uma situação política nova em Portugal, liderada por uma proposta política de direita» do PS.

Falando no final de uma reunião da Comissão Nacional do partido, o vice-presidente do MDP/CDE, Luís Catarino, considerou que da actual restrição dos direitos dos trabalhadores há apenas um salto para a restrição dos direitos, liberdades e garantias individuais.

Luís Catarino acrescentou que o seu partido considera que a actuação programática do actual poder político pode descambar muito rapidamente numa base fascizante, contrária aos interesses do povo português e ao espírito que norteou a revolução de 25 de Abril de 1974.

O dirigente do MDP/CDE afirmou que existe, porém, um desajustamento entre o poder político actual e a base social de apoio que o levou ao poder, susceptível de contribuir para alterar essa actuação. Adiantou que, no entanto, a alternativa só poderá ser talvez conseguida nas eleições presidenciais de 1985.

Luís Catarino, que se encontrava acompanhado por Maria Manuela Carvalho e Gonçalves André, membros da Comissão Nacional, afirmou que o MDP/CDE não apoiará uma candidatura presidencial cujo programa contenha uma carga política de direita. Quanto a uma eventual candidatura de Mário Soares disse que a posição do partido só será definida na altura. Acrescentou que, no entanto, a proposta da actual coligação – conseguir um bloco governo/maioria presidente perfeitamente sintonizados, significa uma expressão globalizante do poder que o MDP/CDE rejeita.

Segundo a declaração distribuída aos jornalistas «a elevação dos preços de bens essenciais, a subida das taxas de juro, a desvalorização do escudo, o não pagamento de salários, a contenção de aumentos salariais, a liberalização dos despedimentos, o agravamento dos impostos, em especial a tributação sobre o 13.º mês, não só se tem abatido, por forma iníqua, sobre a população, como criaram, para muitos portugueses, a convicção errada de que estamos submetidos a uma situação sem esperança de solução».

A Comissão Nacional do MDP/CDE, aprovou a realização até final do ano das Jornadas Políticas do partido propostas em Janeiro pelo secretariado nacional. Tais jornadas terão como pontos principais o aprofundamento da análise da situação política, o reforço da unidade do partido, e definição de alternativas políticas e da estratégia do partido.

A Comissão Nacional decidiu ainda apoiar as manifestações do próximo dia 15 de Outubro, promovidas pela CGTP-IN, contra a política do actual Governo.

Com Samora Machel ainda por cá...

Ministro opõe-se a "sangria" de dinheiros para Portugal

No momento em que o Presidente Samora Machel visita oficialmente Portugal, um ministro do Governo da República vem a público afirmar ser necesário «acabar com a sangria dos dinheiros portugueses para Moçambique». O ministro tem um nome – Amândio de Azevedo, titular da pasta do Trabalho; a afirmação que profere também poderá ter outro – «indelicada» e/ou «inadmissível».

Amândio de Azevedo encara de forma algo insólita o desenvolvimento das relações e da cooperação com Moçambique. Esquecendo as atitudes que o país, o Prsidente da República e o Governo têm vindo a assumir durante esta visita de Samora Machel a Portugal, no sentido de estreitar essas relações e desenvolver a cooperação com Moçambique, o ministro do trabalho resolve actuar à sua maneira. Assim, e em declarações prestadas ontem à Ráio Renascença, afirma que os países africanos de expressão portuguesa são «uma saída para Portugal» e frisa a necessidade de uma cooperação que «garanta vantagens mútuas».

Para o titular da pasta do Trabalho o essencial são pois as «vantagens mútuas» e o facto dos países de expressão portuguesa constituirem «uma saída » para Portugal. De tal modo, que não se coíbe de o gritar alto e bom som.

Como não se coíbe de fazer um asuto-elogio: «fiz tudo para apoiar os desalojados das antigas ex-colónias (...) e isso valeu-me elogios de várias entidades».

Amândio de Azevedo, foi, lembre-se, secretário de Estado dos Retornados.

M.A.

D. Escova e o Sr. Sapato: um casal brilhante!

Eles conheceram-se há muitos anos.

Ele sempre brilhante e bem conservado, ela sempre pronta a lustrá-lo com carinho. Com o mesmo carinho com que são feitas as pomadas com a qualidade SOCINCA.

... E SOCINCA quer dizer: mais de 30 anos de experiência no fabrico de pomadas, inteiramente nacionais.

SOCINCA produz as pomadas para calçado mais vendidas em Portugal.

Agora você também já sabe quem é a SOCINCA.

Por isso D. Escova e o Sr. Sapato são felizes para sempre graças à boa pomada que a SOCINCA fabrica.

Aceite um conselho de especialista:
Escolha experiência.
Escolha produtos SOCINCA.

SOCINCA
SOCIEDADE INDUSTRIAL E COMERCIAL DE PRODUTOS QUIMICOS, LDA
Valejas Carnaxide

LETRA design

de ontem para hoje

Pastor português violentado por guarda civil espanhol

UM guarda civil do quartel fronteiriço de Valverde del Camino, que se encontrava detido na prisão de Huelva como suposto autor de propostas homossexuais na pessoa de um jovem pastor português tentou ontem suicidar-se, ingerindo grande quantidade de barbitúricos. De acordo com a versão do pastor, o referido guarda ao vê-lo recusar as suas propostas, ameaçou-o com uma pistola e obrigou-o a despir-se provocando-lhe depois ferimentos com alguma gravidade. Em seguida levou-o para o quartel de Valverde del Caminho, onde alegou que os ferimentos tinham sido provocados por uma cabra. O jovem português acabaria no entanto por contar o sucedido ao médico que o atendeu, pelo que o guarda fiscal foi processado como suposto «autor de abusos desonestos».

Homem de Sá no Tribunal de Polícia

Nuno Homem de Sá, o jovem actor que participou nas telenovelas «Vila Faia» e «Origens», deverá responder ainda hoje no Tribunal de Polícia, acusado de «desobediência e agressão a agentes da autoridade». De acordo com o auto de notícia, Nuno de Sá (foto) teria tentado acompanhar no «115», desobedecendo às ordens do pessoal da ambulância, uma rapariga acometida de um ataque de asma à porta de uma «boîte» lisboeta. A discussão azedou-se e Nuno de Sá teria agredido um dos agentes com uma cabeçada no tórax e um soco no maxilar. Na refrega Nuno acabou por ficar ferido pelo que foi transportado para tratamento ao Hospital de S. José e dali transitou sob prisão para a Esquadra do Calvário, de onde teria tentado fugir, opondo resistência aos agentes que elaboravam o auto. Esta a versão da PSP, já que a do jovem actor só será conhecida esta tarde ao depor perante o juiz do Tribunal de Polícia.

Explosão de petróleo na Sé do Funchal

A explosão de um fogão a petróleo provocou um pequeno foco de incêndio na Sé do Funchal, colocando ainda em risco o sistema controlador dos relógios da catedral. O fogão encontrava-se numa sala localizada na torre principal utilizada pelo encarregado da Sé. No local compareceram as duas corporações de bombeiros do Funchal.

Agressão «desmascarou» incendiário

Ao averiguar os motivos que deram origem a uma agressão à facada, a GNR de Lourosa, primeiro, e a Polícia Judiciária, depois, acabaram por descobrir o autor de vários crimes de fogo-posto que, de há um mês a esta parte, se verificaram na freguesia de Sanguedo, em Vila da Feira. Trata-se do trolha Fernando Pinto dos Santos Ferreira, de 22 anos, que se travou de razões com uns amigos e, após breve discussão, foi atingido por um deles com uma facada nas costas, facto que motivou o seu transporte ao Hospital de Santo António, no Porto. Só que no regresso a casa, já depois de devidamente tratado, Fernando Ferreira foi chamado ao posto da GNR de Lourosa, a fim de esclarecer o que se havia passado e, consequentemente, identificar o agressor. Na sequência dessa troca de palavras, o trolha deixou soltar qualquer pormenor relacionado com um dos crimes de fogo-posto, o que levou a GNR a alertar a Polícia Judiciária que andava perto a tratar de outro caso.

Uísque, gambas e orelhas de porco

Forças da Guarda Fiscal apreenderam por delito de contrabando, na área de Lisboa, uísque, discos, tabaco, gambas e orelhas de porco no valor total de 2080 contos. Por outro lado, a GF apreendeu, em Paço de Arcos, Vila Franca de Xira e Cascais, material vídeo, máquinas eléctricas de jogos, material fotográfico e marisco diverso, tudo avaliado em 1430 contos. Finalmente, em Elvas foi apreendido material de som e relógios no valor de 500 contos, e, na região de Sabugal, 138 cabeças de gado caprino orçadas em 620 contos.

Extradição de assaltantes do «Dácia»

Os três assaltantes do atuneiro madeirense «Dácia», que actualmente se encontram detidos na Nigéria, poderão vir a ser extraditados brevemente. Recorde-se que o «Dácia», considerado um dos atuneiros portugueses melhor apetrechados, foi roubada na baía do Caniçal, Machico, na noite de Carnaval de 1982, quando se preparava para uma viagem ao alto mar. Na altura em que foi retido pelas autoridades nigerianas o barco mudara a denominação para «Telama».

Fábrica destruída pelo fogo em Monchique

Um incêndio destruiu completamente uma fábrica de cortiça em Meia-Viana, nas proximidades de Monchique (Algarve). Os prejuízos foram avaliados em cerca de dez mil contos e os bombeiros pensam tratar-se de fogo posto, uma vez que o fogo apareceu em três frentes.

Uma vítima a bordo do navio dinamarquês

Foi dado como desparecido o engenheiro chefe de máquinas do navio dinamarquês «Marianne Wancost», que anteontem se incendiou a cerca de vinte milhas ao largo de Viana do Castelo. Quanto aos outros sete tripulantes do navio foram recolhidos são e salvos pelo cargueiro holandês «Sertan». O «Marianne Wancost» transportava nos porões garrafas de gás butano, óleo de lubrificação e cabos eléctricos. No local esteve o barco de guerra português «Lagoa».

Com base em quatro artigos publicados em "O Dia"

Comissário Santinhos processa João Coito por difamação

O 1.º-comissário Joaquim Santinhos, um dos impulsionadores da Comissão Pró-Associação Sindical da PSP, ainda recentemente afastado para Braga pelo brigadeiro Almeida Bruno, acaba de processar por «difamação» o jornalista João Coito, na qualidade de director de «O Dia», com base em quatro artigos publicados naquele matutino com os títulos «Trinta e tal agentes querem ser trabalhadores do casse-tête», «Paco Bandeira conspira com sindicalistas da PSP», «Subversão marxista 'trabalha' as polícias» e «Sindicalistas PC dizem que sim e evocam o Papa».

No requerimento que fez chegar à Polícia Judiciária, o comissário Santinhos, que, antes de ser colocado na «prateleira», comandava a Divisão da Amadora da PSP, transcreve algumas frases respigadas dos artigos em causa e que considera «injuriosas e desprestigiantes», não só para si como para «o organismo a que se orgulha de pertencer». A título de exemplo iremos transcrever algumas dessas frases. A reter: «O comissário Santinhos é elemento ligado às 'forças ocultas' mas perfeitamente identificadas, que pretendem subverter e marxizar a PSP»; «O comissário Santinhos é um mártir que entrará na história a par de Catarina Eufémia e de outros 'bentinhos' que os comunistas necessitam de exibir para impulsionar as massas e sensibilizá-las na prossecução dos seus objectivos antinacionais»; «Elemento reconhecidamente subversivo, demonstrando mais uma vez que não olha a meios para atingir os seus fins desestabilizadores (...) como suporte do seu direito de criar uma associação esquerdista de polícia»; «Andaram a minar o terreno interior da PSP em almoçaradas semiclandestinas onde, à hora do bagaço, proferiram discursos de apoio à insubordinação»; «Seguidamente um homem da coordenadora nacional da Pró-Associação Sindical afirmou existirem vários casos de profissionais da PSP alvo de transferências arbitrárias para longe das famílias devido às suas actividades pró-sindicais. Exemplificando disse que o comissário Santinhos já foi alvo de uma transferência e de três processos por ter usado da palavra em almoços-convívios de profissionais da PSP e de pugnar pela criação do Sindicato»; «Perante este apoio da Polícia Judiciária a um elemento reconhecidamente subversivo não pode deixar de se encarar apreensivamente a movimentação sindical e a ameaça marxista que paira sobre as nossas polícias».

O 1.º comissário Joaquim Santinhos

Amílcar Romano e o «Guiness»

Mas esta linguagem «característica» do matutino dirigido por João Coito, e que agora motivou o processo do comissário Joaquim Santinhos, poderá ser ainda rotundamente exemplificada através da transcrição de um naco de prosa, encimado pelo título «»Bombista já vai em quinze dias de fome». O «bombista» em causa é Amílcar Romano, militante do PRP apenas pronunciado por assaltos a bancos e não por qualquer acto «explosivo», e debita o articulista de serviço: «Enfim, somos contra detenções de inocentes mas quanto à prisão de bombistas só podemos declarar que apoiamos vivamente os candidatos ao «Guiness» desde que sejam vencedores. É uma forma de aliviar a sociedade, já que ela, pelos vistos, não se sabe defender». Para além do à-vontade com que se apelida um cidadão de bombista, há que realçar neste texto a falta de respeito pela vida humana, sobretudo se tivermos em linha de conta a cartilha «católica, apostólica, romana» com realce para a defesa dos «direitos humanos», —a «solidariedade para com Walesa tem sido disso um exemplo — por que dizem reger-se os discípulos do «beatífico» Adelino Alves. Desvios. Será?

Manuel Geraldo

Contemporâneo de Voltaire e Rousseau

Penamacor homenageia Ribeiro Sanches e diz que o País também o deve fazer

CASTELO BRANCO, 10 – A comissão executiva das comemorações do segundo centenário da morte de Ribeiro Sanches sublinhou ontem em Penamacor que homenagear o cientista «é renunciar à mentira, à perseguição cultural ou política, à intolerância».

A afirmação, que foi feita no decorrer da cerimónia oficial, assinalou o início das comemorações, sob a presidência do governador civil de Castelo Branco, Alberto Romãozinho.

Promovidas pela Câmara Municipal de Penamacor, as comemorações abriram com uma conferência de Luís Barreto, da Faculdade de Letras de Lisboa, sobre a obra de Ribeiro Sanches. Na ocasião, o presidente da câmara local traçou ainda uma panorâmica da obra de Ribeiro Sanches, afirmando que «conjuntamente com Voltaire, Rousseau, Diderot ou D'Alembert, ouvíamos e líamos o nome de Ribeiro Sanches». Vincou, contudo, o desconhecimento da obra e vida deste penamacorense que, médico de profissão, diagnosticou e tratou a imperatriz da Rússia, Ana Ivanovna, em 1731.

«Um País tão pequeno como o nosso não pode continuar a ignorar os seus filhos mais ilustres» – expressou o autarca.

Ribeiro Sanches nasceu em Penamacor a 7 de Março de 1699, tendo estudado na Guarda, Coimbra e em Salamanca, onde se formou em Medicina em 1724. Depois de exercer clínica em Benavente, esteve em vários países da Europa, nomeadamente Inglaterra, França, Holanda e Rússia.

Em Moscovo foi conselheiro da corte e médico da imperatriz Ana Ivanovna.

De entre as obras que escreveu destacam-se as «Observações sobre Doenças Venéreas», «Tratado da Conservação da Saúde dos Povos», «Método para Aprender a Estudar Medicina» e «Cartas sobre Educação da Mocidade».

A sessão solene de abertura das comemorações do 2.º centenário da morte de Ribeiro Sanches teve a participação de autarcas da região. Durante o acto, o presidente da edilidade penamacorense referiu-se ao 3.º centenário do nascimento do homenageado, que se comemora em 1999, fazendo votos para que o País «não se mantenha, como agora o fez, quase silencioso».

Na sessão de abertura, Luís Barreto, que é professor da Faculdade de Letras de Lisboa, debruçou-se sobre a obra do homenageado, salientando que o facto de autores estrangeiros se terem dedicado à sua acção «é um sinal de subdesenvolvimento e colonialismo cultural que o País sofre».

Depois de frisar que a origem judaica do cientista e médico «era um incómodo para a Europa de então», classificou-o como um deísta que tem de ser visto como um enciclipedista. O conferencista acrescentou também que «todo o poder assenta no saber», segundo a filosofia de Ribeiro Sanches.

As comemorações prolongam-se até 14 do corrente e incluem conferências, exposições, pára-quedismo, pintura de painéis por crianças, sessões culturais e uma grande exposição sobre a vida e a obra de Ribeiro Sanches.

Encontra-se em estado grave no Hospital de S. João.

"Rato" de automóveis capturado após disparos da GNR de Santo Tirso

O trolha José Maria de Sousa Ribeiro, de 34 anos, que, conforme o «DL» noticiou, havia escapado a uma patrulha da GNR quando estava num bar do lugar da Ponte, em Guimarães, acabou por ser detido na madrugada de ontem na sua casa em Riba de Ave, a captura de José Ribeiro, já com cadastro começara a desenhar-se na noite de sábado quando uma brigada da GNR o interceptou na freguesia de Rebordões, Santo Tirso, acompanhado da mulher e dos seus quatro filhos. José Ribeiro logrou escapar mas foi atingido pelos disparos dos agentes numa perna e nas costas tendo sido levado por um amigo para a sua residência, onde a GNR o iria encontrar em estado grave, pelo que teve de ser transportado para o Hospital de S. João, no Porto.

A quadrilha de que José Ribeiro fazia parte começou a ser desmantelada há cerca de três meses com a prisão do industrial António Nogueira da Silva, de 33 anos, em cujo armazém, em Vila das Aves, a Polícia Judiciária descobrira várias dezenas de viaturas furtadas, algumas das quais estavam a sofrer modificações para serem posteriormente vendidas com matrículas de vaículos sinistrados.

Na altura da sua fuga em Guimarães, José Ribeiro abandonou uma carrinha, no qual foram encontradas várias armas e acessórios para automóveis.

Passando pela reestruturação da Ordem

Advogados querem modernizar condições de exercício da profissão

«A força e o prestígio da advocacia portuguesa depende, em boa parte, da nova seiva que, anualmente, lhe trazem os jovens que a escolhem como profissão» – afirma-se num «manifesto» já subscrito por advogados de vários quadrantes políticos.

O documento justifica-se pela aproximação da data das eleições para os corpos gerentes da Ordem dos Advogados e, ainda, com a recente publicação, pelos actuais corpos gerentes da ordem, de um projecto de reestruturação do estatuto contendo as traves mestras de regulamentação do exercício da profissão.

Entre os seus subscritores contam-se já nomes como os de José Vera Jardim, António Arnaut, Jorge Sampaio, Júlio Castro Caldas, Vaz Serra, Sérvulo Correia, Carlos Olavo, Dantas Perdigão, Pereira de Almeida, etc.

O documento, que ainda circula e continua a recolher muitas assinaturas na província (particularmente Porto, Coimbra e Évora), defende que as propostas da ordem aos poderes públicos devem ser orientadas por dois vectores principais: o já referido problema da formação dos novos advogados e a criação de um eficiente sistema de acesso ao Direito.

O último ponto resulta da constatação de que é insuficiente o presente sistema de acesso ao Direito no que respeita a cidadãos carecidos de meios económicos para acorrer às despesas forenses.

O actual sistema de patrocínio oficioso, recordam os subscritores do documento, pode constituir um sacrifício para o advogado e um risco para o assistido. E isso, explica, porque o profissional pode não estar preparado para o aceitar, até por ter optado por ramo de advocacia diferente daquele a que o pleito pertence.

Lugar aos novos

A questão dos novos advogados merece uma particular atenção da parte dos subscritores do «manifesto» a que nos referimos. E tanto mais que «cumpre à ordem acolher e estimular os seus novos membros, oferecendo-lhes o quadro de condições em que uma advocacia correcta seja possível».

As exigências de competência não são, entretanto, menosprezadas. «Para advogar è preciso aprender a advogar. E só os advogados podem ensinar a advogar» – recorda-se no documento.

Só, que, em contrapartida, «o actual regime é deficiente». A explicação: «A maioria dos candidatos não encontra da parte do patrono a atenção de que carece, em muitos casos porque a este não sobra tempo para tal».

A verificação do aperfeiçoamento também é praticamente inexistente e as consequências estão à vista com o aparecimento de jovens licenciados sem um mínimo indispensável de preparação e os riscos inerentes para os patrocinados.

A presente situação é ainda agravada pelo facto de o estágio não ser remunerado.

Acesso ao Direito

As soluções para os problemas respeitantes ao acesso ao Direito passam, de acordo com o documento, por fórmulas maleáveis e de características inovadoras, consequentemente experimentais, de um sistema geral a instituir.

A criação de um fundo financeiro donde saíssem as verbas para um sistema público de assistência a pessoas e instituições carenciadas e outro, controlado pela ordem, para pagamento aos advogados liberais nos casos de que fossem encarregados, aparece aqui como uma necessidade.

Por outro lado, os autores e subscritores do documento pugnam pela melhoria das condições do exercício da profissão nas formas que esta actualmente conhece em Portugal.

«Para tanto» – estabelece o «manifesto» – «importa liminarmente qualificar como de advocacia não apenas o aconselhamento e o patrocínio judiciários exercidos nos moldes tradicionais, mas todas as funções de consulta jurídica, nomeadamente as exercidas em razão do contrato de trabalho ou de integração na função pública».

As novas formas de exercício da profissão assim introduzidas são «necessidades da organização socio económica moderna». E a ordem deve, na circunstância, pugnar pela definição de condições mínimas do seu exercício.

Alguns dos domínios em que essa intervenção se torna particularmente necessária, diz o documento, são o das remunerações, a previdência, as especialidades e as formas societárias do exercício da profissão.

Tal implicaria, de resto, a «reestruturação da própria Ordem dos Advogados, na medida do necessário para que esta responda à ampliação de funções que no quadro exposto lhe cabem».

A reformulação do próprio sistema eleitoral aparece, pois, como consequência e necessidade lógica da actual situação, particularmente com o objectivo de assegurar formas de representação mais alargadas das várias tendências e grupos de interesses existentes na classe.

O conjunto destas questões está, de resto, programado para discussão num congresso a realizar no próximo ano e que o documento já anuncia.

— Tese apresentada nas Jornadas Nacionais de Azeitão

Ordenamento do território deve ser descentralizado

A Administração Central deve proceder à descentralização das decisões sobre o ordenamento do território e à revisão do seu enquadramento legislativo – defendeu o presidente da Câmara Municipal de Setúbal, Francisco Lobo, na sessão de encerramento das Jornadas Nacionais sobre loteamentos ilegais que no último fim-de-semana decorreram em Vila Nogueira de Azeitão, por iniciativa da Associação de Municípios do Distrito de Setúbal.

As Jornadas Nacionais sobre Loteamentos Ilegais reuniram 327 participantes, 264 dos quais em representação das autarquias. Quarenta Câmaras e nove Juntas de Freguesia de todos os distritos do litoral excepto Braga e Viana do Castelo, e do Interior, Sul, nomeadamente dos distritos de Beja, Évora e Portalegre, fizeram-se representar nos trabalhos, onde a região da Grande Lisboa esteve em peso.

O presidente da Câmara Municipal setubalense fechou as Jornadas Nacionais sobre Loteamentos Ilegais afirmando que destas «resultou mais claro que as grandes causas dos Loteamentos Ilegais são a falência das políticas económica e de habitação, a submissão do crescimento urbano a interesses privados e não aos interesses das populações, a falência da política de turismo e lazer» e a falta de apoio ao regresso de emigrantes.

Acentuou que os problemas da ocupação do território, do ambiente e do património são decisivamente condicionados pela política económica pelo que, «em última instância, o agravamento dos loteamentos ilegais, apesar de todos os esforços das autarquias, põe em causa a política económica e social dos sucessivos Governos».

Francisco Lobo defendeu também a necessidade de as autarquias reclamarem o cumprimento da Lei das Finanças Locais, autonomia municipal na definição e execução da política de solos, legislação que sujeite a escritura de venda de terrenos em lotes à concordância da respectiva Câmara e financiamentos extraordinários aos Municípios atingidos por grandes áreas de construção clandestina.

Sublinhou ainda que a situação é difícil para as autarquias sujeitas a grandes pressões urbanísticas pelas «gigantescas tarefas de recuperação dos loteamentos», pelas perspectivas sombrias do futuro em resultado dos cortes de verbas e porque surgem aos olhos da população como responsáveis por situações que na realidade têm a sua origem em actuações dos Governos.

O presidente da Câmara Municipal de Setúbal afirmou que uma Câmara não pode demitir-se de garantir o ordenamento e impor a definição dos usos a que pode ser sujeito o solo do seu território. Mas mais que o problema da ilegalidade – acentuou – «preocupam-nos as consequências negativas dos processos de loteamento como a destruição do património natural e humanizado, a irracionalidade da ocupação do solo e dos sistemas urbanos, os custos incomportáveis que a recuperação implica para as autarquias em equipamentos e infra-estruturas, e a degradação das condições de vida».

FORD TRANSIT
CADA VEZ MAIS!

2 ANOS DE GARANTIA
Ford

- 2 anos de Garantia Ford ao comprar, agora, a sua Transit.
- Mais uma vantagem extraordinária que só um veículo de qualidades tão comprovadas lhe pode oferecer.
- Ford Transit, o comercial que mais circula em Portugal.
- Não perca tempo.
Contacte já o seu Concessionário Ford!

FORD TRANSIT
FAZ SEMPRE MELHOR
Ford

Assinatura vai ser já marcada

Os 300 milhões vêm aí mas a juro mais alto

Os bancos que participam no empréstimo externo de 300 milhões de dólares a Portugal deverão reunir-se em Londres, esta semana, para marcar a data da assinatura – disse o governador do Banco de Portugal.

Jacinto Nunes disse que o empréstimo estava a decorrer em tempo recorde, verificando-se «um grande interesse da parte dos bancos estrangiros e particularmente dos norte-americanos na operação».

Este interesse resulta não só «da confiança que a assinatura de um acordo com o Fundo Monetário Internacional inspira aos meios financeiros», mas também do facto de Portugal pagar, neste empréstimo, um juro mais elevado do que o verificado no primeiro semestre deste ano.

Jacinto Nunes disse à ANOP que o empréstimo vence em cerca de metade a taxa interbancária de Londres (Libor) mais 7/8 de ponto percentual e o restante vencerá a taxa preferencial de juro norte-americana (Prime-Rate).

No empreśtimo de 300 milhões de dólares contraídos pela República Portuguesa em Junho, a taxa de juro também era a Libor e a Prime Rate, a primeira acrescida de um «spread7 de 6/8 e a segunda de 0,45 pontos percentuais.

Este empréstimo externo destina-se ao financiamento do défice do orçamento e resulta de uma autorização da Assembleia da República para que o Governo contraia créditos externos até ao valor de 650 milhões de dólares, montante que fica agora praticamente esgotado.

Em quatro meses apenas

Emigrantes transferiram 61 milhões de contos

As remessas dos emigrantes portugueses atingiram 61,8 milhões de contos nos quatro primeiros meses deste ano, contra 53,081 milhões em igual período de 1982 – informou o Banco de Portugal.

Os emigrantes nos países europeus da OCDE enviaram 40.351 milhões de escudos (35 290 milhões nos quatro primeiros meses de 1982), os Estados Unidos e Canadá 11 335 milhões (9235 milhões) e os do Resto do Mundo 10 145 milhões (8556 milhões).

Nos quatro primeiros meses deste ano os emigrantes madeirenses enviaram para a região autónoma 3477 milhões de escudos e os açorianos 1 008,3 milhões.

Em 1982 os emigrantes portugueses enviaram remessas no valor de 208,3 milhões de contos e em 1981 o equivalente a 175,1 milhões de contos.

De Janeiro a Abril

Receitas do turismo subiram cinco milhões de dólares

As receitas portuguesas do turismo aumentaram, em dólares, de 189,9 milhões nos quatro primeiros meses de 1982, para 194,45 milhões, em igual período deste ano – informou o Banco de Portugal.

Devido à desvalorização do escudo relativamente às moedas dos países principais fornecedores de turistas, o crescimento na moeda portuguesa foi mais acentuado, passando de 13 140 milhões de escudos para 18 217 milhões.

De Janeiro a Abril deste ano as despesas com a actividade turística ascenderam a 71,4 milhões de dólares (6 658 milhões de escudos) contra, 65,65 milhões em igual período de 1982.

As receitas, do turismo atingiram em 1982, o valor de 69,7 milhões de contos, e em 1981, ascenderam a 63,7 milhões.

Ao abrigo do Plano/84

Os Açores vão investir oito milhões de contos

O Plano para 1984 da Região Autónoma dos Açores prevê investimentos de nove milhões de contos dos quais dois terços vão para os sectores produtivos e infraestruturas económicas – informou a ANOP, de fonte oficial.

Para além dos seis mil milhões de escudos (66 por cento) para os sectores produtivos e infraestruturas económicas, o Plano atribui 2700 milhões de escudos ao sectores sociais.

São, ainda, destinados 200 milhões de escudos aos sectores de apoio (Investigação, Informação e Modernização) e cem milhões aos investimentos intermunicipais.

O plano para cuja elaboração foram ouvidos os parceiros sociais, atingiu os 7200 milhões de escudos.

A mesma fonte referiu que o défice é «substancialmente reduzido em termos nominais, prevendo-se que se situe a níveis de 1982».

Acrescentou que se tiver em conta os custos da insularidade e a cobertura do défice pelo Orçamento Geral do Estado» não se prevê que haja défice do Orçamento corrente».

Disse ainda que o Plano, a apresentar ao Parlamento açoriano até dia 20, «representa um reforço no sentido de uma política financeira realista, de acordo com as capacidades regionais neste domínio e inserida na conjuntura actual».

Portugueses podem enviar flores para todo o mundo

Os serviços Interflora, através dos quais os hóspedes dos hotéis podem enviar flores para o mundo inteiro, com um simples telefonema a partir dos seus quartos, vai ser introduzido em Portugal.

A empresa que organiza estes serviços, a Interflora, Inc. está a alargar as suas actividades em Portugal e para explicar até onde pretende alargar-se convocou uma conferência de Imprensa para amanhã à tarde. Vieram ao nosso país o presidente mundial da Interflora, o holandês Cor Koomen, os vice-presidentes Thomas Kanganis (EUA) e Geoffrey Reese, da Nova Zelândia, e o secretário executivo, o alemão Hansjorg Bucholz.

Conselho de Ministros começa hoje em Atenas

Adesão de Portugal à CEE depende do aumento dos recursos

Se não houver um aumento de recursos por parte dos países membros da CEE, o orçamento comunitário não permitirá a entrada de Portugal e Espanha na Comunidade Económica Europeia. Esta constatação da Comissão Europeia será um dos temas que estará em foco durante o quinto Conselho Especial dos ministros dos Negócios Estrangeiros e das Finanças da CEE, que hoje começa em Atenas e no qual participarão, também, os ministros da Agricultura.

Com efeito, a negociação para a reforma da CEE, cujo ponto culminante será a Cimeira Europeia que terá lugar em Dezembro, em Atenas, começa verdadeiramente hoje, na capital grega, durante a reunião do Conselho Especial, cujos trabalhos durarão três dias.

Desde a cimeira europeia de estugarda em Junho último – que decidira essa negociação especial sobre a reforma do financiamento da Comunidade – os conselhos ministeriais e as reuniões de peritos limitaram-se a apresentar as posições nacionais e a expor propostas específicas da Dinamarca, da França, do Reino Unido e da RFA.

A presidência grega preparou para este Conselho um inventário das posições nacionais, como ponto de partida da negociação, que visa um triplo ojectivo:

1 – Reduzir as despesas orçamentais da Comunidade, particularmente as do sector agrícola, que representam 2/3 do Orçamento de 25 mil milhões de dólares,

2 – Resolver de maneira duradoira o problema da contribuição britânica para o orçamento da CEE,

3 – Instaurar, à escala europeia, uma política industrial das telecomunicações, da biotecnologia e das tecnologias da informação.

As dificuldades que apareceram na fase preparatória da negociação fazem recear que não se possa firmar um acordo de conjunto em Atenas. A Comissão Europeia deseja, em primeiro lugar, decisões operacionais no domínio agrícola. A comissão pede que as suas propostas com vista à redução dos excedentes agrícolas, em geral, e de leite, em particular, sejam adoptadas, para serem aplicadas o mais rapidamente possível.

Por outro lado, para se resolver o problema da contribuição britânica no Orçamento da CEE, há três propostas concorrentes: uma dinamarquesa, outra da Commissão – que Londres rejeita – e a terceira do Reino Unido.

É possível chegar-se a um acordo se se combinarem estas três fórmulas, indica-se em Bruxelas, mas na condição da diminuição da contribuição britânica resultante ser aprovada por Londres. O Reino Unido obteve, nos últimos quatro anos uma redução de dois terços da sua contribuição líquida para o orçamento comunitário.

Para além de uma solução duradoira sobre a questão da sua contribuição que evite uma renegociação anual, a Grã-Bretanha tem como outro objectivo a travagem e o rigoroso controlo do aumento das despesas agrícolas.

Se estas duas condições forem preenchidas, o governo da sra. Thatcher, apoiado pela RFA e pela Holanda, declara-se disposto a discutir o aumento do Orçamento da CEE, reclamado pelos seus parceiros.

Com o apoio do Governo britânico

Região do Douro-Nordeste é objecto de estudos de desenvolvimento

A criação de novas empresas e novos postos de trabalho na região do Douro, de modo a desenvolver o Nordeste e quebrar o isolamento da sua população essencialmente rural está a ser objecto de estudos de longo prazo no âmbito da Comissão de Coordenação da Região Norte com o apoio de especialistas britânicos.

Os primeiros resultados deste estudo foram recentemente apresentados pelo presidente da Comissão, Valente de Oliveira, que na altura sublinhou o facto de ele só ser possível pelo apoio do Governo inglês, que concedeu um subsídio não reembolsável de 57 mil e 800 contos, e facultou a vinda de consultores. O estudo foi iniciado no mês de Agosto.

Sublinhuando que 60 a 70 por cento da população activa do Douro e Trás-os-Montes se empregam no sector primário, Valente de Oliveira afirmou que o estudo em curso visa «definir novas actividades económicas viáveis na região, com raízes nas potencialidades locais».

Os técnicos britânicos concluíram, agora, um primeiro relatório de análise e enquadramento da bacia do Douro e prometem elaborar, até Novembro, um relatório complementar com a apresentação de sugestões – disse Valente de Oliveira.

«Em fins de Julho, ou Agosto, do próximo ano – acrescentou – estaremos em condições de pôr à disposição da Região estudos e recomendações muito concretas sobre o que pode ser produzido no Douro, com a indicação de mercado para colocação desses produtos».

Valente de Oliveira, disse, também que «vai ser necessário criar uma classe empresarial no interior e que «as potencialidades a desenvolver atrairão não só os investidores estrangeiros, mas também os portugueses, designadamente captando a poupança dos nossos emigrantes».

O vale do rio Douro é objecto, desde há anos, do interesse e do trabalho da CCRN, que vem desenvolvendo uma ampla série de estudos de base agora postos à disposição dos consultores britânicos.

Os estudos em curso incidem sobre os recursos naturais daquela área e o seu processo de transformação mais adequado «de modo que a maior parte possível do valor acrescentado, associado a este processo de transformação, fique na Região» – observa a CCRN.

A área do presente estudo engloba os agrupamentos do Douro-Sul, Douro-Norte, Douro-Superior e Terra Quente.

Esta região produz apenas 2 por cento do produto nacional bruto, com 5 por cento da população do País, vivendo principalmente da viticultura, mas dispõe de um considerável potencial para desenvolver.

A indústria manufactureira desempenha um pequeno papel na criação de riqueza e postos de trabalho, ou seja, 5 por cento da força trabalhadora.

Os elementos fornecidos pela CCRN indicam que um dos mais importantes factores do atraso económico, cultural e técnico da região duriense é a inacessibilidade.

«Estes obstáculos – afirma a CCRN – estão a ser atalhados por vários meios, incluindo o projecto de navegabilidade do Douro e diversas iniciativas autárquicas».

O principal objectivo do estudo de desenvolvimento da região do Douro, trabalho multidisciplinar, «É ser um detalhado plano de acção para acelerar a criação de empregos na área, encontrando meios de atrair investimentos positivos»...

A CCRN salienta que do estudo não irá resultar directamente o lançamento de novos empreendimentos, mas sim uma série de recomendações específicas sobre «como, quando e quem poderá promover actividades apropriadas na região do Douro».

Em Portugal

Campanhas contra Angola afectam transferências

As transferências de divisas de Angola para Portugal constituem uma importante contribuição para a balança de pagamentos portuguesa, sublinhou uma fonte diplomática angolana. Em declarações à ANOP aquela fonte disse que cada um dos cerca de dez mil cidadãos portugueses que residem actualmente em Angola transfere para o estrangeiro, em média, mil dólares por mês.

Pelo que toca aos cooperantes portugueses, estão autorizados a transferir para o estrangeiro, em dólares, metade dos salários, faculdade que utilizam generosamente.

É certo que muitas das transferências são efectuada para contas abertas em outros países europeus, nomeadamente a Suíça, mas a maior parte encaminha-se para Portugal, sublinhou.

Outra importante fonte de transferência de divisas é a corrente turística para Portugal. Cada cidadão angolano tem direito a passar um mês de férias no estrangeiro de dois em dois anos, optando a grande maioria por Portugal, quer devido à língua comum quer por desejarem reencontrar familiares e amigos. Só em Agosto os turistas saídos para Portugal foram autorizados pelo Banco Nacional de Angola a cambiar o melhor de três milhões de dólares (370 mil contos).

Ao contrário do que acontece com boa parte dos turistas provenientes de outros países, os turistas angolanos despendem enormes somas a fazer comprar em Portugal, referiu também a mesma fonte.

Acresce que membros do Governo e delegações oficiais angolanas visitam frequentemente Portugal ou fazem escala em Lisboa, a caminho de outros países ou em viagem de regresso a Luanda, o que se traduz igualmente em vultuosas entradas de divisas.

Centenas de angolanos também se deslocam anualmente a Portugal para consultarem especialistas ou receberem tratamento médico, nomeadamente no Instituto Português de Oncologia. O Governo angolano despenderá, este ano, 40 milhões de kwanzas (cerca de 120 milhões de escudos) com assistência médica e medicamentosa a doentes que vêm a Portugal em busca de súde.

A inexistência de estruturas de acolhimento obriga a maioria dos doentes angolanos a alojar-se em pensões sem comodidade, onde vivem num ambiente de promiscuidade e falta de higiene, vítimas de gananciosos sem escrúpulos.

Outra fonte de transferência de divisas, posto que muito menos importante, são as seis dezenas de angolanos que beneficiam de bolsas concedidas por Portugal, para frequentarem cursos superiores que não existem em Angola e cursos de pós-graduação. O Governo angolano assegura 32 mil escudos por mês, a cada um, como complemento de bolsa.

A todas estas fontes de divisas somam-se os contratos de fornecimentos e prestação de serviços firmados entre Angola e empresas públicas e privadas portuguesas. Ainda recentemente, por exemplo, Angola assinou um contrato com uma empresa de construção civil, que levará a transferência para Portugal, apenas num semestre, de seis milhões de dólares (cerca de 730 milhões de escudos).

A fonte diplomática angolana contactada pela ANOP sublinhou que as entradas de divisas em Portugal «poderão ser gravemente afectadas pela persistência das campanhas de insultos e calúnias contra o MPLA e o governo de Angola».

«Os angolanos que vivem ou se deslocam a Portugal queixam-se, frequentemente, da hostilidade de parte dos meios de Comunicação Social portugueses em relação a Angola, sublinhou a mesma fonte, para acrescentar que em Espanha e na França, por exemplo, não se verificam ataque tão escandalosamente desbragados.

"Grande acção de massas" em defesa e pela dinamização do sector público

— *Decidida no encontro das EP's realizado este fim-de-semana*

O IV Encontro Nacional dos Trabalhadores das Empresas Públicas, Nacionalizadas e Participadas, realizado no sábado, no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, aprovou a convocação para data oportuna de «uma grande acção de massas em defesa do sector nacionalizado e pela exigência da sua dinamização.

No final dos trabalhos, o encontro concluiu que as empresas públicas, nacionalizadas e participadas «detêm um gigantesco potencial de produção cuja utilização plena e planificada é vital, não só para enfrentar com êxito a grave crise em que o País se encontra mergulhado, mas também para alcançar elevadas taxas de desenvolvimento económico e social».

Com a participação de mais de 1350 delegados, em representação de mais de 270 mil trabalhadores das empresas do sector, o encontro decorreu durante todo o dia, com um amplo e vivo debate, que se iniciou nas empresas logo após a convocação daquela reunião.

No final foi aprovada uma resolução em que se traça o quadro da situação económica, financeira e social do sector e se perspectiva a luta dos seus trabalhadores, integrada na luta geral do povo português contra a fome e a miséria e pelo progresso social e económico.

O documento afirma que é no sector público que se encontram as empresas produtoras de bens e serviços fundamentais, «não só do ponto de vista do desenvolvimento económico do País, mas também para a melhoria das condições e da qualidade de vida dos portugueses».

Aponta como exemplo o facto de, no fim de 1982, «o activo líquido de apenas 31 empresas públicas, nacionalizadas e participadas ter atingido 1360 mil milhões de escudos, com um volume de vendas que ultrapassou 600 mil milhões de escudos».

Referindo-se à Banca e aos Seguros, o documento afirma que se localizam no sector os principais instrumentos de acumulação de poupanças e de meios financeiros.

Uma outra conclusão do encontro refere que as empresas públicas e nacionalizadas «embora ocupando menos de cinco por cento da população activa, produzem cerca de 20 por cento da riqueza nacional e que a produção de cada trabalhador no sector nacionalizado é quase o triplo do verificado no sector privado e que essa diferença não pára de crescer».

Concluiu igualmente que cerca de 30 por cento de todo o investimento realizado em Portugal provém das empresas públicas, nacionalizadas e participadas e que todos os anos essas empresas contribuem com importantes receitas para o Orçamento Geral do Estado. Neste capítulo salienta que essa contribuição atingirá, previsivelmente, os 32,7 mil milhões de escudos em 1983.

Depois de criticar, a acção dos sucessivos governos ao recusarem pagar as dívidas do Estado a algumas das empresas do sector, o que se traduziu «na rápida degradação financeira dessas empresas», o documento salienta que, tais factos «impediram, por um lado, uma gestão eficiente e, por outro, o seu funcionamento normal». Aponta como exemplos destes casos a EPAC, Quimigal, Banca nacionalizada, Petrogal, CP, RN e TAP. e salienta o facto das empresas referidas terem sido obrigadas a suportar pesadíssimos encargos financeiros.

O Encontro dos Trabalhadores das Empresas Públicas, Nacionalizadas e participadas decidiu, ainda, reafirmar a «necessidade e a determinação em combater a política do actual Governo».

Para tal, os participantes manifestaram a decisão de em cada empresa ou subsector do sector público, onde os direitos dos trabalharem ou os interesses da Economia Nacional estejam ou venham a ser lesados, recorrer a todas as acções que se mostrem necessárias e adequadas, incluindo a greve.

"Não estamos condenados a viver neste presente sem futuro"

-*afirmou Kalidás Barreto, ao encerrar o encontro*

O Encontro dos Trabalhadores das Empresas Públicas, Nacionalizadas e Participadas demonstrou «a determinação de se defenderem as nacionalizações e organizar a luta dos trabalhadores neste sentido, apresentando, ao mesmo tempo, as alternativas que existem a uma política económica de ruína e destruição» – sublinhou Kalidas Barreto, da Comissão Executiva do Conselho Nacional da CGTP-/IN, ao intervir na sessão de encerramento dos trabalhos.

Kalidás Barreto, depois de referir que a derrota da AD resultou da «luta tenaz dos trabalhadores», denunciou em seguida que o Governo Mário Soares/Mota Pinto tem desenvolvido «uma política que só se se diferencia da política da ex-AD por ser ainda mais violenta, mais ruinosa e mais destruídora para os interesses dos trabalhadores e do País».

O dirigente da Intersindical negou que a crise seja inevitável e que o País esteja «condenado a viver nesta angústia permanente, neste presente sem futuro», reafirmando a validade das propostas do movimento sindical unitário para a resolução das dificuldades».

Para Kalidás Barreto, que considerou a defesa do sector público como «vital para a superação da crise», não se trata de uma mera «opção colectivista», mas do «verdadeiro interesse nacional».

Esta tarde

Vidreiros da Marinha Grande iniciam marcha até Lisboa

Em causa a reestruturação do sector e salários em atraso

Mais de uma centena de trabalhadores vidreiros partem às 16 horas de hoje da Marinha Grande, dando início a uma marcha a pé com destino a Lisboa, onde aqueles, operários exigirão que lhes sejam pagos os salários em atraso e que sejam tomadas com urgência medidas que tornem possível o relançamento do sector.

Após um percurso de cerca de 110 quilómetros, os vidreiros da Marinha Grande chegarão a Lisboa na próxima quinta-feira, concentrando-se no mesmo dia, juntamente com outros trabalhadores do sector, em frente à Assembleia da República.

Com esta forma de luta, apelidada de «Marcha dos Vidreiros contra a Fome», aqueles trabalhadores pretendem alertar a opinião pública para a gravíssima situação em que se encontram e que, segundo afirmam é já de «fome e miséria». Com efeito, o patronato deve-lhes cerca de 300 mil contos de salários.

Os vidreiros exigirão ainda que o Governo cumpra aquilo que prometeu e lhes apresente um plano de reconversão da indústria. Esse plano, prometido há vários anos, foi encomendado a uma empresa privada, que por ele cobrou alguns milhares de contos.

O actual Governo renovou a promessa, mas os trabalhadores acabaram por constatar, numa reunião com o ministro Veiga Simão, sucessivamente adiada, que afinal ainda não existe nenhum plano para a reconversão do sector.

Embora nos últimos anos os patrões tenham recebido milhões de contos do Estado, acumularam dívidas aos trabalhadores, à Previdência, aos sindicatos, ao Estado e aos seus próprios fornecedores. As fábricas, neste momento, estão paradas ou laboram de tempos a tempos, sendo a situação de alguns trabalhadores já de «miséria e de fome».

A marcha é organizada pelo Sindicato dos Vidreiros e pela Federação dos Sindicatos da Cerâmica, Cimento e Vidro, com o apoio das Uniões dos Sindicatos de Leiria e Lisboa e da CGTP/IN.

Aplicação do "lay-off" só com autorização do Governo

— *diz o ministro do Trabalho*

O ministro do Trabalho, Amândio de Azevedo, afirmou no Porto que «o lay-off só será aplicada quando a medida se tornar indispensável para manter a viabilidade de uma empresa e os sues postos de trabalho».

«Qualquer empresa que queira aplicar o decreto recentemente aprovado tem de demonstrar inequivocamente a indispensabilidade da medida para que o Governo possa autorizar a sua implemntação» – acrescentou.

Amândio de Azevedo que se deslocou ao Porto para proferir um colóquio sobre Trabalho e Segurança Social, promovido pelo PSD, acentuou que antes da suspensão temporária dos contratos de trabalho («lay-off») a empresa poderá aplicar a redução de tempo de trabalho, em horas diárias ou em dias.

«Para que uma empresa possa propor ao Governo a aplicação do novo decreto tem de ouvir os seus trabalhadores seja através da Comissão de Tabalhadores, seja através das Comissões Sindicais», disse o ministro do Trabalho e Segurança Social.

A esta primeira «demarche», com o prazo orbigatório de 15 dias, segue-se a apresentação da proposta ao Governo, que através dos Ministérios das Finanças e Plano, do Trabalho e Segurança Social e do Ministério da tutela, terá 45 dias para se pronunciar.

A autorização governamental é condição indispensável para a implementação do novo decreto, salvo no caso em que passado o prazo de 45 dias sem resposta governamental haja acordo entre empresários e trabalhadores.

Amândio de Azevedo caracterizou o novo decreto conhecido por «lay-off» como «medidade intermédia mais suave que o despedimento colectivo, previsto no nosso ordenamento jurídico, que se mantém».

«A suspensão temporária de trabalhadores só é permitida por um ano com a possível prorrogação por mais outro, auferindo os trabalhadores nessa situação dois terços do seu salário desde que suoerior ao sálario mínimo nacional e inferior ao seu triplo», frisou o ministro.

Critérios de selecção

Quanto aos critérios objectivos de selecção das pessoas a serem abrangidas, Amândio de Azevedo afirma à ANOP que o diploma atende em primeiro lugar «à situação económica do trabalhador e à capitação do seu agregado familiar», em segundo aos deficientes e por último à antiguidade.

«O empresário poderá, com autorização do Governo, alterar esta ordem, desde que demonstre que a empresa poderá ser prejudicada na laboração com a sua aplicação» – acentuou o ministro.

A finalizar, Amândio de Azevedo disse que o seu Ministério tem intenção de rever a legislação laboral «com ponderação», e «tomando como modelo a dos países da CEE».

«Diplomas sobre trabalho suplementar, a lei da aprendizagem, regulamentação sobre os piquetes de greve e o «lock-out» encontra-se em preparação, estudo e apreciação pública», disse o ministro.

Amândio de Azevedo salientou que o «Governo após autorizar a aplicação do «lay-off» (de que qualquer trabalhador pode recorrer para o Supremo Tribunal Administrativo) utilizará mecanismos de fiscalização da atitude dos empresários, podendo suspender essas permissão e fazer voltar o processo ao princípio».

O decreto sobre suspensão temporária de trabalho foi aprovado em Conselho de Ministros na passada quinta-feira, aguardando agora promulgação do Presidente da República.

Médicos protestam amanhã em Lisboa

Os médicos policlínicos concentram-se amanhã em frente ao Ministério da Saúde, em Lisboa, a fim de protestarem contra a ameaça de despedimento que paira sobre cerca de dois mil clínicos em princípio de carreira.

A concentração foi convocada pelos médicos policlínicos da zona Sul e a ela aderiram os da zona Centro.

No plenário em que foi decidida foi ainda deliberado lançar uma campanha de esclarecimento sobre a situação do sector.

Para aqueles profissionais, as posições do Ministério da Saúde demonstram um grande desconhecimento da situação real do sector.

A Ordem dos Médicos, por seu turno, afirmou que, embora neste momento haja «número excessivo de médicos», tal situação não é «inevitável a médio prazo».

Sindicatos da Madeira aderem à jornada de luta nacional convocada para o dia 15

Os sindicatos filiados na União dos Sindicatos da Madeira (USAM) decidiram em plenário realizar no próximo dia 15, sábado, no Funchal, uma concentração-comício que se integra na jornada de luta nacional decidida para o mesmo dia pelo plenário de 24 de Setembro último, da CGTP/IN.

O secretariado da USAM acrescentou em conferência de Imprensa que tal acção terá como objectivos principais protestar contra o aumento do custo de vida, o «Lay-off» e a criação de novos impostos e defender o direito ao trabalho, o pagamento dos salários em atraso, as nacionalizações e a Reforma Agrária, as liberdades democráticas e sindicais e uma política democrática e nacional.

Paralelamente a essa acção, a USAM promove a realização de uma exposição fotográfica sobre a luta sindical nacional e regional e participa na campanha de recolha de assinaturas promovida pela Intersindical, solicitando ao Tribunal Constitucional a declaração de inconstitucionalidade da retroactividade do imposto sobre salários.

O plenário dos sindicatos da USAM reafirmou as suas «preocupações face às medidas que o Governo PS/PSD tem tomado, em nome da resolução da grave crise que o País atravessa».

O documento divulgado no Funchal acusa a coligação governamental de «avançar com o espectro do desemprego e o roubo de metade do subsídio de Natal, a par do brutal agravamento do custo de vida, com subida dos preços dos géneros e serviços».

As estruturas sindicais mafeirenses acusam também Mário Soares e Mota Pinto de «estarem empenhados no socialismo de miséria, de empobrecimento da maioria da população e de estagnação económica, dando claras provas de que não estão nem estiveram empenhados no diálogo social, mas antes a favor de uma política de terror social».

O plenário expressou ainda as suas «preocupações pelo facto de o Governo Regional, por mais de uma vez, ter manifestado a sua solidariedade para com a política do Governo Central».

24 horas

Sinais eleitorais em França

O recuo da esquerda francesa voltou ontem a ser posto em evidência, tendo a oposição falhado por pouco o êxito logo na primeira volta da eleição municipal de Antony (oeste de Paris) e alcançado uma vitória no cantão de Beziers (Sul da França).

A «terceira volta» das eleições municipais de Antony, cidade de 57 000 habitantes dos subúrbios de Paris, surgia como novo teste para a maioria depois das eleições municipais de Freux (oeste de Paris) e de Carcelles (arrabalde parisiense) ganhas pela oposição neo-gaulista e liberal.

A vitória escapou pela tangente (163 votos) à lista do candidato do RPR (Rassemblement Pour La Republique, gaulista) da oposição devido à presença de duas listas «marginais». A lista de oposição encabeçada por Patrick Devedjian (PRP, antigo advogado de Jacques Chirac), obteve, com efeito, 49,3 por cento dos sufrágios e ultrapassou largamente a do presidente cessante do município André Aubry (comunista), que reuniu 42,52 por cento dos votos.

«Labour» recupera

Depois da eleição do novo dirigente do Partido Trabalhista, Neil Kinnock, a popularidade do «Labour» britânico estabeleceu-se apenas por 3 por cento menos que a dos conservadores, pela primeira vez desde a guerra das Malvinas, na Primavera do ano passado, indica uma sondagem publicada pelo «Observer». Assim, 42 por cento das pessoas interrogadas votariam nos conservadores, se fossem organizadas agora eleições gerais, 39 por cento concederiam o seu voto aos trabalhistas e 18 por cento à aliança liberal-social democrata. A subida dos trabalhistas acontece em detrimento da aliança, precisa a sondagem, realizada pelo instituto Harris no princípio da semana passada.

O Papa não «escolheu»

A agência TASS acusou implicitamente, no sábado à noite, o Papa João Paulo II de não ter «escolhido» entre as duas linhas diferentes representadas, segundo a agência soviética, por Pio XII e João XXIII. Notando que o Papa João Paulo II e o sínodo dos bispos evocaram no Vaticano Pio XII e João XXIII a agência esclarece que João Paulo II «se absteve de escolher entre as duas linhas» que representaram para os assuntos temporais aqueles seus dois predecessores.

Argentinos quiseram destruir Gibraltar?

Durante a guerra das Malvinas, as autoridades espanholas fizeram abortar um plano argentino para destruir a base britânica de Gibraltar, diz o diário «The Sunday Times», de Londres. Citando fontes militares e da espionagem britânica, o jornal acrescenta que a Junta de Buenos Aires enviou para Espanha, na Primavera de 1982, um comando de mergulhadores especializados em sabotagem, que tinham como objectivo destruir os depósitos de combustíveis, munições e barcos de guerra britânicos. O «Sunday Times» precisa que o comando foi detido pela Polícia espanhola a cinco quilómetros da fronteira com a colónia britânica de Gibraltar. Segundo o jornal londrino, o principal objectivo da operação era fazer explodir o depósito de carburantes utilizados pela frota britânica que opera no Atlântico Sul.

Kissinger de ronda na América Central

O presidente da Comissão Nacional Mista para a América Central, designada pelo presidente Reagan, chefiada por Henry Kissinger, está desde ontem no Panamá, primeira escala da sua ronda pela América Central. Kissinger permanecerá 32 horas naquele país, seguindo amanhã para a Costa Rica, e em seguida para El Salvador, Guatemala, Honduras e Nicarágua, última paragem prevista para o seu périplo.

Na pista de Licio Gelli

A presença, no Uruguai, do grão-mestre da loja maçónica P.2, Licio Gelli, referida pela Imprensa, foi desmentida em Montevideu pelo governo local. Um comunicado da presidência da República indica que os rumores sobre a presença de Licio Gelli no Uruguai não têm fundamento. Verificou-se após inquérito – precisa o comunicado – que o responsável maçónico italiano, que fugiu de uma prisão na Suíça, não entrou no país. Desde que Lício Gelli se evadiu, em 10 de Agosto da prisão de Champ Dollon, têm fervilhado boatos dando conta da sua presença em vários países da América do Sul – Uruguai, Argentina, Paraguai – onde o responsável da loja P2 possui várias propriedades.

Mais uma "baixa" na Administração Reagan

Demitiu-se o secretário do Interior James Watt

O secretário americano do Interior, James Watt – o membro mais controverso do governo de Ronald Reagan, demitiu-se ontem à noite do seu cargo.

James Watt, que, durante os dois anos e meio que passou no governo, suscitou reacções por vezes violentas, mas raramente de indiferença, anunciou a sua demissão no rancho californiano para onde se retirara nos últimos dias, declarando que «tinha chegado a sua hora» de abandonar o cargo.

O presidente Reagan aceitou a demissão, lamentando-a, e pediu ao ex-secretário para se manter no seu cargo enquanto um sucessor não for designado, indicou a Casa Branca. Ronald Reagan sublinhou que James Watt «fizera um excelente trabalho como membro do seu gabinete na gestão dos recursos naturais da nação».

Useiro e vezeiro em fórmulas, pelo menos infelizes, James Watt tinha provocado uma verdadeira agitação, até mesmo no seio do Partido Républicano, ao descrever, em fins de Setembro passado os membros de uma comissão encarregada de o aconselhar sobre a exploração de carvão nos Estados Unidos.

«É uma mistura: um negro, uma mulher, dois judeus e um doente», disse ele nessa altura.

Estas declarações, pronunciadas perante uma assembleia de homens de negócios, fizeram rir os participantes, mas soaram como termo da carreira governamental do seu autor.

Os apelos à demissão do secretário do Interior começaram a ser cada vez mais numerosos, durante as últimas semanas, não apenas entre os seus adversários tradicionais – ecologistas e democratas – como igualmente por parte de personalidades republicanas. Também não há dúvidas que James Watt se veria confrontado, na próxima semana, com um voto de desconfiança do Senado, no qual numerosos senadores republicanos se teriam pronunciado contra ele.

Watt afirmou, numa outra das «suas» que as reservas índias eram um «exemplo do malogro do socialismo». Proibiu, também um concerto do grupo de rock «Beach Boys», em Washington, por ocasião das festividades nacionais do 4 de Julho, sob o pretexto de que o conjunto atraía «elementos indesejáveis». Nessa altura, pensou-se que o casal presidencial se encontrava no número desses «indesejáveis» admiradores dos «Beach Boys», o que colocou o secretário do Interior numa situação delicada.

Gerente dos recursos naturais americanos devido às suas funções, James Watt deu logo origem, assim que chegou ao governo, à inimizade activa dos ecologistas. Estes acusavam-no de encorajar, sem reservas, a exploração do domínio público com fins industriais.

O secretário retorquia que a sua concepção do meio ambiente era mais realista que a dos seus adversários.

«O homem que os americanos gostam de odiar», como um editorial do «New York Times» o qualificou, resistiu a numerosas tempestades, mas a última viria a ser-lhe fatal, apesar de o presidente não ter feito nada para o afastar.

Sexto protesto nacional começa amanhã no Chile

A oposição chilena ao general Augusto Pinochet, conseguiu ontem autorização do general Juan Toro Davilla, governador da cidade de Punta Arenas, 2500 km a Sul de Santiago para organizar uma manifestação aqui, com a condição expressa de que o movimento seja absolutamente pacífico.

Em Santiago, o Movimento Democrático Popular do Chile (MDP), que engloba o Partido Comunista, sectores do Partido Socialista e diferentes organizações de esquerda, repetiu o seu apelo a toda a oposição, no sentido de participar durante três dias a contar de amanhã num sexto Movimento Nacional de Protesto.

Este apelo é mais particularmente endereçado aos membros da Aliança Democrática, AD, instigadores de uma marcha pela democracia, proibida na sexta-feira passada pelas autoridades.

A Aliança Democrática, que agrupa os partidos que vão da direita a certas correntes do Partido Socialista, não deu oficialmente o seu apoio ao movimento, mas os seus dirigentes sublinharam num comunicado a legitimidade do direito de manifestação, única forma para o povo se fazer ouvir.

Recorda-se que foi feito um apelo semelhante, no sábado, por dirigentes do PRODEN (Projecto de Desenvolvimento Nacional), organização de oposição a que pertencem personalidades políticas que vão da direita liberal à esquerda marxista. Estas personalidades deram também a conhecer a sua intenção de descerem à rua amanhã, com ou sem autorização.

«Nada se modificará» ameaça Pinochet

Caso o general Pinochet persista em recusar o diálogo, conduzirá o país para «a violência mais extrema, a guerra civil» – afirmou Jaime Castillo Velasco, líder democrata-cristão e presidente da comissão chilena de Direitos Humanos.

Velasco, ex-ministro da Justiça e ex-deputado, considerado o ideólogo da Democracia-Cristã chilena, fez esta afirmação ao jornal «El Mercúrio».

O ex-ministro sublinhou que, se não se realizar um diálogo construtivo com a oposição representada pela Aliança Democrática, será impossível superar a polarização no país.

«Enquanto a Aliança Democrática fez concessões em prol da realização de um diálogo, renunciando inclusivamente à exigência de demissão do presidente, o general Pinochet responde que poderão existir todos os diálogos, mas nada se modificará. É o mesmo que dizer que não quer o diálogo» – acrescentou Velasco.

Adiantou que, objectivamente, o governo, não só dificulta o diálogo, como cria condições para que surja no país uma saída semelhante à centro-americana, «onde só a violência seja válida e as Forças Armadas, para a impedirem, perpetuem a situação actual».

«Assim, as Forças Armadas ganhariam a próxima batalha, mas os derrotados seriam o Chile e a democracia» – concluiu Velasco.

Quatro mortos

O presidente da Corei
acusou ontem a Coreia d
atentado que ontem vitimo
Birmânia, 19 pessoas, entr
sul-coreanos. O atentado r
Mártires», no centro de Ra
observadores, Chun Doo
atraso de poucos minutos
ao chefe de Estado sul-core
às 10 e 25 (hora local) aba

«UM plano malvado e sem precedentes da Coreia do Norte», eis como o presidente sul-coreano classificou, à sua chegada a Seul, o atentado de ontem em Rangoon. A mesma acusação tinha sido já feita pelo ministro da Informação após uma reunião do Conselho de Ministros da qual resultou o estado de alerta da Polícia e Forças Armadas da Coreia do Sul. Por seu lado, o presidente birmanês denunciou ontem o «acto desprezível de terroristas que tentaram desacreditar e sabotar as relações cordiais» entre a Birmânia e a Coreia do Sul, enquanto Rangoon parecia ontem uma cidade em estado de sítio.

Com efeito, controlos policiais rigorosos foram accionados, logo após o atentado no mausoléu, nas ruas da capital da Birmânia. Longas filas de veículos aguardavam o momento para passar. Grupos de polícias em uniforme e à paisana interpelavam e revistavam os transeuntes, os passageiros dos autocar-

Iraque vai

O Iraque tenciona efectivamente utilizar os aviões franceses «Super-Etendard» que lhe estão a ser fornecidos para atacar as instalações de petróleo iranianas no Golfo, o que desencadearia uma crise extremamente séria, considera-se em Washington.

Segundo o «Washington Post», que cita fontes próximas do Departamento de Estado, as intenções iraquianas foram claramente formuladas nas últimas semanas junto de responsáveis americanos.

Nessa perspectiva, precisa o jornal, um certo número de navios norte-americanos, entre os quais o porta-aviões «Ranger», que se encontrava em patrulha em águas da América Central, foram enviados nos últimos dias para o Índico, onde também acaba de chegar o porta-aviões britânico «Invencible».

O Iraque, considera-se em Washington, encontra-se numa situação bastante difícil após três anos de guerra com o Irão e

Com a "pesada herança" lega

Shamir apresenta-se hoje ao

O ministro dos Negócios Estrangeiros Isaac Shamir, designado para formar o próximo governo, deve obter sem problemas, hoje, a confiança do Parlamento para o seu novo governo, pensam os observadores.

Trata-se dum governo minoritário e de continuidade que o sucessor de Menahem Begin apresenta à Câmara, onde tem assegurados os votos de 61 dos 120 deputados que a constituem.

Mas Shamir assume a direcção do país como uma «pesada herança»: a situação económica é das mais graves, as tropas israelitas estão atascadas no Líbano numa situação de guerra que não se sabe quando acabará e as relações com o Egipto estão congeladas».

Além disso, embora os principais parceiros de coligação de Shamir hajam aceitado uma trégua formal, a fim de permitir-lhe formar Governo, os observadores não duvidam que Shamir será chamado a breve trecho a remodelar o seu gabinete, para satisfazer as suas reivindicações.

Porém, será na frente social que Shamir terá que travar a sua primeira batalha.

Ontem, quando prosseguia no país a corrida ao dólar e a bolsa de Televive fechara as suas portas, numa atmosfera de estouro devido a queda das acções dos bancos comerciais, o Conselho dos Ministros estudava, há mais de seis horas, os meios para jugular a crise com os presidentes dos maiores bancos de Israel.

Os responsáveis do Tesouro e

MOBÍLIAS USADAS

Compro-Vendo
Troco

Armazéns
Móveis Jorge

Av. Almirante Reis, 35
(aos Anjos) Tel. 832161

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

OURO

TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRO A P/ PAGAMENTO. •
das 10 às 12 h. e das 14 às 18 h.
Av. Almirante Reis 175 1.º (mesmo IMPÉRIO)
VICTOR - telf. 53 82 20

Seul acusa Coreia do Norte

ro ministros sul-coreanos s num atentado em Rangoon

Coreia do Sul, Chun Doo Hwan, eia do Norte de ter instigado o itimou, em Rangoon, capital da entre as quais quatro ministros ado registado no «Mausoléu dos e Rangoon, visava, segundo os Doo Hwan. Com efeito, só um tos no programa oficial permitiu coreano escapar à explosão que abalou o mausoléu. No entanto, a

sem
a do
ente
sua
o de
sma
pelo
após
de
es-
rças
Por
nês
des-
nta-
r as
Bir-
en-
tem
tio.
iais
dos,
iso-
Bir-
ulos
ara
em
ela-
un-
car-

essa hora, encontravam-se já no edifício numerosas personalidades birmanesas e sul-coreanas. Um comunicado oficial birmanês, ontem divulgado, precisa que, dos 19 mortos, 16 erão sul-coreanos e 3 birmaneses, enquanto, dos 48 feridos, 15 eran sul-coreanos e 33 birmaneses. Entretanto, o prrsidente sul-coreano voltou ontem a Seul, interompendo a visita de quatro dias à Birmânia, tendo também anulado a continuação da sua primeira visita ao estrangeiro que o devia levar à Índia, ao Sri Lanka, à Austráà Nova Zelândia.

ros e os veículos, e notava-se a presença de uniformes que habitualmente não são vistos nas ruas de Rangoon (provavelmente membros da Segurança Militar). A Polícia do Ar também revistou sistematicamente os passageiros que deixavam Rangoon.

Entretanto, as hipóteses aventadas pelos diplomatas ocidentais, em Rangoon, são de duas ordens: ou os autores do atentado são totalmente estranhos aos problemas birmaneses, ou pelo contrário o atentado tinha por fim chamar a atenção da opinião pública estrangeira para a insatisfação em relação ao regime do general Ne Win, no poder desde 1962.

Segundo fontes bem informadas, a presença na Birmânia de um grupo de pessoas consideradas «terrotistas» profissionais tinha sido assinalada às autoridades locais pela Interpol nos últimos dias.

O grupo compreenderia nomeadamente um francês, um italiano e um argelino. As mesmas fontes precisam que as autoridades birmanesas ignoram se estas pessoas abandonaram ou não o país.

Para já uma das consequências, a curto prazo, deste atentado para a diplomacia regional será, sem dúvida, o reforço temporário do isolacionismo birmanês, segundo se considera nos meios diplomáticos ocidentais.

A Birmânia que mantém relações diplomáticas ao nível de embaixadas com a Coreia do Sul e com a Coreia do Norte, encontra-se praticularmente isolada na cena internacional desde que abandonou, em 1980, o Movimento Não Alinhado.

A visita do presidente sul-coreano constituía um tímido esforço de abertura ao Ocidente, movimento que se tornava necessário principalmente por motivos económicos.

Reacções internacionais

Enquanto um avião especial da companhia sul-coreana KAL seguia hoje de manhã para Ragoon para transportar os corpos dos dezasseis coreanos mortos no atentado de ontem e que, segundo uma agência japonesa, teria sido provocado por uma bomba relógio, começam a ser conhecidas as primeiras reacções internacionais, vindas, nomeadamente, de países que o presidente sul-coreano pretendia visitar nesta sua deslocação. Com efeito, as autoridades australianas, neozelandesas e indianas denunciaram o atentado de Rangoom, enquanto o governo americano, através do porta-voz da Casa Branca, se dizia «chocado e triste» com o acorrido.

Grã-Bretanha

Congresso conservador debate "escândalo sexual"

A conferência anual do Partido Conservador britânico que hoje começa pode converter-se no julgamento moral do ministro inglês da Indústria e Comércio, envolvido num escândalo sexual.

Esta opinião de observadores políticos tem por base a confissão feita recentemente pelo ministro Cecil Parkinsson que admitiu ter mantido durante muito tempo relações sexuais com a sua secretária, que aguarda um filho para o mês de Janeiro.

Inicialmente, pensava-se que esta conferência, a realizar em Blackpool, a primeira depois da vitória dos conservadores nas eleições gerais do mês de Junho, iria ser apenas a celebração do triunfo e a adulação do primeiro-ministro Margareth Thatcher.

Só que a Imprensa descobriu as ligações amorosas do ministro com a secretária e a reunião que hoje se inicia irá pôr à prova a tolerância dos conservadores em temas morais e eventualmente fazer depender desta atitude a carreira política do colaborador preferido de Thatcher.

Apesar de a opinião pública parecer ter «perdoado» e de Margaret Thatcher ter recusado demitir o ministro, começam a ouvir-se censuras de alguns políticos conservadores que podem fazer com que o primeiro-ministro britânico reconsidere a sua posição e peça a Cecil Parkinson que se demita.

A moral conservadora britânica tem na unidade familiar um dos seus princípios e o titular da pasta do Comércio e Indústria ofendeu frontalmente mesmo que, segundo alguns, poderia ter sido evitado com uma «prudente e honrosa demissão».

É provável que o assunto não surja oficialmente na ordem dos trabalhos, mas alguns delegados irão levantar o problema e criticar Thatcher por ter apoiado publicamente Cecil Parkinson.

Outro tema que irá ser abordado na conferência refere-se aos cortes orçamentais nos Serviços de Segurança Social e que motivaram o desemprego de cinco mil pessoas e o encerramento de muitos centros hospitalares regionais.

Também se pensa que o actual secretário para a Irlanda do Norte, James Prior, deverá explicar, detalhadamente, as responsabilidades na recente fuga de presos do IRA.

Entretanto um relatório da Juventude do Partido Conservador britânico ontem divulgado afirma que o Partido está infiltrado por pessoas com conotações fascistas e nacionalistas.

Os jovens conservadores que fizeram uma investigação secreta afirmam que vários parlamentares do partido mantêm relações próximas com grupos de extrema-direita.

De acordo com o relatório, de que o periódico «The Observer» publica hoje extractos, essa infiltração é fruto do declínio de várias forças de extrem-adireita, nomeadamente a Frente Nacional.

Instado a comentar o relatório, o vice-presidente do Partido Conservador, Michel Spice, disse não ter por enquanto declarações a fazer. Spice adiantou que seria tomada uma posição depois de concluída a versão final do relatório. O assunto deverá ser agora focado no congresso conservador.

Preocupação em Washington

ai atacar petróleo iraniano no Golfo?

a-
e-
he
a-
po
n-
a-
m

on
as
as
a-
as
is

o
a-
os
»,
na
al,
as
m
es

m
de
ós
e

deseja privar o Irão dos seus rendimentos do petróleo e «dramatizar» a situação para tentar conseguir um fim rápido do conflito.

O desencadeamento duma nova crise no Golfo é encarado com grande preocupação em Washington, onde já se teme um aumento da tensão no Médio Oriente por causa do alegado reforço militar sírio, denunciado pelo presidente Ronald Reagan, no sábado passado.

No entanto, notam os observadores, o governo norte-americano está partilhado entre o receio duma crise séria no Golfo e o de ver o Irão sair vitorioso e passar a ameaçar os produtores de petróleo do Golfo.

No plano económico, um eventual ataque contra o terminal iraniano da ilha de Karg provocaria o encerramento do estreito de Ormuz, pelo Irão, ameaçando imediatamente o abastecimento de petróleo ao Japão e à Europa Ocidental, consideram os meios ligados ao petróleo. No entanto, segundo certos peritos americanos, a penúria de petróleo resultante seria limitada ou praticamente inexistente.

Tanques «Leopard» para a Arábia Saudita

O governo alemão federal venderá tanques «Leopard», considerados uma das melhores armas na luta anti-helicópteros e aviões, à Arábia Saudita, dizia ontem o jornal «Welt Am Sonntag».

O jornal conservador afirma que o chefe de governo alemão federal, Helmut Kohl, que chegou hoje à Arábia Saudita, depois de uma visita ao Egipto, fará a oferta de venda dos «Leopard» ao rei Fahd, depois de ter obtido a autorização devida pelo Parlamento de Bona.

A Arábia Saudita tenta, desde há anos, que a Alemanha Federal lhe venda o «Leopard II», mas nem o anterior governo social-democrata, nem o actual gabinete cristão-democrata de Kohol se atreveu à transacção, por causa dos protestos feitos por Israel.

No Cairo, Kohl pediu ao presidente egípcio, Hosni Mubarak, que conceda a empresas alemãs-federais o contrato para a construção de oito centrais atómicas, ainda segundo o «Welt Am Sonntag». Em troca, prometeu garantias estatais a essas firmas, em vez de apoio a uma importante venda de «Volkswagen» para o Egipto.

TASS responde a Reagan

A agência noticiosa oficial soviética TASS respondeu ontem ao discurso de sábado do presidente norte-americano Ronald Reagan, afirmando que «a Síria tem o direito de receber armas da URSS para garantir a sua segurança nacional».

A TASS, em notícia datada de Washington, não faz qualquer referência concreta ao anúncio de Reagan de que Moscovo teria fornecido à Síria mísseis «SS-21»,

No próximo fim-de-semana

Encontro Genscher-Gromiko em Viena

O ministro dos Negócios Estrangeiros alemão ocidental, Hans-Dietrich Genscher, vai avistar-se durante o próximo fim-de-semana, em Viena, com o seu homólogo soviético Andrei Gromyko, soube-se hoje em Bona de fonte bem informada.

Genscher, que não pôde encontrar-se com, Gromyko durante a Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova Iorque, em princípios de Setembro, deseja debater com o ministro soviético a situação das negociações de Genebra sobre os euromísseis a dois meses do início da instalação dos mísseis da NATO na RFA.

Entretanto a maioria do Partido Social Democrata Alemã Federal (SPD) votou já, em congressos regionais, contra a instalação de novos mísseis norte-americanos na RFA.

Nove das 11 secções regionais do SPD decidiram-se já por um rotundo «não» à instalação dos mísseis «Pershing-2» e «Cruise», bem como à aceitação de um acordo intermédio nas conversações de desarmamento de Genebra que implique um reforço do armamento nuclear.

Apenas as secções sociais-democratas da Baixa Saxónia e de Hessen não tomaram ainda posição sobre o assunto, esperando-se porém que apoiem também a posição contra os mísseis.

A direcção do SPD, presidida por Willy Brandt, recomendará às secções regionais que não se manifestem sobre o assunto antes do congresso extraordinário do partido, que se realiza nos dias 17 e 18 de Novembro.

Contudo, e apesar desta recomendação, sucederam-se em cadeia as negativas das secções regionais, pelo que a grande maioria dos delegados ao congresso deverá votar contra a instalação dos novos mísseis.

Por seu lado, o chefe de Estado da República Democrática da Alemanha, Erich Honecker, pediu ontem ao chanceler Helmut Khol, que intervenha «com toda a sua influência» para que se chegue a acordo nas conversações de Genebra.

Em carta ontem enviada a Khol, Honecker afirma que as negociações sobre o desarmamento em Genebra devem conseguir um acordo na base principal da igualdade e conduzir a uma redução dos mísseis nucleares tanto no Leste como no Ocidente.

gada por Begin

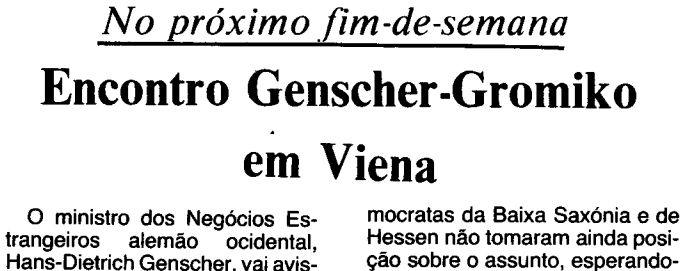
Parlamento israelita

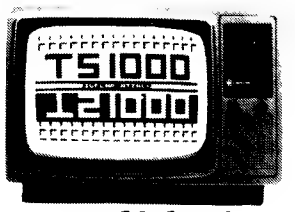
os presidentes dos grandes bancos prosseguiram as suas discussões na noite passada, devendo o novo governo ter nova reunião para discutir a crise económica, hoje, algumas horas antes de Shamir apresentar o seu governo aos deputados.

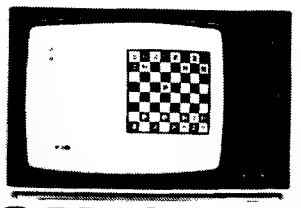
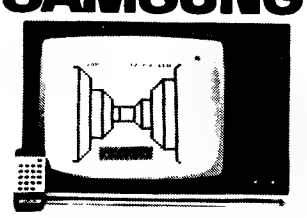
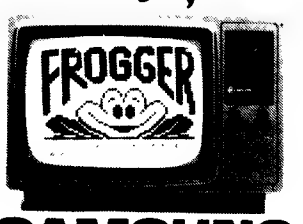
Assim está previsto reduzir o orçamento, cortando-lhe mil milhões de dólares, suprimindo as subvenções aos principais produtos básicos e pondo até em causa o pagamento regular aos beneficiados pelo «abono de vida cara». Se esta última medida for aprovada, o país viverá uma vaga de agitação social sem precedentes, pensam os observadores.

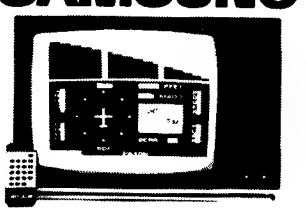
Perante a dimensão da crise económica, é pouco provável que Shamir beneficie do tradicional prazo de cem dias de tréguas, acredita-se em Jerusalém.

A situação é tão crítica que a polícia israelita começou ontem a patrulhar ao anoitecer as imediações do domicílio do ministro das finanças, Yoranm Aridor, e dos seus responsáveis da Bolsa, segundo anunciou a Rádio Nacional.



SAMSUNG
este TV que dá TUDO!


qualidade

SAMSUNG

satisfação


SAMSUNG

tecnologia
E ATÉ
um computador

TIMEX sinclair no valor de 9000$00
uma oferta muito especial na compra de um
TV-CORES SAMSUNG
ATÉ 31 DE OUTUBRO
LIMITADA A LOJAS em CAMPANHA
ecran

em duas palavras

Por causa dos prémios o pessoal do Roma Termini só fala italiano

O pessoal de Roma Termini, a gare central de Roma, iniciou este fim-de-semana uma greve de zelo original, recusando-se a responder às perguntas dos viajantes que não falam italiano.

O movimento, que tem por origem a recusa da administração ferroviária em conceder um prémio de línguas aos seus trabalhadores, provocou «bichas» sem precedentes nas informações.

Os viajantes que não conseguem exprimir-se na língua de Dante, têm agora um único recurso: fazer uma primeira «bicha» frente ao balcão dos intérpretes de Roma Termini a fim de obterem uma tradução por escrito daquilo que pretendem.

Alugava a tenda para fazerem amor

Um vendedor ambulante explorou durante alguns dias, em pleno centro do Rio de Janeiro, o rentável negócio de alugar pelo equivalente a uns 100 escudos uma tenda de campanha para os casais que desejassem fazer amor.

Nada poderia ter acontecido se os fiscais da Secretaria de Finanças não tivessem, certa noite, ficado perplexos ao ver uma longa fila de casais que aguardavam a sua vez de entrar na tenda.

O vendedor é agora procurado pela Polícia e a tenda e o colchão de palha que servia de cama improvisada foram apreendidos.

Vaca com mania do passeio

Uma vaca, aborredida de permanecer no estábulo e com ganas de conhecer o mundo, dedicou-se a passeios públicos bas ruas de Bayona, o que originou a sua detenção e aplicação de uma multa.

O animal, preso nas dependências municipais, não pode agora regressar aos seus «aposentos antigos», enquanto o amo não pagar a multa aplicada pela Polícia.

Só que, o proprietário do animal, parece renitente em saldar a conta, uma vez que anteriormente, o mesmo animal com as manias de apanhar ar, o obrigou a pagar uma multa de cem dólares, o que, em pesetas, já vai sendo dinheiro.

Procura quem dê um filho ao marido

«Não podendo ter um filho, procuro uma mulher que aceite dar um filho ao meu marido. Resposta a este jornal...», lia-se hoje em Atenas nas colunas do jornal «Acrópolis» (direita).

Este apelo, absolutamente excepcional na Grécia, onde a moral tradicional é omnipresente, foi lançado por uma mulher de 36 anos. Dirigindo-se a «todas as mulheres, grandes, pequenas, morenas ou louras, instruídas ou não, que possam ter um filho» a sr. K. D. precisa, que todas as despesas ficarão a cargo do seu marido, que é médico.

Inaugurada a mina mais alta do Mundo

A mina mais alta do Mundo foi inaugurada ontem pelos dirigentes da empresa estatal Codelco, que gera as minas de cobre do Chile.

A nova exploração, chamada «Sul-Sul» pertence à Mina «Andina» e encontra-se situada a 4200 metros de altitude, a 40 quilómetros da cidade de Saladillo.

O filão cuprífero estende-se por baixo de um glaciar de 40 metros de espessura, em pleno coração dos Andes.

A exploração funcionará a ceú aberto, de Outubro a Abril ou Maio de ca a ano, porque no resto do ano as baixas temperaturas e intensos nevões não permitem a laboração.

A entrada em funcionamento da nova mina deve elevar para cem mil toneladas a produção do Grupo «Andina» que foi, em 1982, de 60 000 toneladas de cobre fino.

Queria deixar a mulher como garantia para sair da prisão

Os juízes de um tribunal de Genebra não aceitaram, sábado, a proposta de um preso que pretendia deixar a mulher como garantia, a fim de obter liberdade condicional e poder tratar pessoalmente dos filhos do casal.

O casal, cuja identidade não foi revelada de acordo com as leis suíças, é francês, residente em Marselha e foi detido em Agosto sob a acusação de ter roubado numa joalharia de Genebra um diamante avaliado em 48 000 francos suíços (uns 2800 contos).

O advogado de defesa intercedeu a favor da petição do «pai modelo» e destacou no tribunal o seu «sacrifício moral extraordinário» visto que estava disposto a «deixar a sua mulher como refém para sair da cadeia e cuidar dos filhos».

A jóia roubada tinha aparecido escondida nas partes íntimas da mulher, mas o marido confessou que ele a tinha forçado a cometer o roubo.

Afinal os ímanes têm poderes curativos

Um simpósio médico anteontem realizado em Madrid ratificou a velha crença de que o símanes têm poderes curativos.

Uma equipa de médicos do Departamento de Traumatologia do Centro «Ramon y Cajal», da capital espanhola, confirmou que certos campos electromagnéticos afectam o desenvolvimento das células humanas.

Estes campos, criados por complicadas máquinas baseadas no velho íman, foram aplicados pela equipa do dr. Rodriguez Delgado, a qual ensaia «com resultados prometedores» novos tratamentos baseados no electromagnetismo, entre os quais se incluem a soldadura rápida de ossos humanos.

O dr. Monteagudo, membro daquela equipa, declarou à agência espanhola EFE que os electro-ímanes aplicados externamente «modificam os processos de crescimento celular, efectuam mudanças genéticas, influem na consolidação óssea e, inclusivamente, modificam o comportamento humano».

130 000 alemães usam regulador cardíaco

Cerca de 130 000 alemães federais vivem, actualmente, com «pacemakers» – informou anteontem a clínica universitária de Hamburgo.

A maioria dos doentes que usam o ritmador cardíaco têm entre 60 a 80 anos, mas há também casos de crianças que tiveram necessidade de receber «pacemakers».

Responsável do Hospital da Praia ao "Diário de Lisboa"

Esforçamo-nos por levar saúde a todos os cabo-verdianos

Dario Dantas dos Reis, seguramente um dos mais conceituados médicos cabo-verdianos, abandonou em 1981 uma actividade muito lucrativa em Portugal, onde possuía uma clínica própria, para ir para Cabo Verde desempenhar o cargo de chefe de clínica do Hospital dr. Agostinho Neto, na cidade da Praia. Licenciou-se em 1963 pela Faculdade de Medicina de Lisboa, onde mais tarde se especializou em cardiologia. Foi assistente da Faculdade de Medicina, durante muito tempo. Prestou também serviço durante vários anos no Hospital de Santa Maria, onde fez um trabalho assinalável, depois de um prolongado estágio no Hospital Hemmermith de Londres. De passagem por Lisboa o «DL» ouvio-o sobre a situação da sáude em Cabo Verde.

«Diário de Lisboa» – *Como é que caracteriza a situação da saúde pública em Cabo Verde?*

Dario dos Reis – «Aquilo que se chama saúde pública constitui neste momento em Cabo Verde, uma prioridade. Entende-se fundamentalmente como um tipo de saúde orientado para a profilaxia, portanto para a prevenção das doenças. Com este objectivo foi criado este ano um departamento que vai tratar especifiamente dos problemas da saúde pública.

Esta actividade é exercida em Cabo Verde nas unidades sanitárias de base, que são estabelecimentos de menor diferenciação dentro do esquema de prestação dos cuidados de saúde e também a nível daquilo que chamamos delegacias de saúde. Existem duas grandes delegais de saúde, que são as da Praia e S. Vicente e delegacias menores que são as da Assomada e Tarrafal, na ilha de S. Tiago. Nas outras ilhas os médicos desempenham simultaneamente o papel de delegados de saúde. A partir de um certo escalão, ao nível dos hospitais centrais, que são os da Praia e Mindelo, os cuidados aí prestados já não estão relacionados com os cuidados primários de saúde, porque estão fora daquilo que se convencionou designar, saúde pública. Nós prevemos que progressivamente o peso que estas estruturas da saúde pública vão ter no esquema de prestação dos cuidados de súde, vai ser progressivamente maior e já se notam alterações nos índices de saúde por exemplo em relações a 1976.

Mortalidade baixou

«DL» – *Gostaríamos que comparasse o estado actual da saúde em Cabo Verde em relação à época colonial, nomeadamente no combate – às grandes epidemias que até pouco tempo flagelava Cabo Verde.*

DR – «Contrariamente ao antigamente, o esforço é todo ele para fazer chegar os cuidados de saúde a todos os cabo-verdianos. Mas claro que ainda não se consegue atingir este objectivo. Até 1975 existia a medicina privada a par com a iniciativa estatal. A iniciativa privada dentro da minha óptica não resulta para um país como Cabo Verde, visto que uma grande parte da população não teria acesso a ela.

Em relação aos surtos epidémicos que surgiam anteriormente à independência, elas estão banidas ou pelo menos afastados. Com a abolição da iniciativa privada e a tentativa de fazer chegar os cuidados de saúde essenciais a uma maior fatia da população, tem-se verificado uma grande melhoria da situação que já se traduz nos índices de mortalidade infantil. Por exeplo em 1975 a mortalidade infantil rondava os cem por mil, agora está na ordem dos 60 por mil, o que é uma redução bastante importante.

«Por outro lado têm-se conseguido o ataque a certas doenças tropicais, como, por exemplo, o paludismo, que neste momento está quase completada a sua irradicação. Também é igualmente importante aquilo que se está a fazer para o controlo da lepra, que como se sabe é uma doença bastante expressiva em Cabo Verde. Neste momento têmo-la sob controlo, existindo um departamento que se está debruçando sobre este problema. Como vê estamos bastante melhor.

«Também queria acrescentar aquilo que se está a fazer no campo da medicina curativa com um melhor apetrechamento dos hospitais, nomeadamente os hospitais centrais. É possível que este ano se possa fazer a inauguração de um novo hospital de S. Vicente, que terá uma estrutura bastante moderna que vai beneficiar muito a população do Barlavento.

«Também haverá obras de beneficiação do hospital da Praia, que já sofreu uma melhoria assinalável do seu equipamento. Com a ajuda da Fundação Calouste Gulbenkian, apetrechámos o seu serviço de urgência com equipamento que deverá existir numa zona de urgência em qualquer hospital do mundo».

População sem posses para a medicina privada

DL – A constituição de C. Verde não nega a medicina privada. O que é que o Estado faz neste domínio?

DR – Não sei se alguma alínea da Constituição defende a medicina privada, embora a lei diga que todos os cabo-verdianos devam ter acesso à saúde, a forma como ela deve ser adquirida é que não vem discriminada. E digo-lhe mais: tenho uma consulta de cardiologia no hospital da Praia e estou convencido que se essa consulta fosse paga, noventa por cento da população não teria acesso a ela.

E se não fosse possível fornecer medicamentos a estas pessoas, não seria possível nenhum tratamento eficaz. É claro que tudo isso se consegue, porque a nossa medicina está sob controlo do Estado.

Sei que muitas pessoas não concordarão com este ponto de vista, mas, felizmente, é a minha opinião.

DL – Muitos cabo-verdianos que se formam em medicina não regressam a Cabo Verde, alegando falta de apoio no exercício da sua profissão e queixando-se dos baixos salários que recebem. Quais as iniciativas que o Ministério está a tomar para resolver este problema?

DR – Há várias razões que explicam a situação que referiu: primeiro ganham mais em Portugal, esta é de facto a razão de maior peso.

Ganham mais, logo vivem melhor materialmente. Em Portugal têm acesso a um certo número de facilidades profissionais que pelo menos a curto prazo não terão em Cabo Verde.

Para que os médicos formados em Portugal regressem a Cabo Verde teríamos de rever a nossa organização geral de saúde.

Médicos não podem ser a excessão

DL – Rever essa organização não significa uma nova política de saúde?

DR – Não, quando falo em rever a organização geral de saúde, refirom-e ao nível salarial, em que a classe média teria de ser entendida como uma enorme excepção dentro da sociedade cabo-verdiana, o que eu considero errado.

Seria necessário que Cabo Verde lhe oferecesse um ordenado opíparo, o que não tem possibilidades de fazer. Como sabe os ordenados em Cabo Verde são todos eles baixos.

DL – O Ministério da Saúde de Cabo Verde é muitas vezes acusado de se esquecer da saúde nas outras ilhas, concentrando os médicos nos dois centros urbanos, S. Vicente e Praia. Quer comentar?

DR – Não existem concentrações de médicos só nas duas ilhas a que se refere. Quem o afirma está fora do esquema da saúde em Cabo Verde.

É indiscutível que a Praia justifica a concentração de médicos visto que, embora pareça pequena, concentram-se ali 40 000 pessoas. Por outro lado é preciso saber que o hospital da Praia dá assistência à quase totalidade da população de Sotavento, que representa mais ou menos metade da população de Cabo Verde.

Em relação a S. Vicente, que tem população equiparável à da Praia, aplica-se o mesmo princípio. Mas recuso-me a aceitar que os médicos estão concentrados só nestas duas cidades.

«DL» — Quer dizer que Cabo Verde está a ter os seus quadros médicos radicados definitivamente em Portugal? As perspectivas que me aponta são sombrias, não é essa a sua opinião?

DR — «Não considero isso uma condenação. Seria desejável que regressassem todos, sem excepção. Suponho que não erro se lhe disser que nos próximos quatro anos Cabo Verde deverá ter cerca de cem novos médicos, e a maior parte deles não vem de Portugal.»

«DL» — Não acha que o dinheiro que é gasto com os cooperantes no sector da saúde, podia servir de incentivo para que os médicos cabo-verdianos regressassem ao seu país? Não lhe parece que se regressarem todos, Cabo Verde não precisaria dos médicos estrangeiros?

DR — «Não, não concordo, não se gasta um tostão com os cooperantes. A maior parte deles ganha três ou quatro contos para os seus gastos pessoais. Quanto aos nossos médicos que dizem que não voltam por falta de apoio, talvez falem um bocado no ar. Eles nem sequer foram a Cabo Verde ver o que lá se passa, se há apoio ou não há apoio...»

«DL» — Portanto aconselha os médicos a irem para ver?

DR — «Eu próprio fui, portanto aconselho-os a ir.»

«Ver a vida com cifrões»

«DL» — Mas há quem não compreenda que o sr. tenha abandonado uma actividade médica muito lucrativa em Portugal para ir receber o salário tão baixo que os médicos recebem em Cabo Verde. Como explica esta sua atitude?

DR — «Sabe que as atitudes das pessoas têm que ser compreendidas de acordoc om aquilo que elas pensam. Uma pessoa que dá uma grande importância à componente material da vida, não pode compreender que um indivíduo por exemplo, deixe um emprego onde está a ganhar uma quantidade X, para ir para outro lado onde vá ganh ar menos.

Não compreendem porque estas pessoas entendem a vida em termos de cifrões e nada mais.

Quando começamos a ver outras coisas na vida que não sejam os cifrões, então começamos a compreender...»

«DL» — Doutor Dario Reis, houve quem o acusasse de ter sido o responsável pela expulsão de alguns médicos cubanos, nomeadamente na área da cardiologia. Quer pronunciar-se acerca disso e explicar o que se passou?

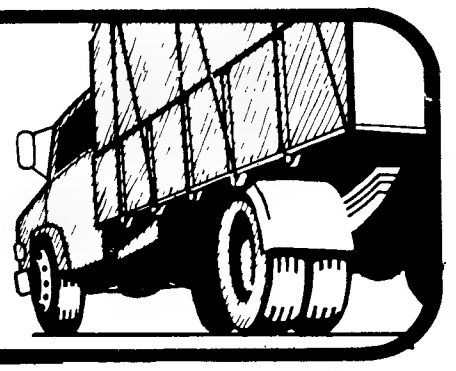
DR — «A sua pergunta é inexacta e especulativa. Primeiro muitos afirmam que os médicos cubanos são incompetentes. Deverá haver médicos cubanos incompetentes como há médicos incompetentes em todo o lado. Por outro lado dizem que foram expulsos alguns médicos cubanos de Cabo Verde mercê de uma acção que eu teria desenvolvido. É uma grande falsidade. Não só não foi expulso ninguém, como também não tomei nenhuma iniciativa como chefe da clínica do Hospital da Praia contra os médicos cubanos. Perturba-me saber como é que podem ser veiculadas ideias deste género.»

Carlos Semedo

Sr. Camionista

Olhe pelo bom estado do seu veículo.

Não transporte carga a mais.



DESPORTO

Nacional de futebol

Benfica sem companhia

O Benfica assumiu o comando do campeonato de futebol da 1.ª divisão, ao vencer no Estádio da Luz o anterior líder (o FC Porto) por 1-0. No jogo mais importante da 6.ª jornada, o Benfica impôs a primeira derrota ao FC Porto e o primeiro golo do campeonato ao guarda-redes Zé Beto, marcado por Diamantino aos 62 minutos.

Entretanto, o Sporting era derrotado (por 1-2) em Guimarães, atrasando-se em dois pontos relativamente ao Benfica que, por seu turno, ficou com um ponto de vantagem sobre o FC Porto. O Guimarães, com o triunfo sobre o Sporting, subiu ao 3.º lugar, com os mesmos pontos do Sporting e do Portimonense, que também trepou ao vencer (1-0) em Espinho.

No municipal vimaranense, Murça II marcou os dois golos do Guimarães (o primeiro aos 26 e o segundo aos 60) desfazendo a igualdade que Jordão, substituto de Futre na 2.ª parte, alcançara aos 50 minutos.

Na jornada 6 o Varzim ganhou pela primeira vez, vencendo por 1-0 (em casa), o Estoril, enquanto o Boavista alcançava a sua primeira vitória no Bessa, vencendo (1-0) o Rio Ave, em jogo antecipado para sábado.

A jornada caracterizou-se não só pela alteração no comando do do campeonato como por nada menos do que cinco resultados de 1-0 nas oito partidas. Uma excepção foi no terreno do Salgueiros, onde a equipa local e o Vitória de Setúbal empataram a três golos, com o Salgueiros a igualar o marcador no último minuto.

Em Faro, o Braga também empatou, a um golo, depois de estar a vencer com um tento de Jorge Gomes, aos 4 minutos. Quato minutos depois, José Rafael, comandante dos marcadores do campeonato (seis golos) empatou.

O Espinho está na última posição da tabela, depois de perder no seu terreno com o Portimonense, (em carreira ascendente) com um golo de Pedroto, aos 18 minutos de jogo.

Folha deu cambalhota no Estádio do Varzim, com o golo solitário que marcou a vitória sobre o Estoril, iam decorridos 38 minutos.

O êxito do Penafiel sobre o novo primodivisionário Águeda resultou de uma grande penalidade marcada aos 28 minutos por Branco.

No seu terreno o Salgueiros dominou. Atacou, mas o Vitória marcou de contra-ataque. Luís Pereira marcou (aos 6 minutos) para o Salgueiros, mas Vitinha e Roçadas puseram o Vitória a ganhar antes do intervalo. Na 2.ª metade, Formosinho elevou para 3-1, para nos três últimos minutos Nelito e Constantino darem a inesperada igualdade ao Salgueiros.

A próxima jornada, a sétima, será (teoricamente) tranquila para o comandante que recebe na Luz o Farense, enquanto as atenções do dia se vão centrar nas Antas, onde o FC Porto recebe o Sporting.

Resultados: Benfica - FC Porto, 1-0; V. Guimarães - Sporting, 2-1; Farense - Braga, 1-1; Penafiel - Águeda, 1-0; Varzim -Estoril, 1-0; Boavista - Rio Ave, 1-0; Salgueiros - V. Setúbal, 3-3; Espinho - Portimonense, 0-1.

Marcadores

José Rafael, (do Farense), comanda a lista dos marcadores do campeonato de futebol da 1.ª divisão, com 6 golos. Seguem-se Eldon, (V. Guimarães), Manuel Fernandes, Sporting) Walsh, (FC Porto) e Jordão (Sporting), com 4 tentos.

Atenção portugueses

Adversário do Benfica (na Taça dos Campeões) o Olimpyakos empatou no campo do penúltimo classificado do campeonato grego (2-2). Por seu lado o Celtic (próximo adversário do Sporting na Taça UEFA) perdeu com o Dundee United por 2-1, em jogo a contar para o cmpeonato escocês de futebol (7.ª jornada). O Glasgow Rangers, adversário do Porto na Taça das Taças, recebeu o Hibernian e venceu por 1-0.

Divisão 2

Resultados da quarta jornada do campeonato nacional de futebol da 2.ª Divisão:

ZONA NORTE: Vizela -Paços de Ferreira, 3-0; Fafe--Feirense, 1-0; Famalicão -Tirsense, 1-1; Académico Viseu -Leixões, 1-2; Lixa - S. Martinho, 2-1; Valonguense -Riopele, 0-0; Valdevez - Gil Vicente, 2-1; e Sanjoanense -Chaves, 2-0.

Classificação: 1.º Leixões, 8 pontos; 2.º Riopele e Sanjoanense, 6; 4.ºs Chaves, Tirsense, Valonguense e Vizela, 5; 8.º S. Martinho, 4; 9.ºs Feirense, Gil Vicente, Fafe e Lixa, 3; e 13.ºs Paços Ferreira, Académico Viseu, Famalicão e Valdevez, 2 pontos.

Gomes e Sheu: um «diálogo» repetido, ontem na Luz

ZONA CENTRO: Naval -Académico, 0-1; Covilhã -União Tomar, 1-0; Peniche -Guarda, 1-1; Alcobaça - Rio Maior, 2-1; Elvas - União Leiria, 1-0; União Coimbra - Caldas, 3-1; Anadia - Benf. Castelo Branco, 0-1; e Beira-Mar -Torriense, 3-0.

Classificação: 1.º Académico, 7 pontos; 2.ºs Guarda Alcobaça e Covilhã, 6; 5.ºs Torriense, Peniche e União de Coimbra, 5; 8.ºs Elvas, Benf. Castelo Branco e Beira Mar, 4; 11.º Rio Maior, 3; 12.ºs Anadia, União de Tomar União de Leiria e Caldas, 2; e 16.º Naval, 1 ponto.

ZONA SUL: Barreirense - Belenenses, 2-1; Esperança de Lagos - Sacavenense, 4-0; Silves - União Madeira, 1-1; Nacional - Cova Piedade, 1-0; Amora - Odivelas, 0-0; Sesimbra - Olhanense, 1-0; Lusitano - Marítimo, 0-1; Olivais Moscavide - Estrela Amadora, 0-2.

Classificação: 1.ºs União da Madeira e Marítimo, 7 pontos; 3.ºs Cova da Piedade e Estrela Amadora, 6; 5.ºs Belenenses e Nacional, 5; 7.ºs Olhanense e Odivelas, 4; 9.ºs Lusitano, Silves, Amora e Barreirense, 3; e 13.ºs, Sacavenense, Olivais, Moscavide, Esperança de Lagos e Sesimbra, 2 pontos.

Divisão 3

Resultados da quarta jornada do Campeonato Nacional de Futebol da 3.ª Divisão:

Série A: Taipas - Monção, 1-1; Limianos - Prado, 1-3; Mirandela - Ponte da Barca, 1-0; Valenciano - Felgueiras, 0-2; Freamunde - Cerveira, 6-0; Aves -Bragança, 1-0; Mogadouro -Vianense, 1-0; e Moreirense -Merelinense, 3-0. Líder: Aves, 7 pontos.

Série B: Cesarense - Paredes, 3-2; Régua - Esmoriz, 1-0; Vilanovense - União de Lamas, 3-2; Ermesinde - Marco, 2-1; Leça -José Alves, 1-1; Amarante - Paivense, 0-0; Lourosa - Lamego, 2-1; e Valadares - Ovarense, 1-2. Líderes: Amarante, Ovarense e Vilanovense, 6 pontos.

Série C: Barco - Tondela, 2-3; Estarreja - S. Romão, 2-0; Marialvas - Oliveira do Bairro, 3-3; Oliveirense - Mangualde, 0-2; Poiares - Viseu e Benfica, 3-1; Santa Combadense - Vildemoinsense, 5-1. Líder: Oliveira do Barro, 7 pontos.

Série D: Alferrarede - Almeirim, 1-2; Alcains - Nisa e Benfica, 5-1; Marinhais - Estrela de Portalegre, 1-0; Marrazes - Marinha, 2-0; Marinhense - Nazarenos, 1-0; União de Santarém - Atouguiense, 1-0; Portalegrense - S. Bernardino, 2-1; e Alpalhoense -Bombarralense, 1-0. Líder: Almeirim, 8 pontos.

Série E: Lusitânia - Santa Clara, 0-0; Cacém - Olivais, 1-1; Casa Pia - Oriental, 0-1; Montijo - Campomaiorense, 4-1; Almada - Bucelenses, 1-0; Águia Sport -Samora Correia, 0-1; Atlético -Sintrense, 2-0; e Tires - Vialonga, 1-2. Líderes: Montijo e Vialonga, 7 pontos.

Série F: Vasco da Gama - Trafaria, 3-1; Torralta - Beja, 1-0; Alvorense, - Juventude, 3-0; Comércio e Indústria - Seixal, nhos, 3-3; Mealhada - Tortosendo, 2-0; e Gouveia - Sou- 1-0; Paio Pires - Lusitano de Vila Real, 1-1; Vendas Novas - Campinense, 0-0; Canaviais - Quarteirense, 1-0; e Moitense - Quimigal, 0-0. Líder Campinense, 7 pontos.

Juniores

Resultados da 2.ª jornada do Campeonato Nacional de Juniores disputada no fim-de-semana:

Série A: Chaves - Rio Ave, 2-0; Ponte da Barca - Varzim, 0-2; Famalicão - Merelinense, 0-2; Esposende - Cachão, 1-0; e V. Guimarães - Braga, 1-0. Líder: Varzim, 4 pontos.

Série B: Cortegraça - Régua, 3-2; Tirsense - Boavista, 0-1; Leixões - Beira-Mar, 5-1; U. Lamas - Salgueiros, 1-3; e FC Porto - Sanjoanense, 3-0. Líderes: FC Porto, Boavista e Salgueiros, 4 pontos.

Série C: Águeda - Gouveia, 4-1; Estação - União de Coimbra, 1-2; Repesenses - Tondela, 9-2; Fornos de Algodres - Anadia, 4-0; e Académico - Jardim Alba, 5-0. Líderes: Académico, Fornos e União de Coimbra, 4 pontos.

Série D: União de Tomar - Marinhense, 0-0; Alter - Alcobaça, 0-1; Almeirim - Naval, 3-0; União de Leiria - Peniche, 1-0; e Nazarenos - Benfica de Castelo Branco, 2-0. Líderes: Alcobaça e União de Leiria, 4 pontos.

Série E: Sporting - Olivais e Moscavide, 5-0; Oriental - Almada, 3-2; Atlético - Benfica, 0-2; Vilafranquense - Campomaiorense, içi; e Cova da Piedade - Belenenses, 0-0. Líderes: Benfica e Sporting, 4 pontos.

Série F: Quimigal - Torralta, 0-2; V. Setúbal - Farense, 4-1; Sambrasense - Moura, 3-4; Juventude - Amora, 0-0; e Olhanense - Barreirense, 0-1. Líderes: V. Setúbal, Barreirense e Torralta, 4 pontos.

TOTOBOLA a chave

1. Benfica-Porto	1
2. Guimarães-Sporting	1
3. Farense-Braga	x
4. Penafiel-Águeda	1
5. Varzim-Estoril	1
6. Boavista-Rio Ave	1
7. Salgueiros-Setúbal	X
8. Espinho-Portimonense	2
9. A. Viseu - Leixões	2
10. Sajoanense-Chaves	1
11. Naval-Académico	2
12. Barreirense-Belenenses	1
13. Lusitano-Marítimo	2

Os serviços técnicos do Totobola prevêem de 120 a 140 apostas com 13 resultados certos. Com 12 resultados certos as previsões apontam para de 2500 a 3000 apostas. O valor para cada prémio é de 22 713 760 escudos e 50 centavos.

Classificações

	J	V	E	D	G	P
1.º **Benfica**	6	5	1	0	12- 4	11
2.º FC Porto	6	5	–	1	10- 1	10
3.º Sporting	6	4	1	1	13- 6	9
4.º Guimarães	6	4	1	1	9- 3	9
5.º Portimonense	6	4	1	1	9- 5	9
6.º Farense	6	2	3	1	9- 7	7
7.º Braga	6	2	3	1	6- 4	7
8.º Boavista	6	2	2	2	7- 7	6
9.º Rio Ave	6	2	2	2	4- 4	6
10.º Setúbal	6	1	2	3	12-10	4
11.º Varzim	6	1	2	3	3- 7	4
12.º Salgueiros	6	1	2	3	5-10	4
13.º Penafiel	6	2	0	4	3-12	4
14.º Estoril	6	1	1	4	3- 9	3
15.º Águeda	6	0	2	3	1- 8	2
16.º Espinho	6	0	1	5	1-10	1

Próxima jornada (16/10): Benfica-Farense; Braga-Penafiel; Águeda-Varzim; Estoril-Boavista; Rio Ave-Salgueiros; V. Setúbal-Espinho; Portimonense-V. Guimarães e FC Porto--Sporting.

Juniores verde-brancos sem problemas perante o Olivais e Moscavide

Desportivo do Maputo campeão moçambicano

O Desportivo de Maputo é o virtual campeão de futebol de Moçambique, cujo campeonato cumpriu a penúltima jornada.

O Desportivo venceu o Nova Aliança (de Maxixe) por 6-0, somando 36 pontos, enquanto o 2.º classificado (o Estrela Vermelha) perdia (1-2) no terreno do Incomati, totalizando 28 pontos.

Espanha

Resultados da 6.ª jornada do campeonato espanhol de futebol da 1.ª Divisão: Atlético de Madrid - Múrcia, 1-1; Salamanca-Valladolid, 2-2; Real Sociedad -Málaga, 0-2; Saragoça - Real Madrid, 3-1; Barcelona - Gijon, 4-0; Osasuna - Maiorca, 4-0; Sevilha - Atlético de Bilbao, 4-1; Valência - Espanhol, 4-0; Cádis -Bétis, 0-0.

Classificação: 1. Atlético de Madrid, 10 pontos; 2. Barcelona, Valência e Málaga, 9; 5. Murcia, 8; 6. Sevilha, 7; 7. Real Madrid, Bétis, Saragoça e Valladolid, 6; 11. Atlético Bilbao, 5 (menos um jogo); 12. Salamanca, 5; 13. Espanhol e Gijon, 4; 14 Cádis, 3 (menos um jogo); 15. Real Sociedad, Osasuna e Maiorca, 3 pontos.

Rio de Janeiro

Resultados dos jogos do campeonato carioca: América - Bonsucesso, 2-1; Fluminense -Ameicano, 1-1; Bangú - Campo Grande, 1-0; Volta Redonda -Flamengo, 0-1; Coitacas - São Cristóvão, 1-0; Vasco da Gama -Botafogo, 0-1.

CClassificação: América, 7 pontos; Flamengo, 6; Fluminense e Botafogo, 5; Bangú, Vasco da Gama, Goitacas, 4; Americano, 3; Campo Grande, São Cristóvão e Volta REnda, 2; Bonsucesso, 1.

DESPORTO

Guimarães, 2 — Sporting, 1

"Miolo" minhoto em pleno

Com a linha média a funcionar em pleno nos momentos cruciais do desafio, o Vitória minhoto mostrou mais uma vez as suas «credenciais» como potencial candidato ao 4.º lugar do «nacional» maior e, consequentemente, a um «passaporte» para a Europa. E, desta feita, perante um adversário (o Sporting) que é tido como um dos «grandes» do futebol indígena. Embora à tangente (2-1) os vimaranenses triunfaram com toda a justiça, já que, ao longo dos 90 minutos constituiram o conjunto mais esclarecido em todos os sectores do terreno.

Bem cedo, aliás, ficou patente a disposição dos pupilos de Stessl. Logo aos três minutos de jogo, na sequência de um lançamento muito oportuno de Nivaldo, Fonseca apareceu isolado em posição frontal à baliza leonina, mas à entrada da área «enrolou-se» com o esférico e, quando disparou fê-lo sem grande convicção, proporcionando uma defesa fácil a Katzirz.

Homenagem a um trabalhador: Abílio das Neves, 50 anos de serviços prestados em Alvalade, foi homenageado pelos colegas sportinguistas

Em jeito de resposta ao abrir das hostilidades por parte dos locais, o Sporting deu (também um ar da sua graça, por intermédio de Oliveira que, descaído sobre o lado direito, tentou aproveitar da melhor maneira uma atrapalhação de Nivaldo, desferindo um remate mais em jeito do que em força, que fez vibrar a falange de apoio «verde-branca» que ocupou uma parcela significativa do estádio vimaranense. A propósito cabe aqui referir que o Municipal da cidade-berço registou algumas clareiras, o que terá de algum modo desagradado ao tesoureiro vimaranense...

Passada que foi a fase de estudo mútuo, o jogo repartiu-se sendo evidente, no entanto, uma maior agressividade por parte dos minhotos. Agressividade que os «leões» tentavam compensar através das iniciativas (sem consequências) de Lito (pela direita) e Oliveira (pelo sector oposto).

A premiar exactamente esse pendor mais ofensivo dos vimaranenses estes acabaram por se adiantar no marcador quando iam decorridos 25 minutos, através de Murça II que apareceu solto à entrada da grande área leonina e atirou colocado e rasteiro, sem qualquer hipótese para Katzirz. A recarga do médio vimaranense surgiu na sequência de uma jogada de Fonseca, que proporcionou um primeiro remate a Paquito e um alívio incompleto dos «centrais» de Alvalade.

Costuma dizer-se que um mal nunca vem só e, na verdade, instantes depois de ter sofrido o golo (fruto, talvez, de uma certa desorientação) o Sporting esteve na iminência de ficar reduzido a 10 unidades, caso o juiz da partida (o setubalense Marques Pires) tivesse cumprido o preceituado na lei e houvesse expulsado Gabriel (por agressão sem bola a Laureta) em vez de lhe exibir, apenas, o cartão amarelo.

Estimulados pelo tento alcançado, os vimaranenses continuaram apostados na ofensiva e, como tal, forjaram diversas situações idênticas aquela que havia possibilitado o remate vitorioso de Murça II. Na hora da finalização, porém, os aríetes minhotos não foram suficientemente expeditos e as oportunidades goraram-se. Umas vezes por culpa própria, outras por mérito da defesa sportinguista, com destaque para Mário Jorge.

No reatamento, Jordão apareceu no lugar de Futre que, ontem à tarde, apenas logrou dar um «nó» cego a Gregório Freixo, perdendo-se depois no anonimato, mercê (em parte) do «ostracismo» a que foi votado pelos seus companheiros da intermediária. A substituição viria, no entanto, a revelar-se positiva, na medida em que logo aos 5 minutos do período complementar, Jordão (a passe de Manuel Fernandes) restabeleceu a igualdade, numa jogada de insistência que ia sendo prejudicada pela intervenção inoportuna de Oliveira.

Obrigada a exercer uma maior vigilância sobre o reforço leonino, a defesa do Vitória descurou um pouco a marcação que vinha fazendo a Oliveira, o que lhe ía custando novo dissabor. Estamos a recordar uma oportunidade forjada pelo ex-treinador-jogador dos «leões» que, no seu jeito característico, deu de bandeja para Mário Jorge que, no limite da pequena área, acabou por atirar contra o corpo do guarda-redes contrário, perdendo assim um óptimo ensejo de colocar a sua equipa em vantagem no marcador.

Vendo que o Sporting estava a crescer devido a um súbito colapso da sua linha média, o treinador do Vitória fez sair Dimas e entrar Flávio, que não tardou a justificar a sua chamada. Com efeito, a partir daí todo o jogo de ataque dos vimaranenses passou a ser orientado por Flávio: que jogou, fez jogar e esteve na origem do tento da vitória da sua equipa, quando, aos 59 minutos, levou o esférico até à linha final e depois centrou atrasado (como mandam os livros) possibilitando novo «tiro» certeiro a Murça II.

Até final, os locais dispuseram ainda de mais duas oportunidades flagrantes para consolidarem a sua vantagem: uma (aos 71 minutos) quando Eldon atirou à barra com Katzirz batido; a outra (dois minutos mais tarde) quando Flávio apareceu completamente isolado e atirou por cima da barra, sem qualquer opositor a estorvar-lhe os movimentos. Por seu turno, o Sporting teve uma reacção final muito positiva, ainda que mais em força do que em jeito. Esteve quase a marcar, mas no último momento Laureta salvou para «canto» e os dois pontos acabaram por ficar em «casa».

Com excepção do lance já referido (amarelo a Gabriel), temos para nós que a arbitragem realizou um bom trabalho, pese embora o facto de os leões terem exigido um «penalty» a sete minutos do fim; sem razão, diga-se de passagem, uma vez que a «mão» de Murça I dentro da área de rigor foi antecedida de empurrão por Manuel Fernandes

Manuel Neto

Árbitro Marques Pires (Setúbal), auxiliado por Fernando Roxo (bancada) e Rui Santiago (superior).

Guimarães: Jesus, Gregório Freixo, Amândio, Murça I e Laureta; Paquito, Nivaldo, Dimas (Flávio aos 55 m) e Murça II; Fonseca e Eldon.

Sporting: Katzirz, Gabriel, Zézinho, Virgílio e Mário Jorge; Lito, Romeu (Roger Wilde, aos 78 m) e Kostov; Manuel Fernandes (40) e Futre (Jordão na 2.ª parte).

Ao intervalo: 1-0. Marcadores: Murça II (2 e 59m) e Jordão (50 m). Cartão amarelo: Gabriel (30 m), Laureta (41 m), Virgílio e Eldon (ambos aos 70 minutos).

Kasparov às ordens de Korchnoi

O xadrezista soviético Garry Kasparov afirmou, em Barcelona, que jogará o «match» das semifinais do mundial com Viktor Korchnoi **em qualquer local, embora prefira um país europeu.** Kasparov, que não pôs qualquer ressalva à sua presença no «match», referiu-se a Korcnhoi afirmando: **Joguei muitas vezes com ele e espero que a nossa semifinal se realize. Quanto ao local, primeiro há que esperar pelas candidaturas dos países interessados na sua organização, embora eu prefira que se realize na Europa.**

Quanto ao perfil xadrezístico de Korchnoi, em comparação com jogadores como Fischer, Spassky e Karpov, o jovem «grande mestre» soviético afirmou: **Esses três xadrezistas foram de primeiro plano (campeões mundiais) e figurarão certamente na história do xadrez. Korchnoi é tecnicamente brilhante, mas nunca chegou ao título mundial.** Referindo-se ao seu próprio estilo, Kasparov frisou que ele foi **moldado na escola do «grande mestre» Mikhail Botwinnik.** Definiu-se como um jogador **extremamente intuitivo,** embora com linhas-base de **ofensiva activa, misturado com a estratégia e táctica.**

URSS, 2 — Polónia, 0

Poucas esperanças para Portugal

A União Soviética venceu ontem a Polónia por 2-0 (1-0 ao intervalo) em jogo do Grupo 2 da fase de qualificação para o campeonato europeu de futebol, grupo em que Portugal está integrado.

Os golos soviéticos foram marcados aos 10 minutos por Demianenko e aos 62 por Blokin.

A URSS foi durante os 90 minutos muito superior à equipa polaca, onde nem a estrela Boniek brilhou. O triunfo soviético, que coloca a URSS em excelente vantagem para a qualificação para França, foi escasso dado o domínio de jogo, mas os golos perdidos pelos seus dianteiros foram também demasiados.

Sob a arbitragem do holandês Jan Kaizer as equipas alinharam:

URSS – Dassaev, Sulakvelidze, Chivadze, Demianenko, Baltacha, Bal, Evtushenko (Tarkanov 45), Oganesian, Gabrilov (Buriak 80), Cherenkov e Blokin.

Polónia – Mlynarchik, Majewski, Woiciski, Urbanowich, Krul, Bunzol (Pruzik, 25), Wijas, Buda, Boniek, Kensy e Smolarek (Zikamuski 65).

Classificação após este jogo:

	J	V	E	D	G	P
1.º U. Sov.	5	4	1	–	11-	1 9
2.º Portugal	4	3	–	1	9-	6 6
3.º Polónia	5	1	2	2	6-	8 4
4.º Finlândia	6	–	1	5	3-14	1

Próximos jogos: 28 Outubro: Polónia - Portugal; 13 Novembro: Portugal - URSS.

URSS é favorita

A vitória da União Soviética sobre a Polónia, em Moscovo, por 2-0, confirmou a selecção da URSS como favorita do grupo dois à passagem à fase final do campeonato europeu de futebol.

A Polónia ficou afastada do apuramento e apenas Portugal, única selecção a quem faltam dois jogos, poderá contrariar o favoritismo soviético.

Portugal recebe a URSS, no derradeiro jogo do grupo, em 13 de Novembro, e tudo poderá ser aí resolvido, desde que a selecção portuguesa consiga vencer, no próximo dia 28, na difícil deslocação à Polónia.

O triunfo polaco dará imediatamente, a qualificação aos soviéticos, enquanto a vitória portuguesa fará do jogo de Novembro uma autêntica final, mas em que a URSS poderá empatar sem perder a passagem para a fase final em França.

A URSS soma agora, 9 pontos, contra 6 de Portugal, que se vencer a Polónia subirá para 8, pelo que só o triunfo lhe dará acesso à fase final do europeu.

A selecção soviética ainda não perdeu neste grupo e derrotou a portuguesa por 5-0, em 27 de Abril passado, em Moscovo. Além dos dois pontos ganhos, a selecção da URSS, com um resultado tão volumoso, colocou-se em excelente posição quanto à relação entre golos marcados e sofridos.

Portugal averbou então a sua única derrota no torneio, depois de vencer a Finlândia (2-0) em Lisboa, (a Polónia (2-1) e em Setembro passado, em Lisboa, de novo os finlandeses (5-0).

EXTERNATOS
SÉNECA
SEBASTIÃO DA GAMA
CICLO PREPARATÓRIO – GERAL – UNIFICADO
COMPLEMENTAR – 11.º E 12.º ANOS
Av. Almirante Reis, 73, 1.º e 2.º – Telef. 4 00 92
Av. Almirante Reis, 106, 1.º e 2.º – Telef. 82 27 76
1100 LISBOA

ENSINE
O SEU FILHO
Ensine o seu Filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua
PRP
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

Mundial-86: recorde de países

A Federação Internacional de Futebol (FIFA) anunciou uma inscrição recorde de países para o Mundial de 1986. Inscreveram-se para o Torneio Mundial 119 Federações nacionais, contra as 109 registadas para o Campeonato do Mundo de Espanha, em 1982.

Os lugares em jogo para a fase final (no México) são apenas 22, uma vez que estão automaticamente apurados a Itália (actual campeã mundial) e o México (país organizador). O torneio de qualificação para o Mundial 86 vai decorrer entre 1 de Maio de 1984 e 15 de Novembro de 1985, estando marcado para 7 de Dezembro (em Zurique) o sorteio dos grupos de apuramento. As Federações que já oficializaram a sua inscrição pertencem a 37 países da América, 33 da Europa, 29 de Africa. 26 da Ásia e três da Oceânia.

Os países americanos são: Antigua, Argentina, Barbados, Bolívia, Brasil, Canadá, Colômbia, Costa Rica, Chile, Equador, El Salvador, Estados Unidos, Grenada, Guatemala, Guiana, Haiti, Honduras, Jamaica, México, Antilhas Holandesas, Panamá, Paraguai, Peru, Porto Rico, Suriname, Trinidad-Tobago, Uruguai e Venezuela.

Os países europeus inscritos são: Albânia, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Checoslováquia, Dinamarca, Escócia, Irlanda, Espanha, Holanda, Inglaterra, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda do Norte, Islândia, Itália, Luxemburgo, Malta, Noruega, Polónia, Portugal, RDA, RFA, Roménia, Suécia, Suíça, Turquia, URSS e Jugoslávia.

As Federações africanas que se inscreveram são: Angola, Argélia, Benin, Camarões, Costa do Marfim, Egipto, Etiópia, Gâmbia, Ghana, Guiné, Quénia, Lesoto, Libéria, Líbia, Madagascar, Malawi, Marrocos, Mauritânea, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa, Sudão, Tanzânia, Togo, Tunísia, Uganda, Zâmbia e Zimbawe.

Os representantes da Ásia são: Arábia Saudita, Bahrein, Bangladesh, Brunei, Coreia do Norte, Coreia do Sul, China, Emiratos Árabes Unidos, Hong-Kong, Índia, Indonésia, Irão, Iraque, Israel, Japão, Kuwait, Macau, Malásia, Nepal, Oman, Qatar, Singapura, Síria, Tailândia. Iemene do Sul e Iemene do Norte.

As Federações inscritas pela Oceânia são: Austrália, Nova Zelândia e Taipé.

Particular

O Paraguai bateu o Peru por 4-1, em Asuncion, em jogo particular enquadrado na preparação das duas selecções para a fase final da Taça América.

Los Angeles

O Iraque venceu o Bahrein por 2-1 em desafio do torneio de qualificação olímpica dos Jogos de Los Angeles, disputado em Manama.

DESPORTO

Manniche dispara, Lima Pereira nem quer ver

A explosão de Diamantino após o seu golo

Benfica, 1 — Porto, 0

O rato e os gatarrões

Foi (como dizer?) um jogo altamente realista, com a equação dos dois pontos permanentemente na balança e nos olhares da multidão, o Porto (muito sabiamente) a tentar, a todo o transe, defender o nulo com que entrara no palco e o Benfica (como lhe competia) carregando em ondas ciclónicas na tentativa de desbastar a floresta de pernas que tolhia o caminho até Zé Beto.

Uma moldura monumental, claque portista animada como raramente, bloco lisboeta comedido e precavido, todo um tempo de abertura em que os **azuis-brancos** porfiaram em cerrar fileiras, obstruindo todos os espaços, raramente tentando o contra-ataque e sempre mais predispostos a uma defesa de arame farpado. Chegou a haver vaias rubras para aquele esquema táctico engendrado por Pedroto: guarda-redes, quatro «backs», cinco médios pouco aventureiros no espaço e, na dianteira, apenas Gomes ou Costa, raramente a dupla reunida. Quer dizer: Pedroto, como qualquer mestre do futebol, sabe que não pode ousar, na Luz, atirar-se para a vanguarda despreocupadamente. E fez aquilo que qualquer Rio Ave ou qualquer Águeda já rubricaram esta temporada: cautela e caldos de galinha nunca fizeram mal à ninguém.

Evidentemente que, perante essa floresta de portistas, restava a Eriksson esperar por um minuto de inspiração ou sorte para um dos seus homens. Sem poder contar com Humberto (a esta hora a caminho do médico, na RFA) e Carlos Manuel (ainda a cumprir castigo, apesar dos sucessivos jogos que a AFL vai programando) o técnico sueco entregou a tarefa de desgaste aos lobos nórdicos, lancetando lentamente a cortina adversa e, ora por Diamantino, ora por Shéu ou Nené, ir procurando aproveitar a insegurança de Zé Beto, que fez um punhado de belíssimas defesas mas também soltou a bola uma boa mão-cheia de vezes em que os cabelos do seu comandante ficaram como a cal da parede.

O Porto (como se entende) fazia troquinhas de bola, atrasava-a para o n.º 1, enrolava a manta, lateralizava passes sobre passes, chateava os benfiquistas que só visto. Os «vickings» rubros é que não estavam com conversas: cada vez que Manniche ou Stromberg aceleravam, toda a estrutura portista tremia e aí estava Lima Pereira fazendo a sua faltazinha, Eurico a sentir que a sua compleição física não intimidava sueco ou dinamarquês.

Álvaro como um gazela, Gomes tentando meter o pézinho-travão

As duas turmas estavam (portanto) sobre brasas: Porto defendendo, Benfica tentando atacar, soltar-se daquele espartilho criado por Frasco, Sousa e companhia. A certa altura, ia acontecendo o ciclone: Jaime Pacheco isolou-se e foi necessário que Bento (arrojado e com óptima visão) viesse por ali fora, a mergulhar para a bola já fora da zona do seu alvedrio, o que lhe valeria o lógico cartão amarelo apresentado pelo magnífico Alder Dante, o juiz que nem por um segundo tremeu na fornalha. Aliás, o **ictericia** seria também exibido ao correcto Inácio, só porque o mocinho queria ganhar uns metrozitos num lançamento lateral: o árbitro é que puxou pela lei e pumba.

Cumprida a etapa de abertura, entrou em cena Chalana: a gazua começou a funcionar, Álvaro cresceu que nem um gigante, Diamantino parecia um diabo à solta, os rapazes dos fiordes lembravam artilharia pesada, todo o Benfica ganhou alma redobrada. E veio o golo, três ressaltos, o couro aos pulos, caprichoso, traquinas, escapando-se das mãos de Zé Beto, tocando nos pés de Stromberg, na cabeça de Manniche, em Chalana, em José Luís, de vez em quando outra vez nas sapatadas de Zé Beto até que, com raiva, explodiu Diamantino: e a Luz estoirou pelas costuras. O golo-prémio derrubava, anímica e fisicamente um Porto que, a partir dali, mesmo metendo Walsh, não mais acreditou em si próprio. E (quem sabe ?) talvez com um nadinha de aventura e picante tivesse logrado a equitativa divisão pontual.

Pedroto versus Eriksson: e vão duas a favor do sueco, neste destapar de temporada. Primeiro, por que o «team» da águia tem força e pulmão para dar e vender, depois porque sempre que um grupo se vai abaixo das canetas aparece logo outro a exceder-se: Manniche e Stromberg, Shéu e Chalana, Diamantino e aquele prodigioso poço de força que é Álvaro a ditarem (ao cabo e ao resto) a lei do dono da casa. Mas, amigos, há ainda tanta corda para roer antes do papagaio subir no espaço que mais vale travar o acelerador e ficar esperando pelo calendário.

Neves de Sousa

Hoer e o seu adjunto: os técnicos do Olympiakos vieram espiar o Benfica

O presidente federativo (dr. Silva Resende) entregou o troféu do campeonato nacional 82/83 ao «capitão» Nené

Arbitragem (impecável) de Alder Dante (Santarém) ajudado por João Santana e João Carvalheiro.

Benfica: Bento; Pietra, António Bastos Lopes (Alberto Bastos Lopes, 62 m), Oliveira e Álvaro; José Luís, Shéu, Stromberg e Diamantino; Maniche e Nené (Chalana na 2.ª parte).

FC Porto – Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Inácio; Frasco, Rodolfo (Walsh, 64 m), Sousa (Jaime Magalhães, na 2.ª parte) e Jaime Pacheco; Gomes e Costa.

Golo: Diamantino (aos 62 m). Cartão amarelo: Bento (26 m) e Inácio (36 m).

DESPORTO

Hóquei em patins

O "europeu" foi para a Espanha

A Espanha conquistou o trigésimo sexto campeonato europeu de hoquei em patins, após sete jornadas disputadas na cidade italiana de Vercelli.

Portugal, derrotado na penúltima jornada pela Espanha (2-5) classificou-se na segunda posição, enquanto a Itália, anfitreã do torneio, se quedou pela terceira, depois de derrota frente a Portugal (1-4) e empate com a Espanha (0-0).

A Holanda alcançou na derradeira jornada o quarto lugar, ao vencer a Alemanha Federal, enquanto o último posto foi também decidido quando a França venceu a Inglaterra e deixou os britânicos na oitava e última posição.

Os resultados da sétima jornada foram os seguintes:

Espanha-Suíça, 11-1; França - Inglaterra, 6-3; Holanda - RFA, 4-0; Portugal - Itália, 4-1.

Classificação final:

	J	V	E	D	G	P
1. Espanha	7	6	1	0	47-12	13
2. Portugal	7	6	0	1	52-12	12
3. Itália	7	5	1	1	32- 6	11
4. Holanda	7	3	1	3	17-21	7
5. RFA	7	3	0	4	28-32	6
6. Suiça	7	2	1	4	14-39	5
7. França	7	1	0	6	18-55	2
8. Inglaterra	7	0	0	7	14-45	0

O Campeonato Europeu disputa-se, em 1985, em Portugal.

Torneio Internacional de Viana do Castelo

O Famalicense conquistou o I Torneio Internacional de Hóquei em Patins de Viana do Castelo, ao derrotar a equipa espanhola do Liceu da Corunha por 3-2.

Na disputa do terceiro lugar, a Juventude de Viana, que organizou o torneio, venceu o F.C. do Porto, por 5-3.

Esta prova começou a disputar-se um dia mais tarde, devido ao desentendimento que reinou na passada sexta-feira antes do início do encontro entre o F.C. do Porto e o Liceu da Corunha, que acabou por não se disputar. Os portistas queriam que fosse adoptado o regulamento da Federação Portuguesa de Patinagem e os espanhóis o internacional.

Depois de se ter chegado a um consenso, foi feito novo sorteio e o torneio passou a disputar-se ao estilo da Taça Latina, sendo adoptado o regulamento internacional.

O Famalicense venceu o torneio com seis pontos, seguido do Liceu da Corunha e da Juventude de Viana, com quatro e, por último, o F. C. do Porto, apenas com dois.

Sporting: 15 tentos de vantagem sobre almadenses

Basquetebol vai aquecendo

Neste fim-de-semana realizaram-se em diversas regiões torneios quadrangulares de preparação, sendo de evidenciar a carreira totalmente vitoriosa do Queluz que, nos diversos encontros que disputou em recintos nacionais, ainda não sofreu qualquer derrota.

A equipa da linha de Sintra foi a vencedora do Torneio de Montechoro, o Barreirense triunfou no Torneio do Montijo, a Sanjoanense venceu no Torneio do Conimbricense e o FC do Porto (num jogo em Espanha) bateu, em Santiago de Compostela o Obradoiro (Grupo B da 1.ª Divisão).

Resultados do Torneio do Montijo (1.ª jornada): Benfica -Montijo, 98-47 e Barreirense -Luso, 93; 2.ª jornada: Luso -Montijo, 92-44 e Barreirense - Benfica, 88-76.

Torneio do Conimbricense (1.ª jornada): Ovarense -Conimbricense, 79-77 e Sanjoanense - Ginásio, 86-75; 2.ª jornada: Ginásio - Conimbricense, 74-62 e Sanjoanense - Ovarense, 84-79.

Torneio de Montechoro (1.ª jornada): Queluz - Olivais, 87-83 e Benfica - Imortal, 72-65; 2.ª jornada: Imortal - Olivais, 100-98 e Queluz- Benfica, 80-57. Em Espanha: Obradoiro - FC do Porto, 86-97.

"Corrida da Paz" vai traçar Lisboa

A Comissão Coordenadora das iniciativas da Semana do Desarmamento das Nações Unidas e Marchas da Paz 83, decidiu patrocinar uma Corrida pela Paz e o Desarmamento, integrada na Semana do Desarmamento (que culmina com a realização de grandiosas Marchas da Paz), durante a tarde do dia 29 do corrente, em Lisboa:

Considerando que a realização de uma grande corrida popular, à qual as colectividades e as associações (cívicas, desportivas e de classe) dos Distritos de Lisboa e Setúbal prestarão a maior participação, será, por certo, um dos momentos altos e mais populares da Semana do Desarmamento.

Considerando que esta iniciativa alertará a opinião pública para a ameaça do perigo de uma guerra nuclear e a necessidade do desarmamento geral (controlado), como também, encherá de vida a cidade de Lisboa;

Foi decidido constituir-se a Comissão Coordenadora e as Organizações presentes em Comissão Dinamizadora da Corrida pela Paz e o Desarmamento, a realizar em Lisboa e aberta à participação de todos; **dirigir publicamente convite à FPA e a todas as organizações associativas, culturais e desportivas, autárquicas, comissões de moradores, escolas, professores e estudantes, sindicatos, organizações populares de base em geral, a participarem e a integrarem-se na promoção e dinamização desta manifestação desportiva;** que os percursos das diversas corridas (infantis, iniciados, juvenis, juniores, séniores e veteranos masculinos e femininos) **decorram em trajectos diversificados e com chegada aos Restauradores;** de igual forma se concordou a solicitar a diversas entidades (a contactar pela Comissão Dinamizadora) os apoios necessários à realização da iniciativa.

A prova é aberta à participação individual e colectiva, podendo inscrever-se todas as organizações populares, colectividades, escolas, comissões de moradores e trabalhadores, sindicatos e grupos desportivos de trabalhadores, etc. Disputar-se-á nos seguintes horários, escalões etários e percursos:

- 16.00 Infantis femininos (9, 10 e 11 anos) Escalão E, Marques de Pombal-Restauradores.
- 16.05 Infantis masculinos (9, 10 e 11 anos) Escalão E, Marquês de Pombal-Restauradores.
- 16.15 Iniciados femininos (12, 13 e 14 anos) Escalão D, Rua Sampaio Pina, Parque Eduardo VII, Marquês de Pombal, Avenida da Liberdade, Restauradores.
- 16.20 Iniciados masculinos (12, 13 e 14 anos7 Escalão F, Rato, Rua Castilho, Parque Eduardo VII, Marquês de Pombal, Avenia da Liberdade e Restauradores.
- 16.30 JUvenis Femininos (15, 16 e 17 anos) Escalão C, Praça de Espanha, Av. António Augusto de Aguiar, Marquês de Pombal, Av. da Liberdade e Restauradores.
- 16.35 Juvenis masculinos (15, 16 e 17 anos) Escalão C, o mesmo percurso de juvenis femininos.
- 16.45 Juniores e seniores femininos (18 em diante) escalão B, Campo Pequeno, Saldanha, Av. Fontes Pereira de Melo, Marquês de Pombal, Av. da Liberdade e Restauradores.
- 16.50 Veteranos «A» femininos (dos 34 a 45 anos) Escalão B, o mesmo percurso de júniores e séniores femininos.
- 16.50 Veteranos «B» femininos (dos 46 em diante) Escalão B, o mesmo percursode juniores e seniores femininos.
- 17.00 Juniores e seniores masculinos (18 em diante) Escalão A, Entre Campos, Campo Pequeno, Saldanha, Av. Fontes Pereira de Melo, Marquês de Pombal, Av. da Liberdade e Restauradores.
- 17.05 Veteranos «A» masculinos (dos 34 a 45 anos) Escalão A, o mesmo percurso de juniores e seniores masculinos.
- 17.05 Veteranos «B» masculinos (dos 46 em diante) Escalão A, o mesmo percurso de juniores e seniores masculinos.

As inscrições podem ser enviadas pelo correio (colocadas nos marcos postais até 17 do corrente) ou entregues pessoalmente na sede da Comissão Coordenadora (Rua da Barroca, 107, 1.º, Lisboa. Telefones: 373249 ou 373900. Telex: 15087 PALEST.

Nacional de andebol

Benfica entra como rei

O Benfica (campeão nacional) bateu o Belenenses no jogo mais importante da ronda inaugural do campeonato nacional de andebol.

O Sporting conseguiu o resultado mais volumoso, sendo de destacar, por outro lado, as vitórias do FC do Porto, Sanjoanense e Caramão em recintos dos adversários. Resultados na **Zona Norte:** Desp. Portugal -Sp. Espinho, 32-24; Académico -Salgueiros, 23-22; Acaémica de Coimbra - Sanjoanense, 16-25 e Académica de S. Mamede - FC do Porto, 22-23. **Zona Sul:** Sporting - Almada, 39-24; Passos Manuel - Vitória de Setúbal, 23-23; Benfica - Belenenses, 24-19 e Caselas - Caramão, 14-18.

Supertaça feminina

O Oeiras (campeão nacional) e o Académico do Porto (vencedor da Taça de Portugal) defrontaram-se no pavilhão dos portuenses, no jogo da 1.ª «mão» da Supertaça feminina. As academistas, que já na 2.ª parte chegaram a vencer por quatro tentos de diferença, vieram a claudicar no período final, devido a uma forte reacção das visitantes, que deram a volta completa ao resultado, a ponto de triunfarem por três golos. A vantagem (18-15) a favor da equipa do Sul ter-lhe-á garantido a conquista da Supertaça, troféu que pela primeira vez é instituído. O desafio da 2.ª «mão» realiza-se no sábado, em Oeiras.

MICROSCÓPIO

Rafael Marques: êxito

Rafael Marques (Sporting) triunfou no Grande Prémio de Atletismo de Penamacor, integrado nas comemorações do segundo centenário da morte de Ribeiro Sanches. Nos 2.º e 3.º lugares classificaram-se, respectivamente, João Campos (Paredes) e Bernardo Manuel (Sporting) que foram secundados por José Abreu (Benfica) e Vicente Fonseca (Casa do Povo de Unhais da Serra). Na classificação por equipas o triunfo coube ao Sporting.

Halterofilia: recordes nacionais

O halterofilista Francisco Coelho bateu três recordes nacionais absolutos durante um encontro entre as equipas do Ginásio Clube Português e do Futebol Clube de Sevilha, disputado naquela cidade espanhola. Francisco Coelho levantou 160,5 quilos no arranque e 200,5 quilos no arremesso, conseguindo um total de 360 quilos. Com estes resultados, Francisco Coelho voltou a fazer os mínimos para os Jogos Olímpicos de Los Angeles. No torneio, a vitória pertenceu ao Sevilha.

Gente de força

Disputaram-se em Kiev (URSS) os Campeonatos Mundiais de Luta greco-romana, cuja classificação final foi a seguinte:

48 kg — 1.º, Bratan Tsenov (Bulgária); 2.º, Markus Sherer (RFA); 3.º, Temo kazarachvili (URSS).

57 kg — 1.º, Eto Masaki (Japão); 2.º, Kamil Fytkouline (URSS); 3.º, Piotr Baloz (Bulgária).

68 kg — 1.º, Tapio Sipila (Finlândia); 2.º, Mohammed Bana (Iraque); 3.º, Guennady Ermilov (URSS).

82 kg — 1.º, Teimuraz Aphazava (URSS); 2.º, Lennart Lundel (Suécia); 3.º, Jarmo Overmark (Finlândia).

100 kg — 1.º, Andrej Dimitrov (Bulgária); 2.º, Josef Terteli (Jugoslávia); 3.º, Viktor Audychev (URSS).

França

O empate (0-0) do líder, Girondins, no campo de Brest, e a vitória do 2.º classificado (Mónaco) sobre o Nimes por 5-1, foram as notas mais destacas da 13.ª jornada do campeonato francês de futebol da 1.ª divisão. Resultados: Brest - Girondins, 0-0; Metz - Bastia, 1-0; Saint Etienne -Lille, 2-0; Mónaco - Nimes, 5-1; Paris SG - Sochaux, 3-1; Nantes -Rouen, 3-0; Laval -Toulouse, 1-0; Lens - Nancy, 3-1; Auxerre - Rennes, 1-0; Toulon -Estrasburgo, 1-3. Classificação: 1.º Girondins, 21 pontos; 2.º Mónaco, 19; 3.º Auxerre e Paris SG, 18; 5.º Nantes, 16; 6.º Estraburgo, 15; 7.º Laval, 14; 8.º Rouen e Lens, 13; 10.º Toulouse e Lille, 12; 12.º Bastia, St. Etienne, Brest e Nancy, 11; 16.º Sochaux, Metz e Nimes, 10; 19.º Toulon, 9 e 20.º Rennes, 6.

Aminata nasce em Évora

Um almoço-convívio assinalou a inauguração da sede provisória do «a minata» – Évora Clube de Natação, criado a 7 de Outubro de 1982. José Alves (vogal da direcção) referiu que a aquisição de um terreno para a futora sede e instalações desportivas próprias e, no campo desportivo, «apanhar o comboio da natação nacional», são as principais aspirações deste clube. Aquele dirigente apelou para as entidades oficiais no sentido de um maior apoio financeiro com vista à projecção do clube e divulgação da modalidade.

Com cerca de 400 sócios, cuja quotização atinge os vinte e dois mil escudos mensais, o «Aminata» tem neste momento cerca de quatro dezenas de atletas, que vão desde os «cadetes» aos seniores. Paralelamente o clube tem em funcionamento uma escola de natação aberta a toda a população e pensa brevemente iniciar o pólo aquático, modalidade que, apesar da sua pouca divulgação no País, os seus dirigentes querem incrementar.

Automobilismo: acidente no Estoril

As provas do Troféu ACDMI (Associação de Comissários de Desportos Motorizados do Estoril), disputadas no Estoril, ficaram assinaladas por um acidente entre os carros de Carlos Barata e Edgar Fortes, de que o primeiro saiu ferido. Carlos Barata foi prontamente conduzido ao Hospital de Cascais com traumatismo crâniano. Segundo a ANOP, e o acidente foi causado pelo Talbot de Fortes que, após rebentamento de um pneu, fez um peão e foi embater com o veículo da mesma marca de Barata, ficando ambos os carros destruídos.

As seis provas disputadas tiveram os seguintes vencedores: Agrupamento C (Iniciados) – José Baptista (Ford RS 1800); Agrupamento A-1 – Pinto Coelho (Simca Rallye 3); Agrupamento N-2 – Alcides Petiz (Golf GTI); Agrupamento A-2 – Sidónio Cabanelas (BMW 528 I); Agrupamento B-1 – Ferreira da Silva (Toyota Starlet); Agrupamento B-2 – Daniel Vidal (BMW M 1).

Funchal: Rampa

O piloto madeirense José Luís Rodrigues venceu a Rampa de Santana (Madeira) em automobilismo, organizada pelo Marítimo do Funchal e inserida nas comemorações dos 73 anos do clube. João Luís Rodrigues, que foi o melhor corredor madeirense na última edição do Rally Vinho da Madeira, tripulou um Ford Escort RS 2000 e venceu também a classificação do Agrupamento A-2. Emanuel Pereira (Ford Escort RS 2000), Miguel Mendes Gomes (Opel Ascona 2000), Paulo Oliveira (Opel Ascona 2000) e Ricardo Rodrigues (Opel Kadette GTE) classificaram-se nas posições seguintes. Vasco Silva (Visa II Super X), Amândio Mourão (Golf GTI) e José Barros (Toyota Starlet) foram os vencedores dos Agrupamentos N-1, N-2 e A-1 respectivamente. Participaram na Rampa de Santana, prova corrida na extensão de 6,6 quilómetros e pontuável para o campeonato regional de rallyes, 17 dos 25 pilotos inscritos.

comunicação social

Comissão Tripartida para estudo global do sector

— *admite Mário Soares*

O Primeiro-Ministro admitiu a possibilidade da criação de uma Comissão Tripartida (Governo, Sindicatos e Conselhos de Gestão) para o estudo da reestruturação global do sector da Comunicação Social – revelou à ANOP o sindicalista Cesário Borga.

Falando no final de uma audiência concedida aos sindicatos da Comunicação Social por Mário Soares e pelo ministro de Estado, Almeida Santos, o presidente do Sindicato dos Jornalistas acrescentou que em relação à EPNC o Primeiro-Ministro garantiu o seu empenhamento junto do Conselho de Gerência da empresa para recber os sindicatos e tornar possível a estes apresentarem as suas propostas.

Cesário Borga considerou estes dois pontos os mais importantes a que chegou nesta reunião com o Governo, caso sejam concretizados.

Adiantou, no entanto, que não foi completamente garantido que o Conselho de Gerência da EPNC venha a fornecer os dados pretendidos pelos sindicatos.

Quanto ao problema das agências noticiosas, revelou que o Primeiro-Ministro admitiu a hipótese de ser tomada em breve uma posição sobre o assunto, qua apontará possivelmente para a criação de uma «régie» cooperativa.

O problema está apenas dependente da negociação da rescisão do contrato do Governo com a NP («Notícias de Portugal»), negociação esta que está «quase terminada», disse Cesário Borga, citando Mário Soares.

Na audiência concedida pelo Primeiro-Ministro e pelo ministro de Estado às estruturas representativas do sector da Comunicação Social, estiveram presentes representantes dos Sindicatos dos Jornalistas, Gráficos e Imprensa do Sul e Ilhas, Telecomunicações e o Sitese (escritórios).

Na reunião foi manifestado ao Governo que o chamdo diálogo social implica a existência de um espaço para negociação.

Foi expresso igualmente o facto dos problemas das empresas do sector não poderem ser encarados apenas sob o aspecto financeiro pois existem problemas sociais que carecem de resolução.

Na audiência, o Primeiro-Ministro indicou que estão a ser desbloquadas verbas para o pagamento dos salários em atraso tanto na ANOP como na EPNC – e garantiu a sua respectiva actualização.

Cartoons" no Canadá primeiro prémio para António

O primeiro prémio do XX Salão Internacional de Caricatura de Montreal (Canadá), no montante de cinco mil dólares, foi recentemente entregue na Embaixada do Canadá em Lisboa ao seu vencedor, o cartoonista português António.

O prémio foi entregue pelo próprio embaixador do Canadá, Lucien Lamoureux numa recepção a que igualmente esteve presente o director do salão, Robert Lapalme.

Escolhido por quatro dos cinco membros que compunham o júri de entre 898 «cartoons» concorrentes, provenientes de jornais e revistas de 54 países, o trabalho de António inspira-se na que é provavelmente a mais conhecida fotografia da II Guerra Mundial, para alguns mesmo a sua fotografia-símbolo: a de soldados nazis de armas apontadas a homens, mulheres e crianças que vão levar do «ghetto» judeu de Varsóvia para os campos de extermínio.

No desenho de António, os soldados nazis «transformam-se» em soldados israelitas e os homens, mulheres e crianças judeus em homens, mulheres e crianças palestinianos.

Cristina Braga foi a sepultar

o funeral da jornalista da ANOP Maria Cristina Ramos Braga saíu a meio da tarde de sábado da Igreja do Bonfim, no Porto, após missa de corpo presente, para o cemitério de Rio Tinto, Gondomar.

Depois de celebrado o ofício religioso, a que assistiram familiares, amigos e antigos e actuais colegas da malograda jornalista, que enchiam a vasta nave do templo , o féretro seguiu para o jazigo de família, no cemitério de Rio Tinto, nos arredores do Porto.

O Conselho de Gerência e a Direcção de Informação da Agência Noticiosa Portuguesa estavam representados na cerimónia por Maximino Correia, delegado da ANOP no Porto — e o Sindicato dos Jornalistas fez-se representar pelo vice-presidente da Direcção, Germano Silva.

CI/RDP

O Conselho de Informação para a RDP, na sua última reunião, resolveu constituir uma comissão de inquérito com vista a apurar a existência de eventuais irregularidades, ilegalidades e anomalias no âmbito da RDP/Norte.

Aquele CI vai ainda requerer à Comissão Administrativa da RDP informações urgentes sobre as alterações no domínio da estruturação da informação na RDP, bem como dados sobre a situação actual do jornalista Pedro Cid e informação sobre as conclusões do inquérito à RDP/Sul.

Estas matérias foram agendadas para a próxima reunião plenária, a efectuar em 14 do corrente, de tarde, reunião onde serão ainda indicados os elementos que integrarão a Comissão de Inquérito à RDP/Norte.

"Liberación" para 1984

Um novo jornal, de «orientação radical», com título «Liberación», vai ser editado em Espanha, anunciou, em Sevilha, o escritor Andrés Sorel.

O jornal terá uma estrutura de cooperativa e pretende «cobrir os interesses alternativos, radicais, ecologistas, feministas e de todos os que esperavam a mudança» – afirmou Sorel no acto de apresentação do número zero.

A ilha dos cães

30

Desenho **Florenci Clavé**

Texto **Guy Vidal**

Continua

Samora conquista Portugal

Continuação da pág 5

Entre os convites, além dos ministros moçambicanos Rui Baltazar (antigo estudante de Coimbra que confessaria depois ter-se *reconciliado com Coimbra*), Joaquim Chissano e Armando Guebuza (interior) encontravam-se Mota Pinto (muito discreto), Jaime Gama, Manuel Alegre, Vítor Crespo e grande número de pessoas ligadas à Universidade.

A «vertente africana»

O reitor Rui Alarcão fez um improviso no fim do almoço onde enfatizou a *vertente africana* da política portuguesa e sublinhou a fraternidade que nos une a Moçambique, nomeadamente a fraternidade e as relações «quase genéticas» entre a Universidade de Coimbra e a Universidae Mondalne de Maputo.

Em resposta Samora Machel magnetizou mais uma vez os presentes com as suas palavras e o seu poder comunicativo. Referiu-se à fraternidade, à paz, à língua portuguesa e ao papel da Universidade de Coimbra na formação de *muitos quadros progressistas que muito contribuíram para a nossa luta comum contra o colonialismo.* Mas logo a seguir aquela espantosa ausência de formalismo que o caracteriza, perguntou para o reitor, sorrindo: *não estou a sair do seu tema pois não senhor professor.*

No meio do seu improviso até houve lugar para entoar alguns versos de *Coimbra é uma lição só passa quem souber.*

No fim foi a serenata no «hall» do palácio. E antes da partida dos helicópteros (com Torga também a bordo) foi de novo o *Coimbra é uma lição* e depois o *Coimbra tem mais encanto na hora da despedida,* que Samora cantava emocionado em coro com os presentes.

E depois foi a pergunta para o «DL» de alguém muito chegado ao presidente: *Onde é que vocês têm no mundo um presidente mais amigo?*

José António Cerejo

crítica de cinema

"As Irmãs"
de Margarethe Von Trotta

JORGE LEITÃO RAMOS

O cinema de Margarethe von Trotta é radicalmente alemão. Consigo carrega um negrume antigo que apenas se reconverte numa actualidade social-democrata. O pessimismo germânico, no cinema, já vem de Caligari.

Penso, porém, que as circunvoluções sobre um quotidiano cinzento e opressivo (que faz da RFA o mais rico, policiado e inabitável país da Europa Ocidental), sobre mulheres tensas de culpa e disciplina, sobre as estranhas, gélidas, agressivas, vampíricas relações familiares com o seu cortejo de recalcamentos, correm o risco de não conseguir ser tão fundas que permitam a empatia de um cidadão de um país de sol e lassidão. Como nós somos. Quer dizer, correm o risco de debilmente comunicarem connosco.

A grande diferença em relação a um Bergman (radicalmente nórdico) é, de um ponto de vista temático, a profundidade da ferida. Bergman rasga sempre até ao âmago, até à alma, até aqueles sentimentos tão essenciais que quase dir-se-iam generalizadamente humanos.

Margarethe von Trotta é menos essencial e mais social. Há nela uma vertente de denúncia muito forte (em **As irmãs** é a do mito de eficácia profissional, da competência, da tecnocracia, se quisermos, para quem a felicidade passa pela realização no trabalho, pela promoção), há nela uma vontade de mostrar para transformar, há sempre,. mais que uma constatação, uma acusação. O fechamento, a incomunicabilidade, o silêncio nunca são aterredoramente absolutos, há personagens em esforço de salvação, em rota de mudança. Margarethe von Trotta quer ser positiva (recalcar o negrume).

O problema é que se suspeita que ela não acredita muito nisso. Há algo que resiste ao desenvolver da história, à salvação dos personagens (**in extremis**), um poço qualquer onde se sorve a boa-vontade.

O mais interessante do cinema desta realizadora alemã está aí. Na subterrânea confrontação de duas forças. Suponho, porém, que este facto não é matéria suficiente para fazer deste filme algo mais que um pequeno retrato germânico. Elegante, dorido, mas sem trajectos que se cruzem com

Margarethe von Trotta (à esq.) com as actrizes Jessica Früh, Jutta Lampe e Gudrum Gabriel durante a rodagem de «As irmãs».

os nossos. Como o meu, pelo menos, que isto de falar na primeira pessoa do plural é coisa que não compete a ninguém.

Ficha

Título original: Schwestern oder Die Balance des Glücks.
Realização e argumento: Margarethe von Trotta (RFA-1979)
Fotografia: Franz Rath.
Música: Konstantin Wecker.
Interpretação: Jutta Lampe, Gudrun Gabriel, Jessica Früh, Konstantin Wecker, etc.
Distribuição em Portugal: Sacil.
Cinema: Quarteto.

Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos.

Um novo livro de Mário de Carvalho

Tem amanhã lugar, pelas 18 horas, na Sociedade Portuguesa de Autores, na Avenida Duque de Loulé, 31, o lançamento do livro de Mário de Carvalho, «A Inaudita Guerra da Av. Gago Coutinho». A apresentação da obra e do autor estará a cargo de Urbano Tavares Rodrigues que, referindo-se a Mário de Carvalho, ainda recentemente escreveu: «Um dos escritores mais ágeis e versáteis desta nova linha (e moda) do fantástico é Mário de Carvalho, insólito e cativante contador de histórias, que alia ao mais solto humor uma riquíssima, mas policiada, imaginação e uma experiência cultural que lhe permite manipular, no plano onírico ou da novela exemplar, os ingredientes narrativos da literatura portuguesa de naufrágios e de marinharia do século XVII».

Para além de outro material bibliográfico

Correspondência de Viana da Mota adquirida pelo Ministério da Cultura

O Estado português adquiriu o espólio de correspondência enviada a Viana da Mota por personalidades de reputação nacional e internacional e um diário do pianista sobre a sua permanência na Alemanha. A revelação foi feita pelo Ministério da Cultura, cujo departamento de Musicologia do Instituto Português do Património Cultural começou a tratar deste arquivo no âmbito biblioteconómico.

Para além de pastas com correspondência do artista, programas de concertos, recortes de jornais, numerosas fotografias e centenas de partituras impressas, que pertenceram a Viana da Mota, o espólio contém centenas de cartas assinadas por Ferrucio Busoni, Alfredo Cortot, George Enesco, Henrique Arbos, Manuel de Falla, Edwin Fisher, Isidor Phillip (entre os estrangeiros) e António Arroyo, Alfredo Bensaúde, Júlio Dantas, Batalha Reis, Afonso Lopes Vieira, António Sérgio, Guilhermina Suggia, Cláudio Carneyro, Frederico de Freitas, e Fernando Lopes Graça (entre os portugueses).

O Ministério da Cultura refere que o arquivo agora recuperado, após o devido tratamento especializado, será posto à disposição dos estudiosos.

MINISTÉRIO DA CULTURA

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Companhia Nacional de Bailado

no

TEATRO S. LUIZ

Dias 13 e 16 às 21.30 h. e dia 15 às 17.30 h.

I PROGRAMA

«LES SYLPHIDES» – Coreografia de M. Fokine / Música de Chopin ● «RAMIFICAÇÕES» – Coreografia de R. Van Dantzig / Música de Liget-Purcell ● «BODAS DE AURORA (PAS-DE-DEUX)» — Coreografia de Petipa / Música de Tchaikovsky ● «AD LIBITUM» — Coreografia de Patrick Hurde / Música de Chostakovitch

Dias 14 e 15 às 21.30 h. e dia 16 às 16.30 h.

II PROGRAMA

«SUITE MEDIEVAL» — Coreografia de Brydon Paige / Música de Frederico de Freitas ● «4 CANÇÕES PARA CORO FEMININO» — Coreografia de H. Spoerli / Música de Brahms ● «FESTIVAL DAS FLORES» — Coreografia de Bournouville / Música de Helsted ● «RAYMONDA» — III ACTO — Coreografia de T. Westmourlund segundo Petipa / Música de Tchaikovsky

Dia 18 às 21.30 h.

III PROGRAMA

«SUITE MEDIEVAL» — Coreografia de Brydon Paige / Música de Frederico de Freitas ● «RAMIFICAÇÕES» — Coreografia de R. V. Dantzig / Música de Liget-Purcell ● «PÁGINA ESQUECIDA» — Coreografia de Armando Jorge / Música de F. Lopes-Graça ● «AD LIBITUM» — Coreografia de Patrick Hurde / Música de Chostakovitch

director artístico ARMANDO JORGE

BILHETES À VENDA NAS BILHETEIRAS DO TEATRO A PARTIR DO DIA 6

crítica de teatro

CARLOS PORTO

"Todo-o-Mundo" no interior das ruínas

«JEDERMANN» (Auto de Moralidade da Morte do Homem Rico), de Hugo von Hofmannsthal. Tradução: João Barrento. Encenação: Carlos Avilez. Movimento coreográfico: Águeda Sena. Direcção plástica: Luís Filipe Abreu. Música: Gisela Cañamero. Teatro Experimental de Cascais. Espectáculo integrado na XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura. Interpretação: Paulo B., Carlos Freixo, Paulo Lages, Santos Manuel, Cecília Guimarães, António Marques, Gisela Cañamero, José Barbieri, Luís Rizo, Celso Cleto, João Vasco, Fernando Côrte-Real, Luísa Salgueiro, Ilda Roquete, Maria Albergaria, Maria João, João Franco, Samuel. Ruínas do Convento do Carmo. 6-10-1983.

Hugo von Hofmannsthal, poeta e dramaturgo austríaco, mais conhecido como colaborador de Richard Strauss, é autor de alguns textos dramáticos com interesse embora não excessivamente originais. Aliás, em grande parte, a sua obra dramática foi directamente inspirada noutras obras (caso das tragédias «Rei Édipo» e «Electra», por exemplo, caso de «A Torre», inspirada em Calderon e que uma companhia austríaca apresentou em anos recentes, no Rossio, num espectáculo bem interessante).

«Jedermann», (Todo o Mundo, ou Auto de Moralidade da Morte do Homem Rico), foi renovado, termo do autor, a partir de uma obra inglesa de autor desconhecido «Everyman» (1490) e de uma obra alemã, «Comédia da Morte do Homem Rico», de Hans Sachs. Trata-se da velha história, de sabor bem vicentino, do homem que é procurado pela Morte para ir prestar contas a Deus. Como se trata de um homem rico, essas contas são difíceis de prestar e o homem quer alguém para o acompanhar. Mas nem amigos nem parentes, nem servidores arriscam a aventura e só as criaturas divinas acabam por lhe servirem de apoio e guia, ajudando-o a conquistar um lugar (imerecido) no Paraíso.

O grande trunfo deste espectáculo, que a Embaixada austríaca patrocinou, é, evidentemente, o seu espaço. Não apenas o espaço mas o inteligente aproveitamento que dele fez o encenador. O público começa por ser conduzido por participantes da função, depois destes terem lido, individual e colectivamente, alguns versículos da Bíblia. Aberto o portão, os espectadores vão acompanhando, com paragens, as várias cenas do espectáculo, até que finalmente podem ocupar os lugares sentados, quando a acção passa a decorrer, para utilizar uma metáfora, no interior da casa de Jedermann. Nessas paragens, os espectadores assistem, pois, a várias cenas que decorrem em praticáveis construídos propositadamente ou em elementos naturais das ruínas do convento. Esse aproveitamento do espaço (belíssima a cena em que Jedermann surge semioculto por um arbusto como que envergonhado da mãe), corresponde à integração desses elementos espúrios (outra imagem muito bela: logo no início quando Deus surge ao fundo, de branco, ao mesmo tempo imponente e simples, sobressaindo no espaço, com a ogiva a coroá-lo, e a noite estrelada envolvendo tudo). Essas várias cenas decorrem como se fossem as «estações» de um auto medieval, com a notável diferença de que aqui também o público se desloca acompanhando os actores.

Outros elementos documentam o enriquecimento que a encenação de Carlos Avilez conferiu ao texto: caso do bailado inicial, embora demasiado longo, luta do Bem e do Mal, ou de Abel e Caim, prólogo do «mistério» que se vai representar: a identificação do Devedor e da Mulher do Devedor, respectivamente, Jesus e Maria, o que dá uma amplitude às personagens que o original não previa; a composição das figuras do Primo Gordo e do Primo Magro bem como a de Mamonn, o dinheiro simbolizado pela longa capa dourada que é também alcatifa; a própria composição de Jedermann, na qual António Marques surge com um rosto onde há um toque demoníaco que desaparece no final; a forma como o encenador resolveu o que parece ser uma carência do texto; o facto de Jedermann não pedir à Amante para o acompanhar.

Com este espectáculo, Carlos Avilez prova ter atingido o ponto mais alto da sua carreira. Tendo conseguido eliminar excessos e maneirismos de mau gosto através de um maior rigor na criação de sinais cénicos e dramatúrgicos, conseguindo uma maior homogeneidade do conjunto, Avilez dmonstra ser capaz de criar a arquitectura de um espectáculo ao mesmo tempo belo, denso, inventivo. Há um ou outro elemento incorrecto (alguns gritos, um ou outro movimento incaracterístico, a falta de musicalidade das vozes) que não assumem qualquer importância no contexto.

Para além da sua mais do que duvidosa moralidade (basta o arrependimento para redimir o homem que explorou o homem?), este texto possui uma intensa teatralidade embora a sua escrita me pareça pouco criativa. É arriscado julgar um texto por uma tradução, mas tanto neste trabalho de João Barrento como na tradução francesa que conheço (e o trabalho do tradutor português, que não escolheu a facilidade do verso livre, pareceu-me bastante superior), o texto de Hofmannsthal não exprime uma poética que nos arrebate ao contrário do que acontece com Gil Vicente. Também a música original me pareceu aquém do que o espectáculo pedia.

António Marques é um soberbo Jedermann. Embora o trabalho se ressinta pelo facto de a voz não conseguir os cambiantes que seria de desejar, trata-se, provavelmente, da melhor criação do actor e de um dos bons trabalhos do ano teatral. Aliás, no seu conjunto, os intérpretes conseguiram criar o enquadramento correcto e eficaz ao trabalho do protagonista. É o caso, mais exemplarmente, de Cecília Guimarães (Morte), Santos Manuel e João Vasco (em papéis diversos), Maria Albergaria (Mãe), Luísa Salgueiro (Amante), e alguns jovens, em especial, Luís Rizo (Diabo) e Gisela Cañamero (papéis diversos), e ainda Fernando Côrte-Real (Amigo).

Este espectáculo, que está a ser apresentado nas Ruínas do Convento do Carmo, no coração de Lisboa, é obrigatório por várias razões: porque se trata de um belo espectáculo, porque dá a conhecer um texto, discutível, mas com interesse; porque permite admirar a noite num lugar magnífico e tão pouco frequentado.

Arranjar espaços alternativos deve ser uma das preocupações maiores dos nossos homens de teatro. O êxito alcançado anteriormente pelo espectáculo de Claudel, dirigido por Jorge Listopad, o êxito deste espectáculo, provam que temos tudo: espaços, tempo agradável, artistas para aproveitar uns e outro, e, sobretudo, público para os apreciar. É preciso não parar.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Os ministros, os abutres.

POR mal de meus pecados vi «o Pirata», uma vez. Ganhei com isso indulgências plenárias que ao repouso de minha alma serão bem frutuosas. Talvez as acrescentasse vendo-o segunda vez. Recuso-mo, mesmo que o castigo seja ir bater com os costados no caldeirão de Pero Botelho.

Eu acho é uma graça aos critérios de moral e vergonha pública que vigoram no Lumiar. Ao pé disto, o «Pato com laranja» (mesmo sem laranja) não passa de um carrossel infantil. Para os habitantes daquela estranha região, imoral é só a nudez, poetizada embora pela neblina da distância. A falsidade dos sentimentos, a aldrabice das situações, a manipulação da História e da política, à promiscuidade sexual – ah, não tem a mínima importância, tudo está conforme as sagradas escrituras...

Fariseus.

Isto é só um desabafo. Meu dia de televisão, como sucede aos domingos, principiou muito pela manhã, com o programa «70 vezes sete», numa emissão consagrada à **Pia Sociedade de S. Paulo.**

Trata-se de um vasto império de condução ideológica. Principiou aquando da primeira Guerra Mundial, com utilização da imprensa e como resposta à crise vocacional que então já se fazia sentir, ou seja, como as pessoas não iam à igreja, ia a igreja até às pessoas.

Os tentáculos desta poderosa organização católica estendem-se hoje a 34 países. E como a crise vocacional não fez senão aumentar, os meios ao dispor da «Família Paulista» também aumentaram: editam-se livros, revistas, controlam-se rádios, televisões, penetra-se, com armas cada vez mais sofisticadas, na contenda ideológica.

Será tudo isto bastante para despertar as vocações religiosas enquadradas no aparelho da Igreja?

Quanto a isto, nada sabemos. O que sabemos, pela prática da hierarquia em diversas partes leva-nos a concluir que faltam as vocações para a Igreja porque falta uma Igreja para as vocações.

Quanto mais tempo a Igreja levar a recusar os preconceitos, que não se justificam mais; a libertar-se dos pecados que envenenam a vida; a pôr de lado um paternalismo, perdão!, um maternalismo incompatível com as crescentes possibilidades culturais, em resumo: quanto mais a Igreja insistir na prioridade dos homens para um Deus, em lugar de um Deus para os homens – mais as vocações vão rarear e mais a Igreja se hermetiza, se sectariza. E se não realiza. De nada vale a propaganda quando o produto não ajuda.

Adiante. Tivémos ontem a última emissão de «Sim, Senhor Ministro». Vamos ter saudades desta rubrica – caso notável de simplicidade, de economia de meios, de popularidade.

Nas entrelinhas (e não só, e não só...) transparecia a desconfiança dos ingleses pela sua camada política. Incompetência, ignorância, desonestidade, corrupção, foram palavras escritas com todas as letras ao longo das emissões.

Bem como a crítica ao fundamento democrático do regime: as eleições. Vimos como os políticos tudo são capazes de prometer para caçar votos – e como depois, do que prometeram, nada fazem. Ontem, em foco, a distribuição de empregos pelos amigos. Houve quem, ao pé de mim, garantisse que aquilo se passava em Portugal. Ficou admiradíssimo quando soube que o filme era de origem inglesa!

Muito seria de estranhar que uma classe apodrecida gerasse políticos honestos. Pois então não é sobre a carne morta que se atiram os abutres?...

O serão, além do negregado «Pirata», incluía um programa de fados e o **Girabola.** As vozes de Beatriz da Conceição e do saxofone de Rão Kyão povoaram a noite de qualidade fadista. Pena foi ininguém se ter lembrado de uma «desgarrada» entre ambos. Seria memorável. Curiosa iniciativa, esta. Os cantadores de Lisboa e a própria Lisboa: suas escadinhas, seus largos, suas rampas pela vertente das colinas, suas ruelas, suas casas de muita história. Aqui está uma ideia que podia render divisas, **se.** Se houvesse maior preocupação pelas qualidades de cor (parece que estamos a ver , através de um vidro fosco, essa cidade «de naranja y oro», segundo Neruda) e pela tomada de som. Depois, a especificidade de canção, a qualidade dosdô» entre os turistas.

Quanto ao «Girabola», regressaram as breves reportagens com resumos dos jogos. Guardaram o Benfica-Porto para o fim – e só no fim disseram que não tinham imagens do jogo...

Não é honesto, não é sério este velho truque dos vendedores de banha de cobra que acenam sempre com uma maravilha – que não existe. Quando os espectadores dão por isso – já compraram a banha toda...

Desporto ao domingo sob o signo da ninharia. Ou será a ninharia sob o signo do «desporto»?

Resolvam os sábios bizantinos.

Hoje

Fialho Gouveia apresenta na RTP-1 mais uma sessão do concurso Vamos Caçar Mentiras

15.00 **Curso de Formação de Professores Monitores da Telescola**
16.45 **«O Caso dos Antigos Astronautas»** – documentário sobre os extraterrestres e a sua influência nos habitantes da terra.
18.20 **Sumário**
18.30 **Curso de Línguas** – Inglês.
19.00 **Teleregiões**
19.25 **Tempo dos Mais Novos** – «Segredos dos Dedos».
20.00 **Telejornal**
20.30 **Telenovela** – «Pai Herói».
21.15 Concurso Vamos Caçar Mentiras
23.00 Último Jornal

Na rubrica Teatro no Mundo, na RTP-2, representa-se esta noite a 2.ª parte de «Hamlet»

19.02 **Desenhos Animados**
19.30 **TV/2 Notícias**
19.40 **Se o Mar Acabasse** – «Petróleo e o Mar».
20.15 **Computadores**
20.40 **Teatro no Mundo** – «Hamlet» (2.ª parte). Personagens e intérpretes: Hamlet, Derek Jacobi; Gertrude, Claire Bloom; Polonius, Eric Porter; Claudis, Patrick Stewart; e Ophelia, Lalla Aard.
22.25 **Jornal da Noite**
22.45 **Paul Hogan Show**

Amanhã

12.00: Desenhos Animados; **12.20**: O Mar e os Seus Recursos; **12.45**: RTP/Brasil; **13.30**: Jornal da Tarde; **17.50**: Sumário; **18.00**: Animação; **18.25**: Curso de Línguas – Francês; **19.00**: Teleregiões; **19.25**: Tempo dos Mais Novos; **20.00**: Telejornal; **20.30**: «Pai Herói»; **21.15**: «Avenida Paulista»; **22.30**: Grande Reportagem; **23.30**: Último Jornal.

19.00: Desenhos Animados; **19.30**: TV/2 Notícias; **19.40**: Música de Câmara; **20.05**: Quinta Dimensão; **20.30**: Cine-Clube/2 – «O Grande Caruso»; **22.25**: Jornal da Noite; **22.45**: Paul Hogan Show.

VILA DE OEIRAS

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

AVISO

Aceitam-se inscrições para admissão imediata, até ao dia 17.10.83 de:

1 AJUDANTE DE PINTOR

Podem candidatar-se todos os indivíduos de nacionalidade portuguesa, com mais de 18 anos de idade, possuidores da escolaridade obrigatória. O local de trabalho será dentro da área de actuação destes Serviços Municipalizados.

Ficarão na situação de contratados a prazo, com breve integração no quadro destes Serviços.

As inscrições são feitas na Divisão de Gestão de Recursos Humanos dos SMO, das 9.30 h. às 12 h. e das 14.30 às 17 h.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE OEIRAS, 3.10.83

O PRESIDENTE DO CONCELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

João Maria Póvoa

TEATRO DA TRINDADE-INATEL

APRESENTA

Sábado, 15 de Outubro de 1983 às 21.30 h.

«CONCERTO DE ABERTURA DO II FESTIVAL DE MÚSICA POPULAR»

com

CORO STELLA VITAE
BANDA DA SOCIEDADE FILARMÓNICA MONTELAVARENSE

Domingo, 23 de Outubro de 1983 às 21 horas

«CONCERTO DE ENCERRAMENTO DO II FESTIVAL DE MÚSICA POPULAR»

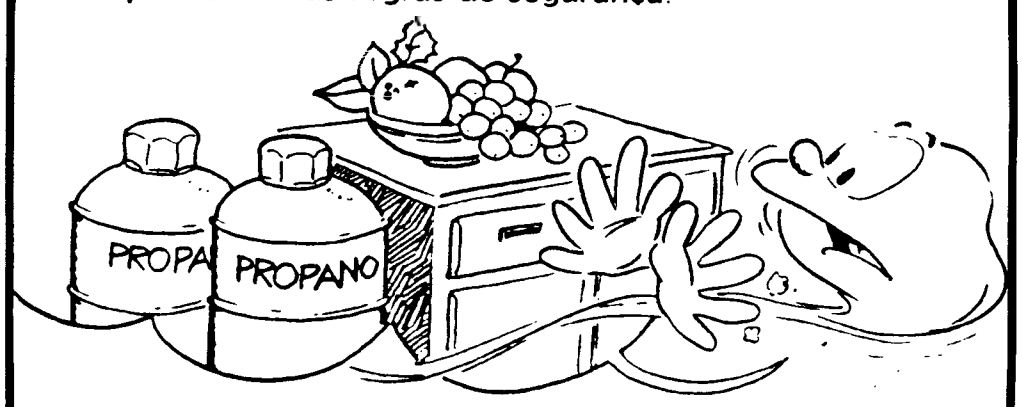
com

CORAL PUBLIA HORTENSIA
RONDA DOS QUATRO CAMINHOS
ORQUESTRA DE CAVAQUINHOS DO G.F. «DR. GONÇALO SAMPAIO» DE BRAGA
BANDA DA SOCIEDADE FILARMÓNICA PALMELENSE

BANDA JUVENIL DA CASA DO POVO DE AVEIRAS DE BAIXO

BILHETES À VENDA
Preço único: 50$00

Não utilize garrafas de propano no interior de habitações
Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇAO DE COMBUSTIVEIS GASOSOS

OLYMPIAKOS–BENFICA

TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS

Viagem especial a Atenas, visitando as ilhas
Aegina — Hydra — Poros

Informações e inscrições

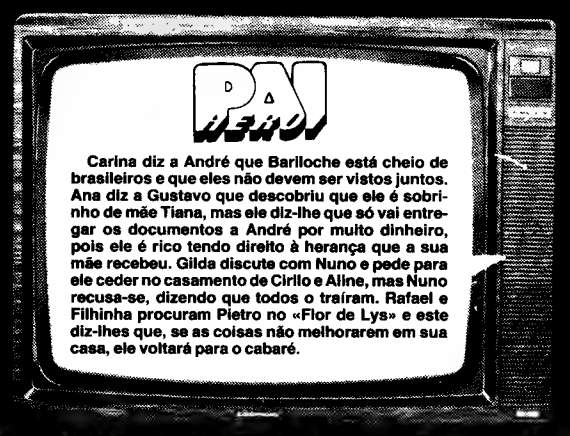
CATUR

L. da Acad. Nac. de Belas Artes, 17
1200 LISBOA
Telef. 36 79 74

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

1 RTP
Concurso Vamos Caçar Mentiras (21.15)

2 RTP
«Hamlet» (20.40)



Carina diz a André que Bariloche está cheio de brasileiros e que eles não devem ser vistos juntos. Ana diz a Gustavo que descobriu que ele é sobrinho de mãe Tiana, mas ele diz-lhe que só vai entregar os documentos a André por muito dinheiro, pois ele é rico tendo direito à herança que a sua mãe recebeu. Gilda discute com Nuno e pede para ele ceder no casamento de Cirilo e Aline, mas Nuno recusa-se, dizendo que todos o traíram. Rafael e Filhinha procuram Pietro no «Flor de Lys» e este diz-lhes que, se as coisas não melhorarem em sua casa, ele voltará para o cabaré.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Música

O William Byrd Choir, sob a direcção de Gavin Turner, realiza hoje, às 18,30, no Grande Auditório da Gulbenkian, um concerto, patrocinado pelo British Council, de música inglesa do século XVI, interpretando obras de Thomas Tallis e William Byrd.

Conferências

Fernão Lopes, o historiador e mestre da língua portuguesa mais representativo do século XV, vai ser celebrado em várias sessões ao longo do programa de 1983-84 da Sociedade de Língua Portuguesa.

O prof. dr. António Borges Coelho, da Faculdade de Letras de Lisboa, historiador e crítico que também se tem dedicado ao estudo da personalidade e da obra do grande escritor e cronista, iniciará a série evocativa de Fernão Lopes com uma conferência.

A conferência do prof. Borges Coelho realizar-se-á às 18.30 do dia 11 na sede da SLP, Rua de S. José, 41-2.º (perto do cruzamento com a Rua das Pretas).

A entrada é livre.

Livros

A exposição «O Homem e o Livro», integrada nas comemorações do Ano Jubilar Verbo e organizada pela EDC – Crediverbo, está patente ao público no Palácio D. Manuel, em Évora, até 16 de Outubro, das 18 às 23 horas. Esta exposição, que será a primeira de uma série de dezoito, que mensalmente irá percorrer as capitais de distrito, tem por principal objectivo mostrar o livro como veículo de cultura e construtor de uma civilização, sua história e evolução.

Na sede da Associação Portuguesa de Escritores (Rua do Loreto, 13, 2.º, em Lisboa) podem ser apresentados, durante o mês de Outubro, os originais candidatos a subsídio no âmbito do Fundo de Apoio à Edição de autores Portugueses, iniciativa patrocinada pela Gulbenkian. O regulamento está à disposição dos interessados na sede da APE.

Cinema

Um cinema com uma capacidade de 360 lugares foi a semana passada inaugurado em Coimbra, com a apresentação do filme «Ghandi». Cine-Estúdio é o seu nome e fica no Centro Comercial Girassolum, Av. João de Deus Ramos (junto ao Estádio Municipal). Além da programação normal diária, à tarde à noite, a nova sala inclui, à meia-noite de sextas-feiras e sábados, filmologia clássica.

Uma das pinturas que Rogério Amaral vai expor na Galeria de Ana Isabel

Exposições

O II Salão Universitário de Arte Fotográfica, organizado pelo núcleo de arte fotográfica da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico e pela Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos, está patente até ao próximo dia 15, no salão nobre do IST (Av. Rovisco Pais) das 17 às 22 horas.

Uma exposição de pintura de Rogério Amaral vai ser inaugurada, na próxima 4.ª-feira, às 19 horas, na Galeria de Ana Isabel, ficando patente ao público até 4 de Novembro, no seguinte horário: todos os dias, menos aos domingos, das 14,30 às 19,30 horas.

José Henriques e Silva expõe fotografias sobre as comunidades de pescadores Macua na Baía de Nacala, realizadas em Moçambique de 1957 a 1973. A mostra pode ser visitada até 28 de Outubro, no ARCO, das 10 às 20.30 horas.

Lisboa Quinhentista, a imagem e a vida da cidade é o tema de uma exposição patente no Museu da Cidade, ao Campo Grande, que nos permite entrever um pouco do que terá sido a fabulosa actividade, vida e criação na Lisboa do século XVI.

Ema Brandão inaugurou sábado, em Leiria, na Galeria de Arte Capitel, uma exposição de cerca de 40 esculturas em madeira. Nascida em Oliveira de Azeméis, discípula de seu pai, o pintor Alípio Brandão, Ema Brandão já realizou mais de meia centena de exposições individuais, parte delas em Angola, onde viveu 17 anos.

Uma exposição de fotografia de Carlos Coutinho e da alemã Marita Muller foi sábado inaugurada nas galerias do Círculo de Artes Plásticas da Academia de Coimbra. Carlos Coutinho, natural do Porto onde frequentou escultura na Escola Soares dos Reis, cursou fotografia na Academia Real de Belas Artes de Liège, na Bélgica. Marita Muller, que pela primeira vez expõe em Portugal, tem 32 anos e participou, desde 1974, em várias exposições individuais e colectivas.

OFERECE-SE

LICENCIADO EM FILOSOFIA OFERECE-SE PARA COLÉGIO. LARGA EXPERIÊNCIA EM ENSINO OFICIAL E PARTICULAR.

RESPOSTA AO N.º 10 102

Em ALVERCA o Diário de Lisboa
vende-se na TABACARIA LUSA
Rua Joaquim Sabino Faria, 16

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864
BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	96$10	102$10
ALEMANHA FED (marco)	47$20	48$30
ÁUSTRIA (xelim)	6$60	6$80
BÉLGICA (franco)	2$143	2$343
BRASIL (cruzeiro)	$050	$130
CANADÁ (dólar – notas de 1 a 2)	98$65	100$65
(notas de 5 a 1000)	99$15	101$15
DINAMARCA (coroa)	13$00	13$40
ESPANHA (peseta)	$770	$890
EUA (dolar – notas de 1 a 2)	121$10	123$10
(notas de 5 a 1000)	121$60	123$60
FINLÂNDIA (marka)	21$60	22$20
FRANÇA (franco)	15$35	16$05
HOLANDA (florim)	41$95	42$95
INGLATERRA (libra)	183$10	187$10
IRLANDA (libra)	146$45	150$45
ITÁLIA (lira)	$071	$080
JAPÃO (iene)	$498	$533
NORUEGA (coroa)	16$65	17$15
SUÉCIA (coroa)	15$65	16$25
SUÍÇA (franco)	58$10	59$20
VENEZUELA (bolivar)	7$90	8$90

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão; **17.00**: ZGHIBZ; **18.30**: Informativo de trânsito; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Folhetim – o espeço é seu; **21.00**: Toda a gente é pessoa; **21.30**: Viva a noite; **23.30**: Ultimo jornal. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas

Programa 2

15.45: Música sinfónica; **17.00**: Musicantes; **17.30**: Efeméride; **18.05**: Culturando; **19.30**: Terra viva, planeta azul; **20.10**: Orquestras de câmara; **21.00**: O canto e os seus intérpretes; **22.00**: Tudo isto e música também; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00 Matinée; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Conta corrente; **20.30**: Quando o telefone toca (3 edições); **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: 24.ª hora; **01.00**: O passageiro da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **18.00**: Círculo em FM- **19.00**: Em órbita; **20.00**: Cinco estrelas, **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Café concerto; **00.00**: Dois pontos. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da LAR; **19.50**: Bola Branca (2.ª edição); **20.00**: Horizonte; **21.00**: Hora de música; **22.30**: Tríduo preparatório para a peregrinação a Fátima; **23.00**: Última hora; **23.55**: Meditando. Noticiários intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

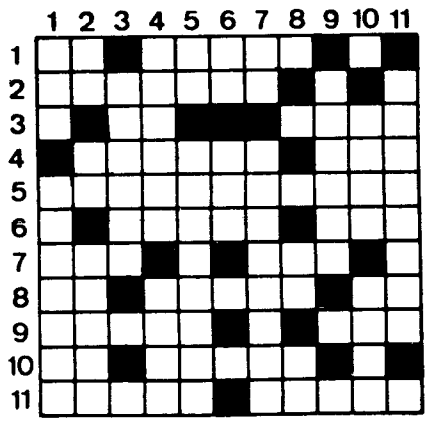
14.00: Duas vezes seis; **21.00**: Quando o telefone toca.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 855

Horizontais:
1 Preposição. Escuridão. Nome de letra.
2 Cortesã grega esposa de Péricles.
3 Preposição latina que designa movimento. Cidade da Arábia
4 Agradecidas. Pronome pessoal
5 Lançarias em crédito.
6 Costurem. Irmã da mãe.
7 Bêbado (Gir Bras). Sopé.
8 Quinhentos e um em romano. Adeja. Nome de Buda, na China
9 Vaguear. Prefixo que designa ar.
10 Flauta chinesa de três buracos. Limpas com água.
11 Tostam. Trabalho à noite



VERTICAIS:
1 Rio de Portugal. Vela.
2 Pertences. Grego (abrev). Naipe das carta de jogar.
3 É semelhante.
4 Boiado. Peta.
5 Artigo definido. Tostaram.
6 Segundo. Fruto da ateira
7 O mesmo que até. Vestimenta rústica. (pl).
8 Bário (s.q). Catedral.
9 Bela. Artigo definido.
10 Filtrai. Mal parecida.
11 Divulgador

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9707

HORIZONTAIS:
1 Batráquio. Montanha da Ásia Menor, entre Mileto e Heracleia, onde segundo a Fábula, Diana vinha visitar o pastor Endimião. Ruim.
2 Ave pernalta. Ecoa Preposição
3 Cidade da Sardenha. Gratificação (Bras)
4 Entusiasmares.
5 Ilha do Pequeno Belt. Serra de Portugal.
6 Catedral. Carta de jogar
7 Európio (s.q) Encolerizar. Gálio (s.q).
8 Calunias.
9 Tempo do verbo ir. Filtro. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia.
10 Época. Lantânio (s.q). Cobalto (s.q).
11 Restos mortais Levas à sirga

VERTICAIS:
1 **Rangifer. Lesto.**
2 **Tivera amor a.**
3 **Cidade de França. Pessoas notáveis na sua especialidade.**
4 **Que são do ar. Letra grega.**
5 **Carta de jogar. Boro (s.q). Tiras de fígado temperadas e fritas.**
6 **Barco de transporte nos rios de Goa. Jarro (planta).**
7 **Ruim. Basta! Além.**
8 **Enfadara. Átomo.**
9 **Cada um dos orifícios da pele (pl). Fundo de aguilha.**
10 **Introduzir. Ergue.**
11 **Lavras. Freguesia do concelho de Sabrosa.**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 854

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 A. VIDA. E UM	1 Ac PANORAMA
2 Cairo. Mapas	2 Eros Mim.
3 Missa.	3 Vimioso Ana.
4 Peia Aí. Não	4 Iriam Sacai.
5 Aromais Cru.	5 DOS Ab. Dada.
6 Nós. Ba Eu.	6 Saias. ro.
7 Osos. Safi	7 MAIS. Pa
8 Ad Piasi	8 Ea FINOS
9 Amaçar. Ga	9 PINCÉIS DO
10 Minado Dó	10 Uã. Aru Ag.
11 Amaia Isolo	11 Ms Ou. DIABO.

Provérbio: A VIDA É UM PANORAMA DOS MAIS FINOS PINCÉIS DO DIABO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9706

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Maarani. Par.	1 Macarrone.
2 Aalen. Merco.	2 AAA. Rosca.
3 Cairo. Reis.	3 Alicante. Al.
4 Taças.	4 Rer. Tão. Ana.
5 Reatávamos.	5 Anotas. Pior.
6 Nasal. Sãs.	6 Avaliara.
7 Orto. Lo.	7 Im. Cat. Crás.
8 Noé. Picados.	8 Eram. Caãs.
9 És. Aiara. Il.	9 Presos
10 Cânoras. Aa.	10 Aci Saloias.
11 Calaras. SSS.	11 Rosa. Sósias.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
PARADA DAS ESTRELAS
5ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 18 a.
AS INSACIÁVEIS

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS AVENTUREIROS DO FIM DO MUNDO
4.ª semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Int men. 13 anos
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
13.ª semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
–M. 12 anos
DUAS HORAS MENOS UM QUARTO ANTES DE CRISTO

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

14 - 16.30 - 19 - 21.30
Maiores 16 anos
A LUZ DA PAIXÃO
Às 24
GARDÉNIA, O INDOMÁVEL

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
Para todos
E.T. O EXTRATERRESTRE
Às 24
A VIOLAÇÃO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
UMA SOMBRA DE AMOR

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
SOLDADO AZUL
3.ª Semana

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. m. 13 anos
A MELHOR CASA DE PRAZER DO TEXAS

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
– Int. m. 13 anos
OS ESGOTOS DO PARAÍSO

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
62.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Int. m. 18 anos
VIVER SEM AMANHÃ

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– M. 13 a.
O AMANTE

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
– N. ac. men. 13 a.
POR FAVOR NÃO ME MORDA O PESCOÇO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30, 21.30
Não acons men. 13 anos
OURO
Com Roger Moore, Susannah York e John Gielgud

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
VERÃO ASSASSINO
Com Isabelle Adjani e Alain Souchou
3.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– Para Todos
OS MALUCOS ATACAM DE NOVO

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
STARFLIGH ONE (PERIGO NO ESPAÇO)
Com Lee Majors e Hal Linden

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

Às 14.30, 17.00, 19.10, 21.30 e 23.45
UMA MULHER DE SONHO
N. a. m. 18 anos

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
Com Richard Gere e Desra Winger
Um filme de Taylor Hackford

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– M. 18 a.
AS DEPORTADAS NO CAMPO NAZI

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
O IMPERADOR DOS BÁRBAROS c/Peter McCoy, David Jenkins e Marion Long

PATHE 821933

R. Francisco Sanches. 122

Às 14, 16.30 e 21.30
– Para Todos
ONDE SE METEU A 7.ª COMPANHIA?

UMA CENA DO FILME «AS IRMÃS» REALIZADO POR MARGARETHE VON TROTTA, EM EXIBIÇÃO NO QUARTETO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21
LOLA MONTES
Às 23.30
INSÓLITO DESTINO

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21
SERENATA À CHUVA
Às 23.30
VIAGEM FANTÁSTICA

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 13 a.
LADRÕES DO TEMPO
Às 23.30
ESTADO DE GUERRA

SALA 4
Às 14, 16, 18, 20 e 22
– N. ac. men. 13 a.
AS IRMÃS
Às 23.45
O IMPÉRIO DOS SENTIDOS

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Estreia às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
STARLIGH ONE (PERIGO NO ESPAÇO)
Com Lee Majors e Hal Linden

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
VIVER SEM AMANHÃ
Int. m. 18 anos

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 16 anos
GABRIELA
c/ Sónia Braga

SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
Maiores 12 anos
HEAT AND DUST (Verão Indiano)
c/Julie Cristie
9.ª Semana

SALA 3

Às 14.30, 18.15 e 21.15
– M. 12 a.
SOPHIE'S CHOICE

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
QUATRO AMIGOS
5.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
– M. 16 a.
GABRIELA
c/ Sonia Braga

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. a. m. 13 anos
UM DIFÍCIL ADEUS

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13.15, 15.30, 17.45, 21.30 e 23.30
SUPERMAN III
Para todos
Com Christopher Reeve e Richard Prym

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
Um filme de Taylor Hackoford
3.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
DUAS HORAS MENOS UM QUARTO ANTES DE CRISTO

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OS CAVALOS DE VALVEZ
c/Charles Bronson
1.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Os Aventureiros do Fim do Mundo», às 21.30 (13 anos)
ALFA-2 – «Bad Boys», às 21.15 (16 anos)
ALFA-3 – «Oficial e Cavalheiro», às 21.45 (18 anos)
QUINTETO – «Os Kiss e os Fantasmas», às 21.30 (13 anos)
RESTELO – «Pink Floyd, The Wall», às 21.30 (18 anos)
APOLO 70 – «Quatro Amigos», às 21.30 (13 anos)
CITY-CINE – «Por Favor não mexam nas Velhinhas», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL – «Os Esgotos do Paraíso», às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA – «A Viciosa Laura», (18 anos) Sessões permanentes
CINEMATECA PORTUGUESA – «A Revolução de Maio», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «Escravatura do Sexo», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
ROYAL – «A Fúria do Herói», às 21.30 (16 anos)
PROMOTORA – «O Último Combate», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «Prazer de Mulher», às 21.30 (18 anos)

Outra banda

ALMADA – Cine-Estúdio – «Excalibur», às 21.30 (13 anos)
COSTA DE CAPARICA – Silcine – «Decameron n.º 3», às 21.30 (18 anos)
ALMADA – Academia – «O Padrasto», às 21.15 (13 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «Turno da Noite», às 21.15 (18 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine-Plaza – «Ladrões do Tempo», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «O Grande Desafio», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «Pink Floyd», às 21.30 (18 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «A Diva e os Gangsters», às 21.30 (13 anos)

ERICEIRA – Cinestúdio – «A Montanha do Deus Canibal», às 21.15 (18 anos)

Linha de Cascais

SÃO JOÃO DO ESTORIL – Cinelândia – «Uma Ilha no Tecto do Mundo», às 21.15 (6 anos)
CASCAIS – Oxford – «Duas Horas Menos um Quarto Antes de Cristo», às 21.30 (12 anos)

Porto

ÁGUIA – «Pecados em Família», às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO – «Uma Pistola para Ringo», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «Os Campeões do Ringue», às 21.30 (16 anos)
PASSOS MANUEL – «Os Aventureiros do Fim do Mundo», às 21.45 (13 anos)
CHARLOT – «O Rei da Comédia», às 21.30 (6 anos)
BEBÉ – «Bairro da Lata», às 21.45 (13 anos)
SÃO JOÃO – «Oficial e Cavalheiro», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «O Conquistador», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «Jardineiro Assassinado», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L – «Na Calada da Noite», às 21.45 (13 anos)
BATALHA – «Gabriela», às 21.45 (18 anos)
FOCO – «Do Fundo do Coração», às 21.30 (12 anos)
LUMIÈRE-A – «Superman III», às 21.30 (6 anos)
RAIONE – «Victor, Victória», às 21.30 (13 anos)

teatros

Lisboa

COMPANHIA DE TEATRO DE SANTARÉM – «Escurial», às 21.30 (13 anos)
ABC – «Todos Tesos», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALTO DE SANTO AMARO: Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B (T. 637070); **ALVALADE: Brisália**, Av. Rio de Janeiro, 66-66-A (T. 882368); **AVENIDAS NOVAS: Fátima**, Av. 5 de Outubro, 147-A (T. 763107); **BAIRRO AZUL: Sírius**, R. Fialho d' Almeida, 38-A (T. 544000); **BAIXA: Silva Carvalho**, R. dos Fanqueiros, 124-126 (T. 873875); **CALHARIZ DE BENFICA: Rebocho**, R. Tenente-Coronel Ribeiro Reis, 12-B (T. 743871); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA: Serra**, R. Luís Cristino da Silva, lote 221, loja 123, Zona 2 de Chelas (T. 853720); **RADIODIFUSÃO - EX-EMISSORA NACIONAL: S. Nunes Simões**, R. do Quelhas, 1-3 (T. 661275); **LUMIAR: Alameda**, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **MERCADO DO CHILE: Corvo**, R. Ângela Pinto, 32-B-C (T. 549756); **XABREGAS - MADRE DE DEUS: Conceição**, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); **ALGÉS: Branco**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2112081); **ODIVELAS: Gonçalves**, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 915662); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO

ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Palma, Av. Duque d'Ávila, 25-31 (T. 547088); **BAIRRO ALTO - LORETO: Barreto**, R. do Loreto, 30 (T. 327284); **BELÉM: Bom Sucesso**, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454); **CAMPO D'OURIQUE: Pinheiro**, R. Campo d'Ourique, 135 (T. 686640); **CAMPOLIDE - SETE RIOS: Nova**, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); **ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: Avis**, Av. de Roma, 56-B-C (T. 895370); **LARGO DA LUZ - FRENTE AOS MENINOS DA LUZ: Gény**, R. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da E. da Luz (T. 780342); **OLIVAIS SUL: Fernandes Borges**, R. Dr. Aleixo Corte Real, lote 388, cruzamento com a R. Cidade de Bolama (T. 311091); **PENHA DE FRANÇA: Higiénica**, R. Heliodoro Salgado, 20-A (T. 844361); **PICHELEIRA: Luzmar**, R. João Nascimento Costa, 6 (T. 880703); **RATO - MARQUÊS DE POMBAL: Vieira Borges**, R. Alexandre Herculano, 28-30 (T. 40536); **BRANDOA - COLINA DO SOL: Vidal Reis**, Quinta da Correia, célula G, lote 35, Urbanização Aofornelos (T. 996540); **BURACA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. Prioras (T. 2519939).

Outra banda

ALMADA: Central, R. de Olivença, 11-B (T. 2750504). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE: Cerqueira**, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **BARREIRO: Normal**, Av. da República, 116 (T. 2073035). Permanente; **AMORA: Fonseca**, R. Ribatejo, 2-A, Cruz de Pau (T. 2211131). Até às 22 horas; **SEIXAL: Central**, E. Nacional, 9, Aldeia de Paio Pires (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. Camões, 16 (T. 2311133); **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137); **SETÚBAL: Costa**, R. Misericórida, 48. Permanente; **Brasil**, P. do Brasil, 14. Até às 22 horas.

Linha de Sintra

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até à 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. Moçambique, 18-C (T. 2437196). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta das Palmeiras, lote 24, r/c (T. 2478737). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777); **S. DOMINGOS DE RANA – Godinho da Silveira** – Av. Sabóia, 29-B (Tel. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Sembiano**, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**. Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Cruzeiro** (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 282407). Permante.

Linha de Cascais

AMADORA: Igreja, P. da Igreja, 22-A (T. 937740). Permanente; **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (T. 932485). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 9710231). Até às 22 horas; **QUELUZ: Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 951841). Até às 22 horas; **CAMARATE: Mendonça**, Apelação. Até às 19 horas; **CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693). Permanente; **MEM MARTINS: Quimia**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9214103). Permanente; **MERCÉS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**. Até às 22 horas; **SINTRA: Marrazes**, Estefânia (T. 9230058). Permanente; **COALRES: Abreja** (T. 9290088).

MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, lote 15 (T. 2519670). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 2530027). Até às 22 horas.

PORTO

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

GARANTIA, R. Fernandes Tomás, 696; **POMBEIRO**, Campo dos Mártires da Pátria, 152; **GUERRA**, R. Costa Cabral, 43; **INVICTA**, R. do Bonfim, 330; **ALVES DA SILVA**, Av. da Boavista, 1016

DE DIA E TODA A NOITE

FONTE DA MOURA, R. de Tânger, 1463; **SERPA PINTO**, R. Serpa Pinto, 645; **ANTAS**, Av. Fernão de Magalhães, 1076; **SANIL**, R. do Paraíso, 214; **SARABANDO**, L. dos Lóios, 36.

Coimbra

BAPTISTA, P. da República, 9-10 (T. 23747); **RAINHA SANTA**, R. Figueira da Foz, 11-B (T. 24737).

circular é viver.

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração Redacção Publicidade
e Serviços Técnicos.
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade. 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro. 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada. 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte. 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARES DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR

5.20	4,0 m	10.55	1,1 m
17.42	3,9 m	23.13	1,3 m
Dia 11			
6.01	3,8 m	11.36	1,4 m
18.25	3,6 m	23.53	1,6 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

VIANA DO CASTELO	15º
BRAGANÇA	9º
VILA REAL	11º
PORTO	16º
COIMBRA	16º
CABO CARVOEIRO	18º
PORTALEGRE	11º
LISBOA	15º
ÉVORA	14º
BEJA	14º
FARO	16º
SAGRES	–
PONTA DELGADA	18º
FUNCHAL	21º

tempo

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo: vento geralmente fraco de Leste; nebulosidade ou nevoeiros locais pela madrugada e manhã.

A COBRANÇA DOS RECIBOS de energia eléctrica do Porto, com tarifas três vezes mais caras, suscitou já a reacção do Movimento dos Pequenos e Médios Comerciantes e Industriais do Distrito do Porto, conforme documento hoje tornado público na capital nortenha. Diz o documento do Movimento dos PMCI do Porto que «a situação, agora, é escaldalosa: depois da Assembleia Municipal ter aumentado as tarifas de 1,40/kw para 3.55/kw, no início de Julho, no dia 4 de Agosto, o Conselho de Gestão dos Serviços Municipalizados do Gás e Electricidade decidiu aumentá-las de novo para 7,10/kw, o que significa que, no fim do mês, iremos pagar a 6 e 7 vezes mais que em Agosto». E esta medida não vem só – continua o documento – «nas últimas semanas não parámos de ser surpreendidos por sucessivas medidas governamentais: aumentos da taxa de juro, maiores dificuldades (ainda) no acesso ao crédito, manutenção (contra as promessas eleitorais do Governo) da Lei das Rendes e aumentos dos impostos sobre as despesas de representação».

QUATRO ASSALTARAM MOTORISTA DE TÁXI mas acabaram por ser presos pela PSP. Diogo Polónio, de 28 anos, Alcina Coelho, de 17; António Vieira, de 62 e António Silva, de 26, em Campo de Ourique o táxi conduzido por José Alves de Sousa, de 51 anos, para Belém. No entanto, aqui chegados mandariam seguir para Alcântara, onde o Silva roubaria a bolsa do motorista com documentos e 4750$00, ajudado pelo Vieira lhe encostava uma pistola ao peito.

Por causa de uma das piores secas do século

"Alerta Vermelho" em todo o território espanhol

A seca que atinge o Centro e o Sul da Espanha há quatro anos, é uma das mais longas que o país conheceu este século, indicou no domingo o Instituto Nacional de Meteorologia.

Mais de 2,5 milhões de pessoas são actualmente afectadas pelos efeitos da seca, que provocou restrições de água na maior parte das grandes cidades do Sul de Espanha, cujas reservas estarão esgotadas no fim deste ano se a situação não mudar.

Na província de Sevilha (Andaluzia), a rega das terras foi proibida, o que deixou à beira da ruína um certo número de agricultores e criadores de gado, cuja sorte, agora, depende apenas do céu.

Os criadores desembaraçam-se das cabeças de gado a preços irrisórios, devido à ausência total de pastos e do vertiginoso aumento dos preços dos alimentos para o gado.

420 localidades, onde vive mais de um milhão de pessoas, foram declaradas em estado de «alerta vermelho» em todo o território espanhol. 254 recebem água apenas cinco horas por dia, ao passo que 166 são abastecidas por cisternas.

Inúmeros transportadores privados, revezaram-se temporariamente no transporte do precioso líquido, que vendem a uma peseta o litro.

Nas zonas mais afectadas pela seca, o nível das barragens desceu brutalmente. Na província de Badajoz (Sudoeste), os reservatórios de água só a têm a 1,4 por cento da sua capacidade total, em Córdova (Andaluzia) a 6,7 por cento, em Saragoça (Nordeste) a 9,6 por cento, em Valência a 14 por cento (Sueste), em Granada a 19,4 por cento e em Sevilha a 20,4 por cento.

Algumas grandes fábricas petroquímicas do Sul do país, terão que fechar as portas se a seca persistir.

A capital espanhola não foi poupada e encontra-se ameaçada por restrições iminentes. As autoridades locais estudam actualmente duas possibilidades: cortes do serviço de água várias horas por dia ou um aumento muito substancial do preço da água para travar o consumo.

Em Madrid, as recomendações de poupança de água permitiram reduzir de 10 por cento o consumo de água em Julho e Agosto, em relação ao mesmo período do ano passado. Porém, a ausência de chuva e temperaturas muito elevadas para a época anularam praticamente as economias de água realizadas.

Nobel da Medicina atribuído a Barbara McClintock

Uma americana de 81 anos, sr.ª Bárbara McClintock recebeu hoje o Prémio Nobel da Medicina 1983, pelas suas descobertas das «estruturas móveis da massa genética».

A médica norte-americana é a terceira mulher dos Estados Unidos a receber o Nobel da Medicina. Antes, tinham sido recompensadas a sua compatriota Gerty Cori, em 1947, juntamente com o marido, Carl-Ferdinand, e com o argentino Bernardo Houssaye, e, depois, em 1977, Rosalyn Yalow, juntamente com outros dois americanos – Roger Guillemin e Andrew Schally.

Bárbara McClintock descobriu a existência das estruturas móveis na massa genética, há mais de trinta anos. O Instituto «Karolinska», que atribui o prémio, consideou que essas estruturas têm «uma importância fundamental para o nosso conhecimento da organização e da função da massa genética». O Instituto também indicou que as semelhanças com as descobertas de Mendel são «flagrantes».

A sr.ª McClintock é o 136.º laureado do Prémio Nobel de Medicina que foi concedido até hoje a cientistas de 19 países. Os americanos, galardoados muitas vezes desde 1944, são os mais premiados, tendo agora 57 laureados na especialidade, seguidos pela Grã-Bretanha (20), Alemanha (11) e França (8).

Identidade de agente morto no Afeganistão gera controvérsia

Steward Bodman, o «espião» britânico morto no Afeganistão no passado dia 1 de Julho, segundo Moscovo e Kabul, era um agente dos serviços de informação da Defesa americana, indica o semanário «Observer» na sua última edição enquanto o «Sunday Times» afirma que ele nunca existiu.

Steward Bodman nunca existiu e a fotografia mostrada na passada terça-feira na televisão soviética é a do médico francês Philippe Augoyard, capturado no Afeganistão em Janeiro último e libertado depois, afirma o «Sunday Times».

O jornal precisa que amigos do médico francês o reconheceram nesses documentos, «falsificados pelas autoridades soviéticas e afegãs, segundo o «Sunday Times», para embaraçar o Ocidente, quando decorria em Nova Iorque a 38.ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas».

Pelo contrário, o «Observer» publica um inquérito no qual indica que Steward Bodman trabalhava para os serviços de informação da Defesa americana no seio de um grupo de agentes que actuava no Paquistão e cujas actividades eram conhecidas dos serviços de informação britânicos «MI-6».

A maior parte desses agentes eram antigos soldados que tinham prestado serviço na unidade de elite dos serviços especiais aéreos (Special Air Service-SAS), estacionada em Hereford (Leste da Inglaterra), acrescenta o semanário.

Um êxito pessoal

Continuação da pág 1

fácil apagar os vestígios da dominação colonial no coração dos homens, varrer as superstições imperiais da mentalidade de um povo. Alguns políticos supunham que as críticas à «descolonização» tinham audiência. O povo veio à rua, saudar o presidente Samora Moisés Machel, mostrando, com grande entusiasmo, que compreendia o significado histórico da sua presença em Portugal e que aplaudia o novo rumo das relações de Estado, «relações de igualdade», entre Portugal e Moçambique.

O presidente Samora Moisés Machel conquistou simpatias, fez amigos e admiradores, mas à sua inteligência política não terá escapado que, para além do Portugal oficial, era o Portugal do Trabalho e da Cultura, trabalhadores, empresários, intelectuais, estudantes, e até «retornados» de Moçambique, que o saudaram com alegria, com entusiasmo, com respeito.

Se Samora Moisés Machel alcançou em Portugal um grande êxito pessoal, o Povo Português deu ao presidente da República Popular de Moçambique, para lá do acolhimento entusiástico, a ideia clara da maioridade política.

E se houve uma voz — a voz de um homem do Governo PS-PSD — a deplorar, sem elegância moral e sem responsabilidade política, a «sangria dos dinheiros portugueses para Moçambique», o Portugal popular deu a sua adesão à política de cooperação e de amizade, à política de Abril.

Samora Machel em Tancos

Continuação da pag 1

Saudado à sua chegada pelo almirante Silva Horta, em representação do Presidente da República, pelo brigadeiro Almendra, comandante das tropas páraquedistas, e pelo coronel Lousada, comandante da unidade, Samora Machael, ao som da fanfarra, depôs uma coroa de flores no monumento aos mortos páraquedistas, após o que assistiu ao desfile de um batalhão composto por duas companhias e a um «briefing» militar.

O presidente Samora Machel regressou a Lisboa ao princípio da tarde, dirigindo-se para um almoço íntimo com o Primeiro-Ministro, Mário Soares, no Palácio da Vila de Sintra.

Hoje de manhã, antes de deixar Guimarães, Samora Machel e a esposa visitaram os Paços do Duque de Bragança, onde tinham pernoitado, e dirigiram-se depois para o Estádio Municipal, de onde partiu o helicóptero que os conduziria a Tancos.

Para hoje, outra alteração ao programa oficial: uma audiência com as personalidades signatárias do acordo de Lusaca: Mário Soares, Almeida Santos e Otelo Saraiva de Carvalho.

Este tipo de alterações verificar-se-á também no programa de amanhã onde foram incluídas audiências com uma delegação da direcção da Associação 25 de Abril e com representantes dos partidos com assento no parlamento, CDS, PCP, e PSD, não estando incluído o PS dada a função dupla, de Primeiro-Ministro e secretário-geral socialista, de Mário Soares.

Dia do Barreiro

Com uma sessão solene, efectuada à noite, foi ontem comemorado o Dia do Barreiro, na Sociedade Recreativa «Os Penicheiros».

Durante a sessão, muito concorrida, foi prestada homenagem a todos quantos, no Barreiro, se distinguiram nos sectores do trabalho, das actividades económicas, nas artes, no desporto, em iniciativas sociais etc.

Foram também distinguidas com galardões colectividades que completaram 25 e 50 anos de existência.

A medalha de ouro da cidade («Barreiro reconhecido») foi atribuída a João Caeiro, operário; Manuel Raposo de Oliveira, gerente industrial; Vitalina Machado, velha militante antifascista; Manuel Cabanas, artista plástico; Francisco, glória do desporto barreirense; e João Azevedo do Carmo, dinamizador de estruturas de carácter social.

Chantagem num caso de droga leva a sequestro frustrado

Um jovem de 27 anos esteve sequestrado seis dias por um traficante de droga que pretendia obrigar o pai do sequestrado a pagar 400 contos, correspondentes ao estupefaciente que lhe fornecera.

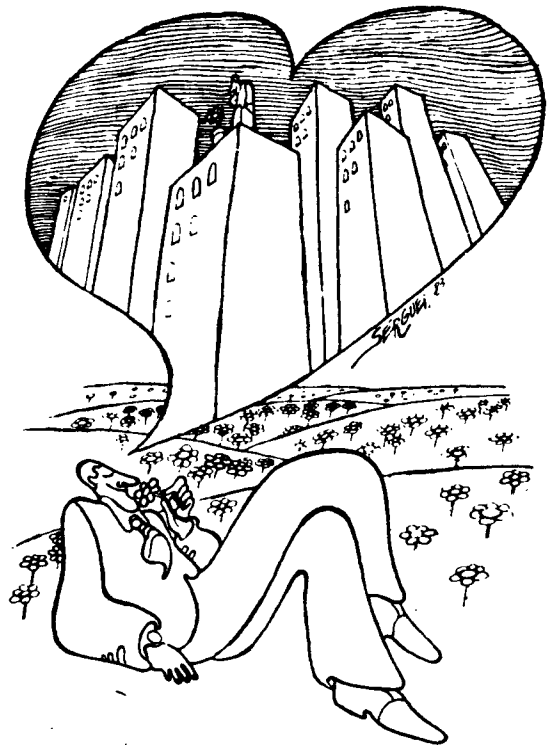
O rapto efectuou-se no dia 1 do corrente mês quando o fornecedor da droga, o espanhol José Olmes, de 29 anos natural de Valência, encontrou Fernando da Costa, de 51 anos a quem fornecera a droga sem receber o dinheiro combinado. Perante a exibição de um revólver de calibre 32, equivalente a 9 milímetros, e de alguns disparos feitos pelo espanhol, o Fernando Costa terá fugido deixando no local seu filho Carlos, que logo foi apanhado como refém.

BEM-VINDO TOURS
VIAGENS · TURISMO
TAÇA DOS CAMPEÕES
BENFICA
Olympiakos (Pireu)
PARTIDAS:
17 a 20 OUT. (4 dias)
16 a 20 OUT. (5 dias)
GRÉCIA E TURQUIA
— ATENAS E ISTAMBUL —
16 a 23 OUT. (8 dias)
Cruzeiro às ilhas
HYDRA/POROS/AEGINA
Informações e inscrições:
AGÊNCIA DE VIAGENS
BEM-VINDO TOURS
RUA DO SALITRE, 135
TEL: 541229/34/56 · 541160
TELEX: 43469 · 1200 LISBOA
COM ESTACIONAMENTO NO PARQUE DO SALITRE

MADEIRA
1 SEMANA
TODOS OS DOMINGOS
AIR PORTUGAL
Todas as segundas, quintas, sextas e sábados de JUL a OUT
PORTO SANTO
PARTIDAS SEMANAIS
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
PEÇA NOS PROGRAMA DETALHADO
DESDE 1840
abreu
LISBOA Avenida da Liberdade 160 Tel 371341
LISBOA · Avenida de Roma, 66 B Tel 803609
ALMADA · Rua de Olivença, 9 C Tel 2756272
PORTO · BRAGA · COIMBRA · FARO · PORTIMÃO · FUNCHAL

Sete Ponto Sete

Manhattan



Pág. 3

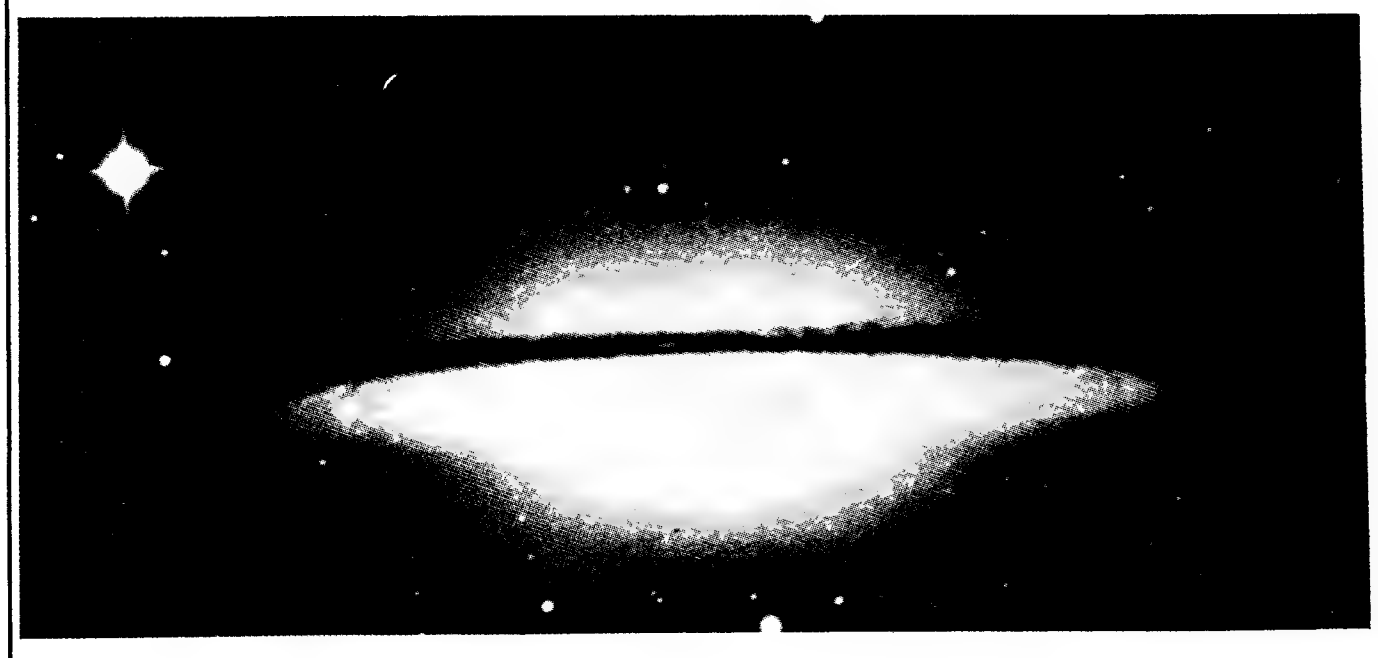
A cabala: uma espiritualidade judaica

Pág. 4

Responsável de edição, João Mendes.
Correspondência, «Diário de Lisboa»/Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa

Ensino

Das ciências físicas à ficção científica



Jacqueline Brenasin

Dominique Davous

Yvan Simon

Para muitos estudantes actuais, ciência é igual a abstracção. O ensino das ciências, tal como está a ser ministrado nas escolas particulares e nos liceus — e nas Universidades também, aliás — é na generalidade demasiado formal e dogmático para que os estudantes se interessem pelas ciências físicas. Um aluno do liceu aberto ao mundo exterior não vê qualquer relacção directa entre o ambiente que o cerca e as matérias que lhe são ensinadas. Quando entra na universidade, o estudante de medicina «sabe» já que a física e a química não lhe irão servir para nada. Esta impressão de inutiilidade e de tempo perdido, confirmado logo que entra na vida activa, diz respeito ao engenheiro tanto quanto ao médico. As críticas ao ensino, que só poupam os últimos anos de uma formação profissional especializada, são raramente escritas ou expressas publicamente, mas são feitas com veemência e simplicidade em privado — «Já esqueci tudo», «Tudo aquilo não servia para nada». Nestas condições, o profissional, a única virtude que reconhece aos seus diplomas é a de lhe terem aberto a entrada na profissão. Os alunos do liceu e os professores, que conhecendo o facto o aceitam ou a ele se resignam, criaram o hábito de se dedicarem mais às técnicas de exame do que ao método científico.

Esta tendência geral para o dogmatismo e a abstracção ultrapassa aliás o campo do ensino. Verifica-se aí um fenómeno social a que não é sem dúvida estranho um desprezo profundo — e inconfessado, por inconfessável — em relação ao trabalho manual e à experimentação. A experiência de ensino actual demonstra, infelizmente, como é possível, evocando objectos muito concretos e descrevendo experiências sem cálculos, isolar, progressiva e inconscientemente, as realidades experimentais e perder o exercício do bom senso. Tudo se passa como se as ciências físicas se estivessem a transformar numa espécie de ficção científica com as suas regras literárias e as suas convenções, onde é possível definir as leis da natureza e a verosimilhança experimental apenas jogando com objectos reais.

Mal entendidos e Ilusões

A questão que todos nós, físicos, químicos, biólogos e psicólogos devemos pôr em conjunto, no secundário e no superior é saber como foi possível chegar a este resultado depois de dez anos de ensino. É verdade que num tal contexto é difícil reconhecer o papel que as ciências fundamentais podem, e devem, desempenhar na formação dos médicos. Além do mais toda a discussão séria sobre este assunto acaba por ir de encontro a preconceitos profundamente arreigados.

A aproximação abusiva — se não chega mesmo a ser confusão — entre a matemática e a física é facto corrente. Confunde-se matemática e cálculo. Físicos e matemáticos têm muitas outras preocupações além da de calcular; e o biologista também tem que calcular. A distinção que se faz geralmente entre ciências mais ou menos fundamentais ou mais ou menos exactas não nos parece pertinente. Há, pelo contrário, entre a matemática e as outras ciências um abismo de que os alunos que chegam à universidade parecem não se aperceber: a física, a química, tal como a medicina e mesmo a psicologia, têm entre elas um ponto comum muito importante (que as deveria unir e não opôr): são as ciências experimentais.

Ouve-se dizer frequentemente que o ensino da física e da química é actualmente proeminente no primeiro ciclo dos estudos de medicina e que as provas correspondentes são decisivas para a admissão no segundo ano. Este argumento é no entanto errado. Nós sabemos que, suprimindo ficticiamente as provas de física e química, a classificação dos concursos não sofreria grandes alterações. Um estudo feito no C.H.U. Broussais – Hotel — Dieu e publicado em 1979, tentou apresentar mais precisamente o papel de cada uma das seis provas do concurso, desde a física à histologia. Os autores simularam num computador quais seriam as classificações do concurso de 1977 se fossem eliminadas, sucessivamente, cada uma das seis provas que o constituiram. Verificaram, por exemplo, que se a prova de química não tivesse sido contada, haveria apenas doze casos de inversão entre pares «colados» nos cento e noventa e dois candidatos admitidos. Note-se ainda, que essas alterações se teriam verificado entre os últimos classificados do conjunto. Ressalta de aqui claramente que nenhuma das matérias é mais selectiva do que outra: os duzentos melhores em física são também os duzentos melhores em histologia.

Diz-se ainda que o concurso actual favorece «os estudantes vindos das secções Ce D e proíbe a medicina aos que, alguns anos mais cedo, escolheram uma formação mais literária». É certo que actualmente a maioria dos estudantes dos segundo ano vêm das secções Ce D. Informados desta situação, muitos dos alunos do liceu e os seus familiares, concluíram que é absolutamente necessária uma formação matemática aprofundada para ter êxito no concurso. Ora o conteúdo do programa de matemática das classes terminais da secção D é largamente supérfulo. Se os alunos da secção C têm realmente mais êxito do que os restantes, isso não se deve aos seus conhecimentos de matemática mas sim a toda a série de outras qualidades — memória, concentração intelectual, espírito lógico, rapidez, resistência física, organização de trabalho... — que são precisamente as que servem de base para a sua selecção, certa ou errada, no terceiro. Já há uns trinta anos atrás estes alunos seriam orientados para as secções «latin-sciences». Muitos dos mal-entendidos e das ilusões por parte dos médicos que antigamente receberam uma formação literária provêm, sem dúvida, de eles não se terem apercebido desta evolução. Hoje em dia os literatos encaminham-se para as secções C e D, entre os literatos, os que se destinam à medicina não são os menos dotados. Se se deseja recrutar futuros médicos em secções não científicas seria necessário, antes do mais, renunciar a esta pré-selecção no ensino secundário, e que ela passasse a ser feita no terceiro ou no final, o que seria, aliás, a nosso ver, absolutamente compatível com o ensino das ciências físicas para os médicos.

Um Novo Obscurantismo?

De uma maneira geral seria necessário, continuando a manter-se actualizado, comunicar ao futuro médico o espírito de descoberta e a visão de conjunto que eram apanágio do naturalista — no sentido lato — do século XIX. Em 1830/1840 o físico e o médico, tantas vezes confundidos, debruçavam-se sobre os mesmos problemas fundamentais. Poiseuille, cujo nome se encontra em todas as obras de hidrodinâmiuca, era médico e para compreender a circulação sanguínea estudou o deslocamento de um fluido em canalizações cilíndricas...

No aprofundamento das especialidades imposto pelo progresso científico que marca o século XX há o risco de se perder de vista que a matéria viva obedece também às leis da física e da química. No seu livro «Molecular Biology of the Gene» — 1970 — James D. Watson, prémio Nobel da Medicina em 1962, intitula o segundo capítulo «As células Obedecem às Leis da Química» e anota o facto de que, ainda em 1940, havia orientaões científicas que apontavam exactamente para o contrário. Não dar à química o lugar que ela merece no ensino da medicina, ou ainda, não coordenar o ensino da química com o da biuoquímica, corresponderá a esconder dos alunos uma unidade de pontos de vista que os investigadores químicos e bioquímicos tiveram dificuldade em aceitar. O isolamento das especializações no ensino poderá conduzir a uma nova forma de obscurantismo.

A Aprendizagem de um método

Toda a gente está de acordo em pensar que a biologia é bem uma ciênia do final do século XX. O desinteresse que de tal facto resulta para as ciências mais antigas não deveria vir a servir de pretexto para quererem diminuir-lhe a importância. Mesmo que não sejam de esperar na física e na química descobertas fundamentais, mesmo que se admita que elas deixaram de representar a investigação de ponta, não há qualquer dúvida de que, entre todas as ciências experimentais, entre todas as ciências da matéria, a física e a químiuca, devido à sua grande maturidade, mantêm um papel formativo essencial em todo o ensino científico e na iniciação à investigação. Neste sentido, o que é de esperar das ciências físicas no ensino, não são os conhecimentos acumulados nem um formulário sistemático mas, acima de tudo, a aprendizagem de um método: o exercício de um raciocínio lógico e crítico diante de uma situação experimental, a elaboração de um modelo, a confrontação modesta entre a teoria e os resultados experimentais .

O problema de fundo parece-nos ser o seguinte: será ideal dar uma bora formação científica e, simultaneamente, fazer uma selecção baseada nas qualidades humanas? Não será possível conseguir que os médicos venham a ter essas qualidades apenas por acaso? Na prática o que é que se poderá fazer? Se no concurso forem incluídas provas teóricas de ciências humanas, de informática e de estatística acabaremos por recrutar, segundo o que pensamos, os mesmos candidatos. Parece-nos difícil seleccional aos dezoito ou vinte anos aqueles que verdadeiramente têm a «vocação», a «estabilidade emocional» ou os que são «vocações-natas». No entanto, uma vez que só a experiência o virá a demonstrar, não somos contrários à opinião de alguns dos CHU que jogam na carta das ciências humanas. Mas isto sob condição de que seja deixada aos CHU autonomia suficiente para escolherem a orientação do seu concurso e manterem um ensino científico se assim o desejarem.

Nós não nos opomos às ciências humanas em si próprias. Somos é contrários à ideia de introduzir as ciências humanas como um remédio às ciências fundamentais e não como o seu complemento.

Porque é que não havíamos de ser, como outros quaisquer, sensíveis às qualidades humanas do nosso médico?

(Le Monde)

Sociedade

A minha aldeia em Manhattan

Nicole Bernheim

Ninguém mora em Nova Iorque. Mas todos os nova-iorquinos têm uma pátria, a que é delimitada pelo drugstore da esquina, a pizzeria e o chinês. Não será mais do que um mito o tão falado anonimato das metrópoles?

É uma aldeia, mas uma aldeia vertical de quatro torres de trinta e sete andares cada uma, à beira do East River. Uns quatro mil habitantes, na sua totalidade. Uma pequena vila à escala europeia. Em Nova Iorque é um bairro.

Construída onde dantes havia velhos armazéns, não longe da ONU, cuja edificação transformou há trinta anos um dédalo de matadouros e de casas miseráveis em área altamente «residencial», Waterside Plaza tinha que conseguir uma identidade.

Há, com efeito, em Nova Iorque uma intensa vida de bairro. Para não se perderem na grande cidade, as camadas sucessivas de emigrantes aglutinam-se por origem étnica, dispostos a dispensar-se quando a prosperidade chegar. É a razão porque eu Little Italy, que foi importante no Lower Manhattan do princípio do século, se estiolou hoje entre uma cidade chinesa em plena expansão e o Soho, colonisado por artistas endinheirados. Enquanto os chineses iam chegando, cada vez mais, e os velhos ateliers do Soho se transformavam em **loftsi,** os italianos subiam a escala social e emigravam para o norte da cidade.

Waterside Plaza, nascida há oito anos de uma ideia de arquitectos, arriscava-se à perda de prestígio das cidades novas. Mas o espírito de bairro, tradução metropolitana do espírito comunitário tão caro às pequenas cidades americanas, estava alerta. E assim, Waterside tornou-se uma aldeia.

A Plaza é o centro da vida local. No Sloan's, o supermercado caverna de Ali Baba, é mais fácil encontrar o vizinho do que no elevador. Os snobs compram os frutos e os legumes no «Coreano da Segunda Avenida» e os queijos na **deli** (delikatessen) da Terceira. Mas, para as almas simples, o Sloan's tem todas as provisões necessárias à sobrevivência.

Ao lado do Sloan's há Andreas, o cabeleireiro greco-cipriota que tem talento e ideias de esquerda: em 1980 votou por Ted Kennedy até que o adversário de Jimmy Carter renunciasse à sua corrida presidencial. Depois do que votou em Reagan por achar que «**tudo menos Carter**». Em tempos tinha-me prometido uma mise-en-plis gratuita se Carter fosse eleito. Se fosse batido eu pagava o dobro. Mas Andreas é um gentleman e limitou-se a consentir que eu lhe oferecesse um café.

Na Plaza também há o Ted que vende jornais, cartões de boas-festas e tudo o que pode evitar ter de se ir à cidade, desde a pasta de dentes aos collants, passando por calculadoras de algibeira e chávenas de chá. «**É só pedir**», eis o slogan de Ted.

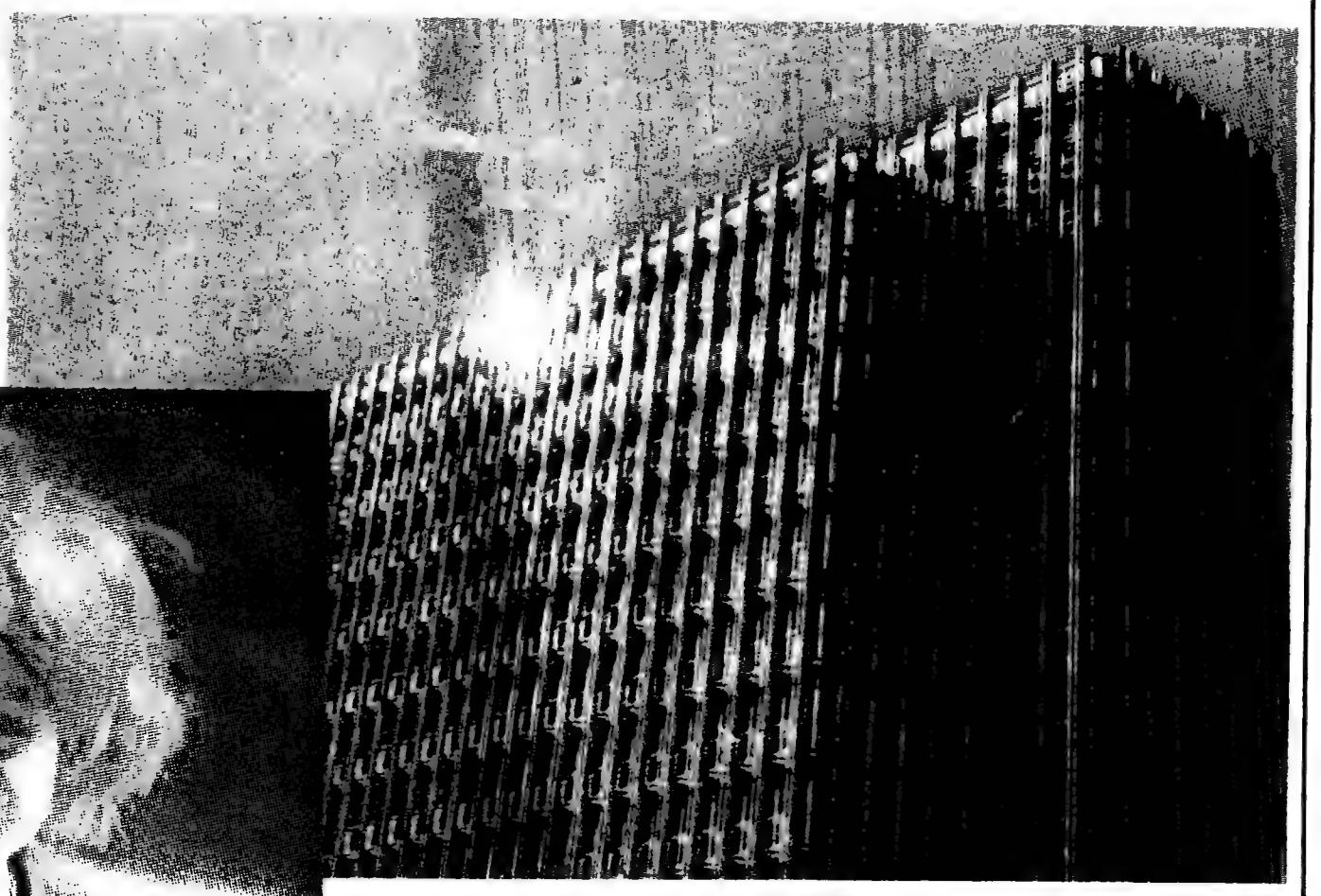
A querela da Plaza

O vendedor de vinhos e licores tem vinhos californianos, portugueses, franceses ou chilenos. Há a taberna do Nick onde as pessoas se encontram ao domingo para o «brunch» de ovos mexidos ou à noite para uma «pasta» acompanhada à guitarra, está ainda a patinagem em gelo e uma minipiscina mais própria para alimentar as bisbolhotices ou desenferrujar as articulações da terceira idade do que para grandes provas de campeões. Sem falar da bateria de máquinas de lavar e secar do nível B, que é o último salão onde se conversa.

Houve a grande discussão da Plaza, um grande espaço livre mesmo necessário arranjar uma maneira de evitar que as bolas fossem bater na montra do Sloan's ou nas pernas dos calmos reformados. Grave debate para a poderosa associação dos inquilinos.

A associação é um autêntico conselho municipal que publica um boletim mensal, gere as actividades da «vila», estuda (de perto) os problemas de segurança, e luta de igual para igual com o organismo proprietário sempre que há aumento no aluguer. Graças à combatividade deste agrupamento, os aumentos têm sido muito modestos numa cidade onde os preços das casas aumentam vertiginosamente.

A associação dos inquilinos também se encarregou muito seriamente dos problemas de segurança, omnipresentes em Nova Iorque, especialmente num bairro situado um tanto à margem dos grandes eixos de circulação. O Plaza é pois vigiado por guardas de uniformes rutilantes, sempre atentos aos agressores, aos transístores barulhentos, aos patinadores de rua ou aos desconhecidos esquisitos. Ao cair da noite fecha a entrada em East River. À meia-noite entra-se directamente nas torres passando pela casa do **doorman** (guarda).



de onde se vê o East River, por onde passam, no Verão, grandes veleiros de madeira, à antiga, que se dirigem às Caraíbas e no Inverno, grandes rebocadores e algumas lanchas com lixo. A pedido (ao que parece), de uma maioria de habitantes, foram postos na Plaza canteiros de flores, árvores e alguns bancos. Eu era contra mas devo confessar que os bancos passaram a ser a felicidade dos amantes do sol e dos reformados da torre 40, cujas rendas são em parte subvencionadas pela cidade.

Waterside tem bandos de crianças, sem dúvida porque fica perto da Escola das Nações Unidas mas também por oferecer uma área para brincar que é rara em Nova Iorque. Foi

Doormen

Ah, esses **doormen** sem os quais Nova Iorque não seria aquilo que é... Eles são ao mesmo tempo armas dedicadas, criados atentos, diabolicamente eficazes, humoristas sem nunca deixar de ser respeitadores, discretos como túmulos. Há quatro **doormen** por edifício. Mudam de seis em seis horas e, sem dúvida alguma, sabem tudo de toda a gente. Não fazem, porém, confidências sobre nenhuma das suas ovelhas.

Nos edifícios ricos, os **doormen** são geralmente de raça branca ou então muito pretos (e muito elegantes no seu uniforme). Em Waterside são um meio-termo, e quase todos naturais das Caraíbas. Na minha Torre há George, que nasceu em Porto Rico e gosta de falar espanhol; Sylverio, natural da Jamaica e com forte pronúncia britânica; Ricky, um índio de Tobago; e o guarda da noite, que é um senhor muito simpático, branco e muito distinto que foi ali parar não se sabe porquê.

A associação dos inquilinos também gere as «actividades» e deixa florir o génio inventivo de uma comunidade étnica profissionalmente heteróclita. Há clubes de yoga, de tecelagem, de dança (clássica e moderna) de jardinagem, de cozinha, de «meditação», visitas organizadas à cidade, conferências para os pais sozinhos com filhos pequenos, passeios de reformados. A associação apelou recentemente para os numerosos locatários que pertencem às profissões médicas para instituir uma permanência de socorros de urgência. O «clube das mulheres estrangeiras» organiza pausas-café para as esposas de diplomatas da ONU, que se sentem perdidas ao chegar à grande cidade.

CABALA: uma espiritualidade judaica

A palavra «cabala» e os seus derivados adquiriram na história da nossa língua um sentido pejorativo: «Intriga, conluio, conjuro, arte e cálculo supersticiosos», diz o Moraes. Contudo, o sentido original do termos era nobre e elevado. Esta injusta evolução semântica deve-se certamente às dificuldades sentidas nos meios profanos para imaginar em que consistiria, afinal, a cabala. Entretanto, um conjunto de estudos sérios e acessíveis colocaram ao alcance dos interessados a natureza desse grande movimento místico, a sua história, os seus desenvolvimentos inesperados. Seria vão pretender condensar em algumas linhas a rica substância de tais trabalhos, mas vale a pena inculcar no leitor a curiosidade por conhecê-los, lembrando em traços resumidos o que foi a cabala.

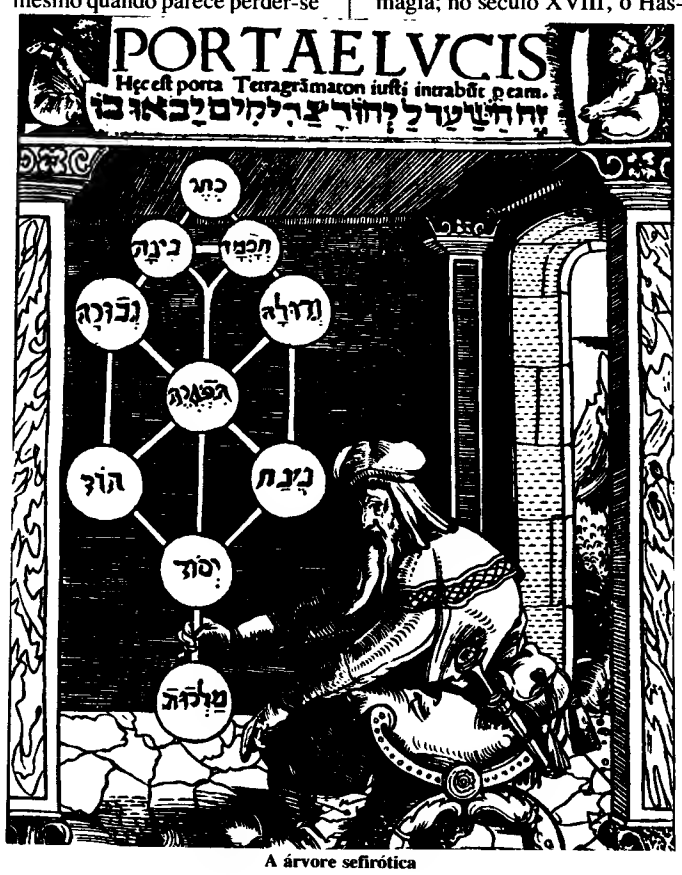
Caracteres gerais

Etimologicamente, a cabala é uma «tradição» composta de dois movimentos inversos: por um lado, é uma revelação pela qual Deus se aproxima do homem; por outro lado, uma adesão do homem que aceita a mão estendida de Deus e se esforça por se elevar até ele. Os dois movimentos coincidem num encontro místico onde o adepto da cabala, sempre sensível ao aspecto experimental dos fenómenos espirituais, diz-se que saboreia um «gosto de Deus». Semelhante fórmula descreve bem a intimidade do Contacto; porém, por mais imediato que se suponha, este contacto nunca é representado como uma confusão de substâncias, já que a cabala, ao invés de algumas outras escolas místicas, conserva um sentido extremamente vivo da transcendência divina.

A reação do homem com Deus nunca se abstrai do mundo e a salvação pessoal apresenta uma dimensão cósmica. Ansiosa por regressar a Deus, a alma é retida pela travessia de sete palácios, guardados por porteiros hostis que ela deve desarmar com uma palavra-senha, com um nome secreto. Uma representação tão singular mostra quanto a cabala deve às especulações gnósticas, conforme demonstrou M. G. Scholem numa obra clássica (1). Obstáculo à salvação da alma, nem por isso o mundo deixa de estar em si próprio prometido à salvação, já que não é propriamente o resultado de uma criação, nem de uma emanação, mas antes o fruto do «exílio» de Deus no seio da matéria sob a forma de breves raios de luz que, no fim dos tempos, regressarão à sua origem infinita. Cabe ao homem, pela ciência e prática da cabala, arrancar ao tempo essas chispas de eternidade, garantindo o regresso do universo à sua matriz.

Tradição principalmente oral, a cabala é diferente da lei escrita ou Tora, não deixando, contudo, de se basear na Escritura, sobretudo em dois textos a que atribui importância fundamental: a narrativa da criação e as visões de Ezequiel, que não são interpretadas à letra, mas magnificadas pela interpretação alegórica: «Maldito seja o espírito para quem as histórias da Escritura só têm um sentido literal», lê-se no **Zohar,** principal livro da cabala; basta abri-lo na primeira página para logo encontrar um gracioso esboço dessa exegese espiritual: «Rabino Hizkia iniciou a conferência. Está escrito: **Tal a rosa entre os espinhos.** A **rosa** o que é? O povo de Israel. Assim como a rosa é vermelha ou branca, assim o povo de Israel vive umas vezes debaixo do rigor, outras sob a Clemência.» Em boa verdade, raramente é tão simples a leitura alegórica da Bíblia; mas o cabalista, mesmo quando parece perder-se em indescritíveis subtilezas, permanece fiel a uma geral aspiração, que é a de reviver os grandes episódios da Escritura (os seis dias da Criação, a fuga do Egipto, a luta de Jacob com o Anjo, etc.) como se fossem experiências psicológicas pessoais.

Seria necessário começar por sublinhar alguns aspectos comuns a todas as formas da cabala. É impossível, todavia, cingirmo-nos a uma descrição desligada da história (2). Com efeito, desde as suas origens arcaicas (fazem-na remontar a Moisés, e até mesmo a Adão), o movimento deu lugar a inúmeras representações diferentes e também a alguns desvios. Num agradável livrinho (3), M. G. Casaril atraiu outrora a atenção sobre a figura de um Rabino do século II da nossa era, contemporâneo das perseguições contra o nacionalismo judaico por parte dos imperadores de Roma: Simeão bar Yochai, considerado o inspirador longínquo do **Zohar.** Tendo em conta a grande divisão do povo judaico em Sefarades (bacia mediterrânica) e ashkenaz (Europa Central), pode-se dizer que a cabala na sua pureza de matiz aristocrático e intelectual, tem mais a ver com o primeiro grupo, ao passo que o segundo a inclinou num sentido mais ingénuo e popular. Este desvio produziu-se por acção de duas grandes escolas: no século XVI o Lurianismo prefere ao aspecto especulativo da cabala a sua realidade vivida na liturgia, a ascese e também a magia; no século XVIII, o Hassidismo abre ao povo miúdo o acesso à tradição mística e consigna a sua experiência religiosa em contos célebres que são outras tantas obras-primas da literatura judaica. Mas a voz mais autêntica da cabala foi na Idade Média que se fez ouvir, época em que, tal como a escolástica cristã, atingiu o apogeu.



A árvore sefirótica

A idade de ouro da cabala

Quer seja, como ainda por vezes se julga, uma recolha de antigas tradições remontando ao Rabino Simeão, quer se deva atribuí-lo, segundo Scholem, a um único autor, o espanhol Moisés de Leão, o **Zohar,** documento essencial da cabala, data, na sua forma actual, do século XIII. Instala-se à partida na vida íntima de Deus, supondo dominados os meios de aceder ao seu conhecimento: mais do que uma pedagogia espiritual, trata-se, portanto, de uma «teosofia».

É, pelo contrário, a aproximação de Deus que na mesma época inspira o esforço magistral do navarro Abraão Abulafia, que se propõe o objectivo de «libertar a alma, cortar os nós que a amarram» à matéria. Para esta libertação, nenhum socorro oferece a contemplação do mundo sensível, que apenas propõe à percepção objectos particulares, cada um deles prendendo a atenção exclusivamente à sua própria existência; só um objecto de meditação muito abstracto é, portanto, capaz de não afastar de Deus a consciência humana. Abulafia pensa encontrar esse objecto privilegiado nas letras do alfabeto hebraico que formam o nome divino; daqui resulta uma teoria da contemplação mística das letras, da sua combinação e permuta, que se aparenta — observa o próprio autor — à ciência da harmonia musical, ou seja, a um «sistema de contraponto místico», segundo a fórmula de Scholem.

De inspiração racionalista, como o seu mestre Maimonides, Abulafia limitava esta mística das letras a um uso simples e lógico, mas compreende-se que o sistema, com os seus sucessores, tenha facilmente deslizado para a magia e manipulações «cabalísticas».

Seja como for, Abulafia preconizava, como preparação para o extâse, algumas técnicas originais. Uma delas recorria à posição do corpo e ao controlo da respiração; para elaborar este «tratado de ioga judaizado» (Sholem), Albulafia usou certamente algumas discipilinas da Índia, que deve ter conhecido por intermédio de certos místicos muçulmanos. Um outro processo fazia intervir a associação de ideias, que através de «saltos» sucessivos duma esfera do pensamento a outra esfera mais vasta, permite alcançar, por repetidas aproximações uma espécie de união extática.

Alegoria da Cabala

Por estes simples traços, adivinha-se a importância excepcional de Abulafia. Mas se é verdade que ele se destaca, muitas outras figuras quase desconhecidas, permanecem na sombra, à espera de quem as traga para a luz e revele a sua real estatura. M.G. Vajda, com a sua última obra (4), conquista esse mérito considerável. O seu propósito era focar a reacção anti-intelectualista que o esoterismo judaico dos séculos XIII e XIV opôs ao racionalismo, considerado excessivo, do filósofo judeu Maimonides e do filósofo árabe Averrois. Deste movimento, Vadja extraiu dois episódios essenciais. O primeiro põe em confronto duas personagens: o teólogo Samuel Ibn Tibbon, que se dedicava a promover uma concordância bastante artificial entre o testemunho da Bíblia e a imagem do mundo própria da filosofia pagã; o cabalista Jacob Ben Seset, que se insurge contra esse acordo acomodatício e substitui a cosmologia filosófica por uma cosmologia propriamente cabalística. O segundo episódio está centrado na figura de Josef Ibn Wagar; este autor não desconhecia as divergências que separam a cabala da filosofia, no que diz respeito à estrutura do universo. Contudo, não as julgava inultrapassáveis: mesmo que o seu propósito confesso fosse «inclinar a favor da cabala», pensava tornar o prato mais pesado introduzindo naquela doutrina mais racionalismo do que ela podia comportar e esbatendo-lhe o aspecto teosófico.

A cabala cristã

Um dos últimos avatares da cabala aparece na utilização que dela fizeram alguns cristãos da Renascença; esta «cabala cristã» acaba de ser objecto de um estudo de M.F. Secret (5) que se impõe pela sua riqueza e densidade, pela massa de documentos raros que manipula. No final do século XV, quando os judeus foram expulsos de Espanha pelos reis católicos, alguns deles encontraram refúgio em Itália, introduzindo-se nos círculos de humanistas que eram o ornamento da maioria das cortes, icluindo a corte pontefícia. Foi o caso de Elias del Medigo em Florença, onde soube ganhar para o estudo do **Zohar** espíritos tão brilhantes como Pico de la Mirandola e Marsílio Ficino. Outros numerosos humanistas vieram a interessar-se pela literatura cabalística: ainda na Itália, Paulo Rici e o cardeal Giul de Viterbo; na Alemanha, João Reuchlin; Paracelso, na Suíça e na França, Guilherme Postel.

A que circunstâncias atribuir este sucesso, que não deixa de ser surpreendente, do pensamento cabalístico junto dos meios cristãos da Renascença? O apetite de saber e a atracção do desconhecido devem entrar em linha de conta, e também a afinidade da cabala com a magia, a astrologia, a alquimia, a

Sai de uma só vez em c

... de Raimundo Lúlio, enfim, com a «filosofia oculta», tão em voga na época, e tal foi sem dúvida a motivação de um Paracelso. Mas há uma outra razão, simultaneamente mais elevada e mais ingénua, avançada com frequência pelos próprios humanistas: eles gabavam-se de descobrir na cabala todas as grandes verdades cristãs. Trindade, Encarnação, Redenção: banalizados pela teologia tradicional, os dogmas chegavam a parecer-lhes mais excitantes naquela apresentação insólita. Por outro lado, o cristianismo latente dos cabalistas dava aos cristãos — pensavam eles — armas contra os próprios judeus. Estas intenções apologéticas são frequentemente confessadas por Pico de la Mirandola. Como F. Secret evidenciou, encontram a melhor formulação na pena de Rici, que justifica assim o título da sua obra **O Sal da Aliança**: «O objectivo deste ensaio e proteger a santa religião cristã contra as calúnias dos judeus com a ajuda do espírito, confirmando-a pela inteligência da cabala, a fim de devolver à religião o seu sabor».

NOTAS

1 — **Les Grands Courants de la mystique juive,** Payot.
2 — Como fez por exemplo A. Safran, **La Cabale,** Payot.
3 — **Rabbi Siméon bar Yochai et la Cabale,** Editions du Seuil.
4 — **Recherches sur la philosophie et la Cabale dans la pensée juive du Moyen Age,** Mouton.
5 — **Les Kabbalistes chrétiens de la Renaissance,** Dunod.

E. S.

Lugar aos monstros!

Bernard Géniès

COM «O Livro de Freddy», o seu sétimo romance, John Gardner regressa às margens de uma civilização nórdica que já evocara em «Grendel» — relato inspirado em «Beowulf». Desta vez, o romancista americano abandona o mito poético e Idade Média, para transportar o seu leitor ao reino de Gustavo Vasa, isto é, à Suécia do século XVI.

O destino deste soberano já tinha inspirado a Strindberg uma peça de teatro — simplesmente intitulada «Gustavo Vasa» — da qual ele justificava, nas suas «Cartas Abertas ao Teatro Íntimo», o interesse da seguinte forma: «A vida de Gustavo Vasa começa como uma lenda, ou como a história de um milagre, desenvolve-se como um poema épico e torna-se quase impossível de abranger com um simples olhar. Introduzir esta imensa saga numa obra dramática não é evidentemente possível». Consequentemente, o dramaturgo sueco esolheu evocar apenas um dos períodos mais agitados do reinado do soberano, o da revolta de Dacke. É muito provável que Gardner conhecesse esta peça. De qualquer forma, ele escolheu um episódio diferente, igualmente apaixonante, uma vez que se trata da ascensão ao trono e dos primeiros anos do reinado de Gustavo Vasa.

As circunstâncias desta caminhada para o poder não são claras. Depois da morte do regente Sten Sture, o Jovem — que lutava contra Cristiano II, rei da Dinamarca, a fim de retirar a Suécia da União de Kalmar — Gustavo Vasa chega a Dalecarlie, onde consegue levantar um exército, essencialmente composto de camponeses. Depois de vários episódios guerreiros e de variadas manobras diplomáticas — nomeadamente com os representantes da Liga Hanseática — Gustavo Vasa é eleito rei da Suécia, em 6 de Junho de 1523. A nobreza e a Igreja, que retiravam grandes proveitos da presença dinamarquesa, encaram com maus olhos este soberano que não esconde a sua vontade de lhes reduzir os privilégios. Deste facto decorrerão todas as intrigas e revoltas — como a célebre revolta dos Sinos — de que o rei foi vítima.

A Psicopolítica dos Contos de Fadas

Sobre este fundo, John Gardner respeitou integralmente quer os factos, quer a sua cronologia. Só que não e uma história a que ele nos propõe, mas sim várias histórias.

Poderia falar-se aqui de um romance dentro do romance. Esta técnica já o escritort americano a tinha utilizado em «Luz de Outubro» e tornou a utilizá-la no seu último livro, «Mickelsson's Ghost», publicado em Junho passado nos Estados Unidos. O método não tem nada de revolucionário: John dos Passos, entre outros, já o tinha feito. Mas o que há de interessante em John Gardner é a forma como ele apresenta os seus relatos, como se os atirassse uns de encontro aos outros, criando desta maneira uma espécie de diálogo entre os diversos textos.

A acção de «O Livro de Freddy» inicia-se num «campus» universitário. Um professor aparece e pronuncia uma conferência sobre «A Psicopolítica dos Contos de Fadas na Literatura gaulesa atrasa: Feudo, Febre, Fogo — Revolução!». No decurso da sua exposição, o professor Winesap acaba por falar da fascinação popular pelos monstros. Brilhante, exaltado, com um certo desdém pelo seu auditório encantado, o conferencista é literalmente ceifado por um colega que em plena sala anuncia friamente: «Eu tenho um filho que é um monstro». No final da conferência Winesap é apresentado a Freddy, esse adolescente completamente disforme, que vive aferrolhado no seu quarto. É ali que ele escreve o «seu» livro, a história de Gustavo Vasa.

É claro que Freddy enxertou algumas personagens da sua lavra no trama dos acontecimentos. A mais imponente delas chama-se Lars Goren. Este simpático monstro — mede mais de 2,40 metros — é uma espécie de anjo da guarda do soberano: protege-o e aconselha-o. Lars Goren revela-se um homem justo, recto. É certo que ele aceita um pacto com o Diabo para levar Gustavo ao trono, mas desforra-se desse passo em falso acabando por acertar as contas com a suprema incarnação do mal. Outra personagem pitoresca deste relato é o Bispo Brask: está em todos os golpes, em todas as manigâncias. Nunca pára! No entanto, no fim da história, aparece tal como é realmente, isto é, uma consciência do nosso mundo, um reflexo simbolizando todas as contradições do nosso pensamento.

Visto por este ângulo, «O Livro de Freddy» mantém do romance histórico a trama bem constituída onde se sucedem as intrigas e as reviravoltas. Dois aspectos entretanto vêm dar relevo suplementar a esta obra. Primeiro o lugar ocupdo pelo «escritor-sombra». Freddy, John Gardner escreveu algures num dos seus contos: «Nós somos todos iguais quando escrevemos!». Queria dizer com isso, que toda a literatura se situa para além da personalidade física do seu criador. Constatação banal? Quando se lê o retrato de Gardner — «ao lado» — compreende-se o sentido que deve ser dado a esta sua afirmação. Em «O Livro de Freddy», esta verdade assume uma relevância especial, uma vez que ela introduz uma espécie de jogo, de troca, entre o leitor e o escritor visto dos bastidores. Quaisquer que sejam os desenvolvimentos da acção, é impossível deixar de ter presente no espírito a imagem de Freddy, o monstro criador.

O outro aspecto notável deste romance diz respeito à problemática de Gardner. De «A Ressurreição» — o seu primeiro romance publicado em 1966 — até «Mickelsson's Ghost», o escritor americano levantou sempre o problema de um universo desprovido de sentido. «Suponhamos» diz o Bispo Brask «que o mundo não tenha qualquer sentido, absolutamente sentido nenhum». Gardner gosta de sacudir as certezas. Alimenta-se das contradições inerentes à nossa civilização. Daí lhe advém esse lado provocador que constantemente revela quando, por exemplo, evoca os benefícios do que ele apelida de mal. John Gardner entretanto não se arma em juiz. Em suma, semeia a discórdia para colher a dúvida.

Em «O Livro de Freddy» vamos encontrar o John Gardner dos grandes dias, os de «Grendel» onde «O Homem Sol». Transbordante de humor — principalmente na primeira parte — de sensibilidade. Todos os tons servem a este filho pródigo do estilo. Que homem bom! Aguardamos cheios de impaciência a tradução francesa de «Mickelsson's Ghost» o seu último romance, no silêncio, essa planície de eternidade, que devorou num belo dia do último Setembro. Nesse dia John Gardner voltava de moto para casa. Já perto do destino — Susqueanna, Pensilvânia — falhou uma curva.

Retrato de Gardner Um Apaixonado da Escrita

John Gardner tinha na verdade uma maneira de andar engraçada. Um jornalista do «New York Times Magazine» descrevia-o assim: «É um homem pequenino e barrigudo. Com os seus longos cabelos louros que usa caídos pelas costas abaixo parece quase uma mulher grávida procurando fazer-se passar por um Hell's Angel». Isto, sem dúvida explica a corpulência de grande número dos seus heróis.

Nascido em 21 de Junho de 1933 em Batávia, no estado de Nova York, morreu na Pensilvânia, num acidente de moto, em 14 de Setembro passado. John Gardner era um puro produto da Universidade americana. Titular de um doutoramento da Universidade de Iowa, era um apaixonado pela literatura medieval, que ensinou durante vários anos. Além disso, a ele se devem várias edições críticas de Chaucer.

Uma outra paixão de Gardner era escrever. Desde 1978 que ele dirigia um «ciclo de escrita criativa» na Universidade de Binghamton. Resumiu os seus pontos de vista principais neste campo, num ensaio intitulado «On Moral Fiction». Nomeadamente atacava a «imoralidade» da literatura contemporânea.

Publicou o seu primeiro romance — «A ressurreição» — em 1966. O acolhimento da crítica e do público foi fraco, razão porque teve alguma dificuldade em colocar o seu segundo manuscrito, «O Naufrágio de Agaton», aparecido em 1970. Seis outros títulos se lhes seguiram, que progressivamente se colocaram ao nível dos maiores. A sua carreira culminou quando, em 1976, o National Book Critic's Circle Award lhe foi entregue pela «Luz de Outubro». A esta produção romanesca há que ajuntar uma recolha de novelas — «A Indiana do Rei» — e um longo poema épico — «Jason e Medeia», ainda não traduzido para francês.

John Gardner casou em 1958 com uma pianista e compositora, Joan Louise Patterson. Esta colaborava tão estreitamente na redacção dos romances que o escriutor chegou a dizer um dia: «Todas as minhas obras deveriam talvez ser assinadas pelos nossos dois nomes».

Igualmente amador de música, o romancista escreveu os libretos para duas óperas de Joseph Barber. Quando lhe perguntaram, no decorrer de uma entrevista, qual a recordação que ele preferiria deixar, este homem de quarenta e nov anos, brincalhão e interessado, respondeu: «Gostaria que se lembrassem de mim como o maior libretista do século XX».

(Le Monde)

Sete Ponto Sete

SEGUNDA-FEIRA, 10 DE OUTUBRO DE 1983

Paraísos

Atena Parthenos: glória e morte de Fídias

ATENA, filha predilecta de Zeus, surgiu à luz em circunstâncias invulgares. Um dia, esse deus tonante teve conhecimento que o filho da deusa Metis iria arrebatar-lhe o poder sobre o mundo. Pra evitar que tal acontecesse Zeus engoliu Metis; foi, no entanto, acometido de uma terrível dor de cabeça. Para livrar-se do sofrimento mandou que lhe partissem o crânio do qual saíu a formosa e majestosa Atena armada de lança e gládio, na cabeça um elmo resplandecente.

Esta lenda mitológica está reproduzida no mármore do frontão da Academia das Ciências, no centro da capital. da Grécia. Mesmo diante da fachada do edifício, no cimo de uma coluna está Atena, protectora das urbes, deusa da sabedoria e do pensamento, guerreira invencível. Sobre outra coluna encontra-se a estátua de Apolo, deus da luz e padroeiro das artes.

Aqui á a Praça da Academia cujo edifício foi construído pelo arquitecto dinamarquês T. Hansen. É um dos monumentos da Atenas moderna, surgida nos anos 20 do sec. XIX e que o turista visitará a caminho do objectivo final da sua peregrinação à capital grega: a Acrópole, a cidade alta, panorama constante aos olhos do forasteiro.

Para visitar a Acrópole, o turista mune-se à entrada de um bilhete verde que tem impresso a Acrópole e a figura de Péricles. Seguido, invariavelmente, por um grupo de japoneses artilhados com sofisticadas e numerosas máquinas fotográficas, pisa com emoção as lajes de mármore liso do Propileus que se abre sobre uma praça juncada de ruínas de monumentos antigos.

Descrever este vasto pórtico pelo qual se entra na Acrópole, onde se encontram, além do Parténon, o mais impressionante dos templos gregos dedicado a Atenas Parthenos — a Minerva dos romanos — o Erecteion, obra-prima da arquitectura jónica e Erecteu, rei lendário e herói de Atenas, o templo de Vitória Aptera e o Museu da Acrópole daria uma leitura interessante. Mas não se reveste, certamente, de menos interesse, contar a história da Acrópole, símbolo da cultura mundial destruídos pelos séculos e onde os pórticos, as colunas, os frisos destruídos pelos séculos e pela barbárie ainda que tenham perdido há muito grande parte da sua beleza preservaram o génio e o pensamento dos mestres da Antiguidade.

A História tem gravados os nomes do seus criadores entre os quais á especialmnte realçado: Fídias, escultor genial, amigo íntimo de Péricles que deixou o seu nome ligado ao século de ouro da Grécia (495-429 AC). Esse grande mestre dirigiu os hábeis artistas que transformaram uma cidadela arrasada pelos persas num conjunto arquitectónico insuperável.

Antes do Partenon ser construído, Fídias esculpiu para a Acrópole uma gigantesca estátua de bronze de Atena Promachos (A Guerreira) que lhe granjeou a glória. Com os seus discípulos decorou depois o Paternon que recebeu Atena Parthenos (A Virgem) obra-prima de Fídias.

Do santuário não restou senão um muro tendo ao centro uma alta abertura e será necessária muita imaginação para pensar como seria deslumbrante, abrigada na penumbra da sala coberta por preciosos adornos, a majestsa estátua da deusa, com 12 metros de altura.

Lamentavelmente, a arrogante e toda-poderosa Atena não conseguiu proteger nem o seu templo, nem a sua imagem, nem o seu criador. Paradoxalmente, a obra que imortalizou Fídias viria a desempenhar um papel fatídico no seu destino.

Atena uma vida de mil anos

Perseguido pela inveja, o escultor foi acusado de ter roubado materiais destinados ao seu trabalho. Esculpida numa madeira muito dura, a estátua era revestida de folhas de ouro e placas de marfim. Mas depois de conferirem o peso das vestes douradas de Atena, operação que levou à deslocação das placas douradas, os juízes não detectaram qualquer desvio dos materiais. Não obstante, a inveja, relata Plutarco, não deixou de perseguir Fídias. Foi seguidamente acusado de sacrílogo e profanador da deusa: ao representar a batalha dos gregos contra as amazonas, no escudo de Atena, o escultor dera os seus traços fisionómicos a um dos combatentes — um velho calvo levantando uma pedra e deu a um outro guerreiro, armado de lança, a figura de Péricles.

Os ataques a Fídias eram incentivados pelos inimigos de Péricles. O escultor acabou por ser lançado na prisão onde, tudo faz supor, encontrou a morte. Esta versão de Plutarco é compartilhada por muitos historiadores.

A estátua de Atena sobreviveu mil anos ao seu criador. Os dez séculos até à época bizantina passaram sobre a Acrópole quase sem deixar vestígios. A concepção deste conjunto arquitectónico era tão perfeita que os romanos que dominaram a Grécia não ousaram, durante muito tempo, perturbar a sua harmonia com novas construções. Contentaram-se em ornamentá-la com algumas estátuas e baixos-relevos.

Embora tivesse perdido todo o anterior poderio. Atena continuava a infundir respeito e permanência como centro importante da cultura helenística. Os romanos, apesar de terem saqueado as suas riquezas artísticas, consideravam um dever proteger Atenas.

A partir do século VI, a antiga capital grega é uma cidade provincial do vasto império Bizantino. As obras artísticas são levadas para Constantinopla e, aí, foram posteriormente destruídas, as estátuas de Atena Promachos e Atena Parthenos de Fídias. Muitos templos antigos, entre os quais o Partenon e o Erecteion, foram transformados em igrejas cristãs, operação que os deixou praticamente destituídos das suas linhas primitivas.

Depois da queda de Constantinopla, os novos conquistadores fizeram da Acrópole uma fortaleza e foi várias vezes sitiada.

Em 1656, 200 anos depois da conquista de Atenas pelos turcos, que fizeram do Partenon uma mesquita, do Erecteion um harém, e do Propileus casernas e um paiol de pólvora, uma explosão acidental varreu toda a parte central do pórtico.

Para a Acrópole começam os dias negros. Preparando-se para rechaçar um ataque dos venezianos, os turcos desmantelaram o templo de Vitória Atena utilizando as pedras na construção de bastiões. Mas um desertor informou os venezianos da existência no Partenon de um depósito de pólvora. Uma única bala de canhão disparada a 26 de Setembro de 1687 bastou para destruir uma das mais grandiosas obras da arquitectura antiga.

Despido, praticamente, de todas as suas esculturas, semidestrído, o Partenon, outrora de alvura imaculada, coberto agora de «pátine» amarelada, continua a surpreender com a harmonia das suas linhas e proporções.

O que não fizeram os godos...

Nos inícios do século XIX, uma nova infelicidade caiu sobre a Acrópole: foi impiedosamente pilhada por admiradores «esclarecidos» das artes antigas. Já nos anos 80 do século XVIII, Choiseul-Gouffier, embaixador francês no Império Otomano, encomendara a um agente de «subtrair de Atenas e dos arredores tudo quanto fosse possível subtrair». Foi assim que vários baixos-relevos do Partenon foram parar a França.

Quanto ao embaixador britânico, Lorde Elgin, a sua empresa assentou em bases mais «sérias», obteve dos funcionários turcos a autorização para levar da Acrópole «uns fragmentos de pedras antigas, com inscrições e figuras, e expediu para o Reino Unido 12 estátuas de mármore dos frontões do Partenon, algumas dezenas de lajes dos seus frisos, uma cariátide do pórtico do Erecteion, entre outras peças, que mais tarde foram vendidas ao Museu Britânico.

O saque da Acrópole provocou indignação entre as personalidades progressistas da época. Lorde Byron referia-se à «proeza» daquele lorde de origem escocesa com uma frase que ficou célebre: «O que não fizeram os godos, fizeram-no os escoceses». E, ainda hoje, os descendentes do empreendedor aristocrata se sentem com pleno direito ao espólio retirado da Grécia, afirmando que Elgin agiu inspirado pelos mais nobres ideais: retirou as esculturas dos templos da Acrópole para as salvaguardar da demolição e do «vandalismo»...

Atena (estátua de bronze, século V a.C., Museu Britânico, Londres)

Nos últimos anos, o governo grego tem-se dirigido reiteradamente ao Reino Unido para exigir a devolução dos seus bens legítimos. Pedido semelhante foi enviado a Londres pelo Cairo, para que fossem restituídos ao Egipto os fragmentos da barba da famosa esfinge de Gizé. Depois de prolongadas negociações, o Museu Britânico acedeu em devolver a relíquia. Quanto às estátuas de mármore da Acrópole continuam sob a «protecção» britânica.

As duas faces de Atenas

No extremo leste da Acrópole, num terreiro cercado por ameias flutua a bandeira azul-clara e branca dos gregos.

Lá em baixo espraia-se Atenas, a mais velha cidade da Europa, mas também uma das capitais mais modernas, totalmente reconstruída nos anos vinte do século passado, quando o povo grego sacudiu o jugo estrangeiro de quase quatro séculos.

Sob o Império Otomano, Atenas não passava de uma grande aldeia. Nas vésperas da libertação contava apenas com alguns milhares de habitantes. A recordar esta época ficou «Placa», a parte mais antiga da cidade incrustada nos declives da Acrópole de onde não se vislumbram mais do que os telhados do casario.

Se descer até esse bairro medieval, o visitante embrenhar-se-á por ruelas sinuosas para onde abrem pequenas tabernas. Há-as para todos os gostos e todas as bolsas. Algumas, bastante modestas, são local de encontro dos operários que vêm ao fim do dia conversar diante de um copo «retsina», vinho que é feito, segundo uma tradição muito antiga, com gotas de resina, que serve para o conservar. Outras são frequentadas por escritores, poetas e artistas. A par das tabernas populares existem aquelas onde o salário de um dia de um trabalhador não chega para pagar uma garrafa de vinho.

Limítrofe com Placa, partem em triângulo os bairros residenciais da «cidade nova» construídos no século passado.

A Atenas do século XIX é obra dos arquitectos S. Kleantis e E. Schaubert, que tentaram manter o estilo de metrópole antiga na nova capital. As suas principais obras de arte são os edifícios da Universidade, da Biblioteca Nacional e da Academia, belos exemplares do estilo neoclássico. Estes edifícios de mármore branco, com colunas e esculturas, sobressaem dos edifícios adjacentes da rua da Universidade, que embora tenha sido construída no mesmo quarto do século XIX, acabou por adquirir, tal como as ruas vizinhas, do Estádio e da Academia, um aspecto moderno.

Sobre a cidade levantam-se aqui e ali alguns arranha-céus que não são aceites por todos de bom grado. Antigamente, as majestosas ruínas da Acrópole eram vsíveis de quase todos os pontos da capital. Era proibido construir edifícios com mais de oito andares, para que não ocultassem o panorama do Partenon e do Erecteion. Mas, a verdade é que mesmo as construções de sete andares levantadas nas ruas centrais eclipsaram a Acrópole de ambos os lados da cidade. O hotel de dez andares, construído no início da década de 60, na Avenida da Rainha Sofia, com o dinheiro do magnate americano Hilton poderia, talvez, enquadrar-se numa outra cidade. Aqui, na capital da Hélade, é um desafio à harmonia tão altamente prezada pelos arquitectos da Antiguidade.

A «morte» do mármore

Mas não foram apenas o tempo inclemente, a má-vontade dos invasores e a voracidade dos bárbaros «esclarecidos» que deixaram as suas nefastas marcas na Acrópole. As doenças típicas do século XX causam prejuízos irreparáveis aos monumentos.

Atenas é hoje o maior centro industrial da Grécia, empregando metade dos trabalhadores da indústria do país. O porto de Pireu, com as suas numerosas fábricas forma praticamente um todo com Atenas. Do rochedo da Acrópole podem observar-se as colunas de fumo projectadas pelas chaminés das fábricas a formarem uma nuvem cinzenta que o vento arrasta em direcção à cidade.

Para a poluição do ar contribuem os escapes dos 600 mil automóveis, o carvão e o mazute queimados nos fogões e nos aquecimentos das casas. Mal os ventos levam uma nuvem de «smog» uma nova se forma sobre a cidade.

Há alguns anos, o governo grego elaborou, com ajuda da UNESCO, um programa a longo prazo para salvar a Acrópole. Previa-se a evacuação dos seus arredores das empresas contaminadoras da atmosfera, ou a montagem de um sistema de aquecimento a gás e a interdição dos automóveis nas imediações dos monumentos. Os turistas seriam transportados em tróleis, em vez de autocarros, como agora. Trata-se de uma medida importante, uma vez que a Acrópole é visitada anualmente por três milhões de pessoas, tanto como o número de habitantes de Atenas.

Estes planos aguardam a sua concretização. Entretanto as autoridades já limitaram o trânsito automóvel nas ruas da capital, começaram a circular os troleicarros, se bem que ainda não tenham conseguido substituir, por completo, os autocarros turísticos.

Os conservadores e restauradores da Acrópole têm vindo a tomar algumas medidas, retiraram para museus, a fim de as salvar da completa deterioração, algumas peças entre elas as cariátide ainda intactas do Erecteion. No seu lugar colocaram-se cópias. Vão ser renovados os ganchos de ferro e as vigas com que nos primórdios deste século se tentou preservar os templos da progressiva deterioração. Ao longo de decénios, o ferro ficou oxidado e o mármore foi também atacado pela ferrugem. Os novos suportes serão de titânio, material imune à corrosão. Esses e outros trabalhos urgentes já começaram no Erecteion, que fechou aos visitantes. (NOVOSTI).

Infernos

Luís Andrade de Sá

Imaculada Enunciação

ESCOLHER (ex-colligere) é sempre um acto não inocente, uma aposta discriminatória que, mesmo nos casos em que não há razões aparentes para se ter preferido uma atitude a outra, provém de razões palpáveis ou intuitivas, decorrendo destas últimas o maior grau de dificuldade na opção a tomar. É, mais difícil escolher pelo papá ou pela mamã que entre Direita e Esquerda e muitas vezes se criam situações embaraçosas pela absoluta falta de feeling de que escolhe, como é, por exemplo, o caso de certos relatos radiofónicos de futebol em que a transmissão alterna entre dois estádios sem nunca conseguir apanhar, em directo, os golos que se vão marcando.

Vem tudo isto a propósito do que deveria ser hoje o tema de *Imaculada Enunciação*. Inicialmente, estava prevista uma introdução do leitor no excitante mundo da nomenclatura canina, percorrendo-se a evolução dos nomes próprios atribuídos aos cães de há uns anos a esta parte. Ou seja, de como as raças permanecem incólumes à variedade e aos sucessivos nomes pelos quais os seus membros se atiram à água em busca de um pau ou são forçados a ficarem quietos.

Ler a relação os cães inscritos nas Câmaras Municipais equivale a passar uma tarde num consultório de pediatria: Já não há o Bobby, nem o Benfica nem o Tarzan, extinguiram-se como o José, o Manuel, o Carlos e o António. Hoje, os meninos Bruno, Frederico, Carina, Andrea e Lea brincam com os seus cães João Sebastião Bach, Kanmdinsky, Dantas, Careta e Stromberg.

Era um tema interessante para aqui ser tratado mas foi abandonado quando, a meio da semana, se soube que o FMI iria conceder mais um empréstimo ao nosso País. Estavam reunidas as condições de miserabilizar a crónica, fazendo-a peregrinar os caixotes de lixo dos bairros, constituindo um roteiro hierárquico do lixo que se fosse encontrando. Há dificuldade de se ter de competir com a eficiente e rápida frota lixeira da C.M.L., opunha-se o aliciante da pesquisa e o inesperado das múltiplas questões que tal investigação levanta. Nem sequer era uma proposta original, há muito que a sociologia devassa e analisa o conteúdo dos caixotes de lixo, marcando os ritmos de desperdício na sociedade da abundância, mas, antes, o jogo que se propunha e pelo qual o leitor poderia, vasculhando os latões, comparar, por exemplo, as marcas do vasilhame encontrado em Alvalade com o do Paço do Lumiar.

Todavia, esta semana que findou também foi a semana em que o ministro Rui Machete saiu do anonimato em que se encontrava desde a candidatura de Soares Carneiro e, sem o saber, alterou, por isso, o enunciado desta crónica:

Drogas: Haxixe, preços ebtre 170.00 e 250.00, aumentando a qualidade com o preço; Erva, de 80.00 a 120.00; Coca, entre os 8000.00 e os 13000.00; Ácidos (ringos, Mickey Mouse, Pink Floyd, Hello Sunshine, Superman, Estrela Vermelha, Vulcões Verdes, etc.) de 600.00 a 1400.00; Speeds e drunfs, de 50.00 a 70.00; o comprimido.

Com a nova legislação anti-estupefaciente, já apresentada em Conselho de Ministros, o consumo de droga envolve novos e maiores riscos, o que só vem provar que a droga é perigosa, não já somente do ponto de vista da factura a pagar pelo prazer, a consequente habituação que torna difícil discernir a porção exacta, suficiente para o êxtase, mas também pelas severas punições que são propostas pela nova lei. Ao contrário da actual tendência dos países europeus, e não apenas, que se dispõem a despenalizar o consumo e até, como em Espanha, a posse de pequenas quantidades de drogas leves, o decreto-lei proposto pelo Ministro da Justiça, nem sequer distingue entre drogas leves e duras, metendo no mesmo saco os consumidores e traficantes de haxixe e de cavalo, com o argumento de o consumo de droga ter vindo a aumentar no nosso país e a cobertura científica de «alguns especialistas da ONU».

Ou seja, quando se esperava para breve a despenalização do consumo das chamadas drogas leves, dada a universalização do seu consumo, o governo, com esse mesmo argumento, de que a consumpção aumenta, propõe penas de prisão até 3 meses para os consumidores. Como se a cadeia fosse reeducação, como se o consumir fosse anómalo.

É uma Lei dura, exemplar, disjunta da realidade dos factos, feita à medida dos leitores dos jornais sensacionalistas, sequiosos de assaltos à mão armada, atentos e venerandos a quem ponha cobro a uma situação, fictícia, de anarquia social, mas que não irá ser aplicada pela razão mais simples de não haver cadeias que cheguem para enclausurar todos os que, de uma forma ou de outra, provam o elixir.

O que irá suceder é o habitual neste tipo de «extinções» administrativas: aplica-se exemplarmente a Lei em dois ou três casos, cria-se meia dúzia de mártires, durante uns meses afugentaram-se os fantasmas e, depois, aparece alguém na Televisão a dizer que o consumo de droga diminuiu no nosso País. Contudo, o que, efectivamente, irá baixar é o poder de aquisição da droga, já que comn estes riscos o tráfico irá certamente encarecer o produto.

Há ainda um outro aspecto curioso na nova Lei, que é o que diz respeito ao incitamento ao consumo, punido com prisão de um a três anos. Não se trata apenas de reprimir eventuais militantes da despenalização da droga, como já acontece, mesmo sem a Lei vigorar, a alguns activistas da despenalização, vigiados pela Judiciária, como, aliás, o «Diário de Lisboa» noticiou, mas também, e de acordo com o espírito da LKei, serão passíveis de punição os portadores de camisetas, budgets, portachaves, autocolantes, etc., que, parodiando o grafismo da Coca-Cola, anunciam Enjoy Cocaine ou os outros que, frequentemente, pela tatuagem publicitam o título da canção do Ian Dury, «Sex and druggs and rock'n roll».

SANÇÕES: Chefe de rede de traficantes, de 12 a 18 anos de cadeia; membro, de 10 a 16 anos; traficantes, de 6 a 12 anos de prisão; traficante consumidor, até 1 ano; Consumidores, até 90 dias de cadeia; incitamento ao consumo, de 1 a três anos de reclusão.

Glauber Rocha e o mito do Gigante Adamastor

Manuel Carvalheiro

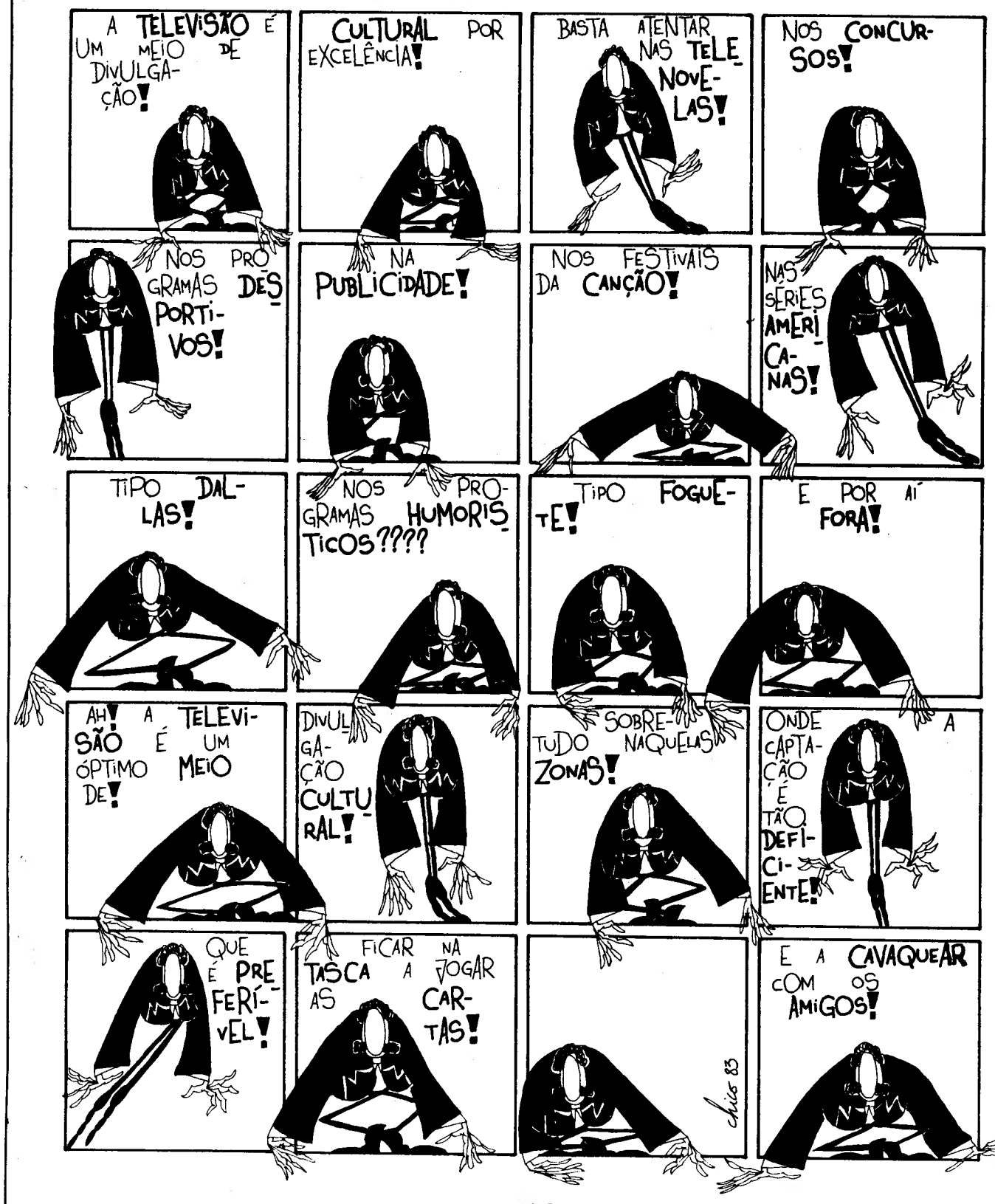
O cineasta brasileiro Glauber Rocha era filho de um antigo combatente da Coluna Prestes. Seu pai, Adamastor Rocha, faleceu sem poder ver o último filme do filho «A Idade da Terra», como este muito desejava. Na primeira versão deste fresco cinematográfico, incompreendido no Festival de Veneza de 1980, o que muito contribuiu para o agravar da sua doença, como me disse Adriano Apprà que nessa altura o levou ao hospital após uma crise em Roma, havia seis horas montadas. Contou-me o produtor francês Claude Antoine, que Glauber lhe tinha por duas vezes mandado viagens gratuitas de avião para que este pudesse vir dar uma saltada ao Rio e dizer o que pensava da fita. Mas Claude Antoine, que produzira outrora «António das Mortes», recusara a expedição, porque achava impossível a distribuição de um filme com uma tal duração. Depois do falecimento de Glauber, a 22 de Agosto de 1981, arrependera-se de ter tido essa atitude, achando assim que, como testamento cinematográfico, «A Idade da Terra» talvez fosse mais compreensível com essa duração, na altura achada monstruosa. Também durante o Festival de Cannes de 1964, pouco tempo após o golpe contra o governo de João Goulart «Deus e o Diabo na Terra do Sol» foi exibido com mais cerca de vinte minutos do que as cópias que depois foram vendidas um pouco por todo o mundo. Observadores acham que se Glauber tivesse cortado a parte logo a seguir ao início do filme, que tem essa duração e na altura considerada responsável pelo lento desenvolvimento do filme, provavelmente teria a fita sido considerada nos palmarés. Mas Glauber teimou em não cortar e não teve o prémio que poderia ter tido. Depois do festival, acedeu a tal e o filme foi premiado em festivais seguintes, embora de menor importância. A teimosia genial de Glauber era uma arma de dois gumes. Por ser teimoso, este filho de um construtor civil e de uma senhora que passou a costurar para fora por invalidez do marido após grave acidente de viação, conseguiu ser cineasta. Glauber confidenciou-me, um pouco em tom de charla, mas certamente com algo de verdade, que a primeira tragédia na sua família foi a morte por leucemia da sua primeira irmã. Quando a menina estava considerada perdida pelos médicos, para a consolarem disseram-lhe que ia ser uma santa e por isso a vestiram como tal. Há muito de comum entre a santa de «António das Mortes» e a irmã que faltara a Glauber quando este era menino. De resto, Glauber chegou a viver com a actriz Rosa Maria Penna, que interpretara esse papel no filme mais tarde premiado em Cannes, em 1969. Contou-me Glauber em Sintra, numa bela tarde de Primavera em 1981, poucos meses antes de falecer, que quando o pai estava inválido numa cadeira de rodas, após o desastre, pegava no cinto e dava-lhe com ele nas costas, para que o menino terrível baiano conhecesse as estrofes de «Os Lusíadas» de Camões. A cultura portuguesa entrara-lhe, assim pela via da repressão paterna. É evidente que a descrição um pouco felliniana da sua infância, terá de ser muito cuidadosamente considerada por futuros biógrafos seus. O que eu aqui digo, poderá ser pista importante, mas que terá de ser avaliada no terreno, com inquérito às pessoas ainda vivas e que conheceram ou partilharam da sua infância. Com cerca de quinze anos Glauber escreve o seu primeiro artigo, «A brutalidade no cinema hollywoodiano», num jornal da Baía orientado por alguém muito aberto à juventude mas de filosofia fascisante. A pessoa que levou a sua primeira longa-metragem para o Festival de Karlovy Vary na Checoslováquia, iludindo o cerco oficial dos mandarins culturais brasileiros aconchegados hipocritamente ao governo de Jango, foi o baiano Guido Araújo, hoje responsável por um certame anual de curta-metragem na Baía e que viveu alguns anos na Checoslováquia durante o período mais negro da ditadura. «Barravento» na Checoslováquia foi ideia de Araújo, a quem no entanto Glauber no fim da vida apelidava de «censor», embora o amigo não se importasse e fosse dos primeiros a tecer-lhe uma homanegem nas páginas de um suplemento literário baiano após a sua morte. Fui encontrar Guido Araújo no Festival de Lille em Março de 1982, quando lá apresentei a curta «Abecedário», que fizera em Paris poucos dias antes de Glauber vir para em meados de 1981. Uma das coisas que me surpreendeu muito em Glauber Rocha foi ele uma vez contar-me, caminhando pela Rua do Ouro em Lisboa, que nunca tinha visto um filme de Mizogushi. E, no entanto, «Deus e o Diabo na Terra do Sol» está impregnado pela estética japonesa, quer de «Amantes Crucificados» quer de «O Intendente Sancho», este último a meu ver a obra-prima do mestre nipónico e não «Contos da Lua Vaga», mais próximo do imaginário existencialista dos rapazes dos «Cahiers du Cinema» nos anos cinquenta.

No entanto, uma senhora muito conhecida pelos festivais internacionais, a quem Glauber pusera o nome de Madame Kavafyta, por não saber reproduzir os fonemas japoneses, não se enganara ao ser das primeiras distribuidoras mundiais a comprar uma cópia de «Deus e o Dia bo na Terra do Sol». A cultura portuguesa para ele, era essencialmente Ferreira de Castro. Visitou um sem-número de vezes o museu em Sintra, quando morava na Casa das Minas, uma extraordinária vivenda que lhe fora arranjada por intermédio do antigo hoquista Raio, proprietário do Hotel Central, onde Glauber viveu um mês. O seu melhor amigo em Sintra era o guarda do Museu Ferreira de Castro, de resto museu filmado várias vezes em super-8, pela fotógrafa Paula Gaetan, mulher do cineasta. Embora admirasse o cineasta português Fernando Lopes, ficou chocado uma vez durante as filmagens de «O Estado das Coisas» de Wim Wenders, passando-se esta cena à minha frente, quando Lopes lhe retorquiu considerar o escritor «um chato». É nessa altura que Lopes o convida a almoçar em sua casa na Avenida dos Estados Unidos da América, aceitando Glauber com a condição de o virem buscar a Sintra. A foto que o «Diário de Notícias» publica a acompanhar um artigo de Lauro António incipientemente necrológico, poucos dias após o falecimento de Glauber, foi tirada durante esse almoço e não em 1980, como surgiu erradamente no púsculo organizado pelo crítico de «El País», Augusto M. Torres, trabalhinho escandalosamente antiglauberiano publicado pelo Festival de Huelva em finais de 1981. Nessa foto, vêem-se os cineastas Fernando Lopes, Fonseca e Costa, Paulo Rocha e Cunha Telles rodeando Glauber que está de punho erguido, recordando simbolicamente a sua aderência – e foi dos primeiros – à Revolução Portuguesa de 1974/75.

Uma vez, pergunta-me Glauber o que é que significava o mito do Gigante, Adamastor. E eu dei-lhe a minha versão: o Gigante Adamastor nos «Lusíadas», era uma rocha enorme que nas noites de tempestade se transformava em colossal ser humano e afundava as caravelas que passassem pelo Cabo Bojador, no sul da África, em demanda do caminho marítimo para a Índia. Sem o saber, despertei-lhe o seu interesse pelo revelar-me as histórias pessoais com alguns segredos profissionais bem escondidos entre o inconsciente e o subconsciente. O pai de Glauber chamava-se Adamastor Rocha e fora um militar antifascista. Quando o cineasta brasileiro foi uma vez a Moscovo visitar o Gabinete Einstein, pediu também para ter um encontro com Luís Carlos Prestes. E este veio. Nesse Gabinete Glauber conhece por acaso a crítica americana Annette Michelson, que me contou o seu encontro com ele. Mas era em Nova Iorque que vivia e ainda vive o grande amigo de infância de Glauber, Fabiano Canosa, director da programação cinematográfica do «Public Theatre», em Greewhich Village. A casa de Fabiano na rua Noventa e Nove, em West End, é um autêntico museu vivo sobre tudo o que se possa saber do autor de «Terra em Transe»

Sete Ponto Sete

doces crónicas



O Expresso do Oriente 100 anos depois

Um comboio «chamado desejo», segundo uns, uma espécie de diva ferroviária que perpetuamente se despede, segundo outros, mais incontestavelmente um bom investimento financeiro hoje, o Expresso do Oriente festejou recentemente em Paris os seus 100 anos de existência.

Agonizante nos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, transformando-se depois, lentamente, num comboio banal, o Expresso do Oriente reencontra agora o seu luxo de outras eras para prazer de alguns nostálgicos com dinheiro.

A Agência Jules Vernes, que tem sede em Londres, assegurou a partida da Gare de L'Est de um Expresso do Oriente vindo do passado que, puxado por uma locomotiva a vapor datando de 1922, transportará nos próximos meses 110 passageiros de oito nacionalidades diferentes. O Expresso levará 15 dias para chegar a Istambul, via Estrasburgo, Salzburgo, Budapeste e Bucareste.

Apesar da crise económica, os organizadores afirmam que os cerca de 100 lugares a 1350 libras para Paris-Istambul foram todos vendidos em 48 horas. Não foram poupados os esforços para conseguir um máximo de conforto e autenticidade. Os vagões Pullman e o bar-dancing são dos anos 30, embora delicadamente restaurados.

Por outro lado, um outro organismo propõe também viagens a bordo de prestigiosos comboios que farão a linha Londres-Veneza, reconstituindo o «Expresso do Oriente de Veneza».

O Paris-Istambul deixou a Gare de L'Est na 3.ª-feira, às 18 horas, no meio de fanfarras e nuvens de vapor. Algumas horas depois, às 21,45, chegou o outro comboio, vindo de Londres e recebido por figurantes com vestuário de 1883: vendedores de postais, de flores, de jornais e evidentemente fanfarras.

Questão de horários ou «diplomacia ferroviária» em solo francês, a coincidência que faria com que os dois comboios concorrentes se encontrassem na mesma gare à mesma hora, parece ter sido cuidadosamente evitada para não acordar os fantasmas de um mundo inevitavelmente desaparecido.

Clip

Desde há algum tempo, a chamada «cultura de esquerda» diz sempre que sim a tudo quanto aparece no horizonte cultural. Venha de onde vier: rock da pesada, catolicismo polaco, semiótica americana, cripto mitologia, etc. Também não é bom dizer sempre que não, mas disso estão livres, por pobreza de ideologia (como se diz da pobreza de sangue), os precários publicistas que enchem as nossas folhas de prosas excelentes, cultíssimas, informadíssimas e sabem todas as coisas que é bonito saber hoje e provavelmente ainda amanhã. Só têm um defeito: são absolutamente previsíveis e quem ler um fica com os outros lidos. Daí a voga das histórias aos quadradinhos...

● O Teatro Municipal de Madrid apresenta, por estes dias, «A Tempestade» de Shakespeare, com Nuria Espert; o Teatro Municipal de Lisboa leva «Annie», de... (não sabemos de quem), com Nicolau Breyner. Tal facto não serve de indicador seguro para exprimir a diferença que separa os teatros espanhol e português, mas mostra certamente a distância que vai de Enrique Tierno, alcaíde de Madrid, a Krus Abecasis, presidente da Câmara Municipal de Lisboa. O curioso é que ambas as críticas (a espanhola para o Shakespeare e a portuguesa para a «Annie») classificaram as duas montagens de «grandes espectáculos», e aqui ficamos a pensar que, se é justo cobrar um conto a cada português que vai ao estrangeiro, seria justíssimo cobrar dois contos a cada crítico que atravessa a fronteira.

● O latim vai poder ser estudado através das histórias do Pato Donald. O Padre salesiano catalão Josep Mir decidiu traduzir as aventuras desta célebre personagem de Walt Disney para ajudar os seus alunos a aprender latim. A primeira história a publicar intitula-se «O Pato Donald e a noite do sarraceno», calculando-se que sejam editados 400 mil exemplares por mês desta série de latim em quadradinhos. O Padre Josep Mir pretende também futuramente utilizar as aventuras de D. Quixote, de Cervantes, para o mesmo efeito. Este padre, sim, sabe o que é trabalhar para um mercado. Dar Cervantes em latim, em histórias aos quadradinhos e do mesmo possa ter transformar boa literatura, que nos fala do gosto de um único indivíduo, em «best-seller», que se dirige ao gosto de muitos é milagre que fazia cá falta. O dr. Mário Soares devia contratar imediatamente o Padre Mir: em poucas semanas convencia toda a gente de que a política do governo é de esquerda e socialista.